

LIDERANÇA , ESPIRITUAL

J OSWALD SANDERS

Índice

PREFÁCIO	5
1. Uma Boa Ambição	7
2. A Procura por Líderes	11
3. O Princípio Mestre do Mestre	15
4. Liderança Natural e Liderança Espiritual	20
5. Critérios de Potencial de Liderança	27
6. Algumas Luzes de Paulo Sobre Liderança	31
7. Luzes de Pedro Sobre Liderança	39
8. Qualidades Essenciais à Liderança — 1	43
9. Qualidades Essenciais à Liderança — 2	58
10. A Exigência Indispensável	69
11. A Vida de Oração do Líder	74
12. O Líder e seu Tempo	82
13. O Líder e seus Hábitos de Leitura	89
14. Melhorando o Potencial de Liderança	97
15. O Custo da Liderança	103
16. As Responsabilidades da Liderança	112
17. Testes Minuciosos da Liderança	117
18. A Arte de Delegar	123
19. Substituição de Líderes	128
20. A Reprodução de Líderes	132
21. Os Perigos Peculiares da Liderança	137
22. Neemias, Líder Exemplar	147

Prefácio

Os princípios de liderança, tanto no âmbito temporal como no espiritual, são apresentados e ilustrados, abundantemente, nas Sagradas Escrituras e nas biografias de eminentes homens de Deus. Nem todos os leitores terão livre acesso a muitas das biografias de onde tais ilustrações são tiradas. Por isso, o autor sentiu-se motivado a incluir alguns incidentes apropriados das vidas de homens cuja liderança tem sido um sucesso incomum. Sempre que possível, indicaremos as fontes. No caso de referências de escrituras mencionaremos sempre a Edição Revista e Atualizada, especificando, porém, quaisquer outras traduções que o autor julgar mais esclarecedoras.

Este livro está sendo apresentado com o propósito de ajudar até os crentes novos, em cujo coração o Espírito Santo está trabalhando, a criarem uma ambição santificada: colocarem todos os seus talentos e recursos à disposição do Redentor. Se, todavia, houver algo que faça reacender aspirações, e cristalizar novos propósitos nos corações de outras pessoas, ao longo da estrada do aprendizado da liderança, ter-se-á cumprido o objetivo deste livro.

1

Uma Boa Ambição

*Se um homem deseja ser pastor, tem uma boa ambição.**

1 TIMÓTEO 3:1

E procuras tu grandezas? Não as procures.

JEREMIAS 45:5

A afirmativa de Paulo de que o desejo pela liderança é uma boa ambição não será aceita por todos os crentes sem alguma reserva. Não é o cargo que procura o homem, ao invés de o homem procurar o cargo? Não é perigoso colocar um homem ambicioso na liderança? Certamente não é pequena a verdade da expressão: a ambição é “a última enfermidade das mentes nobres”. Não expressou Shakespeare uma profunda verdade, quando fez Wolsey dizer:

“Cromwell, rogo-te, atira longe as ambições;
por este pecado os anjos caíram; como pode
o homem então, a imagem daquele que o criou,
esperar ter lucro mediante as ambições”?

Não podemos negar que há ambições merecedoras destas restrições. Contudo, há ambições dignas de serem alimentadas, por serem nobres. Quando as duas passagens que funcionam como título deste capítulo são mantidas em constante tensão por aquela pessoa que deseja ser eficiente na obra de Deus, e realizar o mais alto potencial de sua vida, não é preciso temer os resultados dessa ambição.

Ao avaliar o “excelente trabalho”, ou a boa ambição de que Paulo fala, vários fatores devem ser mantidos em mente. Acostumamo-nos a

* Mais literalmente: “líder da igreja” (A Bíblia Viva, rodapé).

examinar a declaração de Paulo à luz da honra e do prestígio que sobrevêm àqueles, em nossos dias, que ocupam posições de liderança na igreja. Contudo, quando Paulo escreveu, as condições eram muito diferentes. O cargo de bispo, ou superintendente, naquela ocasião, longe de ser cargo ambicionado, e trabalho fácil, freqüentemente significava grandes perigos e pesadas responsabilidades. Muitas vezes, a recompensa eram as provações, o menosprezo e a rejeição. Nas épocas de perseguição, o líder atraía o fogo, sendo o primeiro a sofrer.

Lida à luz destas condições, a declaração de Paulo não parece tão cheia de perigos, como poderíamos imaginar de início. Os charlatões e os amantes de cargos não teriam coragem de enfrentar um compromisso tão oneroso. Em face de circunstâncias tão desencorajadoras, Paulo achou necessário, e certo, dar algum incentivo à liderança, e pronunciar uma palavra de encorajamento apreciativo àqueles que estavam dispostos a correr os riscos da liderança. Isto explica suas palavras: “se um homem deseja ser pastor, tem uma boa ambição.”

Esta situação repete-se hoje. Os que mais sofreram nas mãos dos comunistas na China foram os líderes da igreja. Foi o pastor do Pequeno Rebanho, no Nepal, quem sofreu muitos anos na prisão, enquanto os membros da igreja foram soltos bem cedo. Em muitos países da atualidade a liderança espiritual não é cargo rendoso destituído de obrigações severas.

Devemos observar que Paulo não atribui honra e nobreza ao *cargo* de liderança, mas à *função* de liderança. Esta é a mais privilegiada função do mundo. Seu caráter glorioso deve ser um incentivo para que a ambicionemos, porque, quando almejada pelos motivos mais altos, produz dividendos temporais e eternos. Nos dias de Paulo, somente um profundo amor a Cristo, e um genuíno interesse por Sua igreja dariam à pessoa uma motivação suficientemente poderosa para ambicionar uma função de liderança. Contudo, em muitos países, hoje, a liderança cristã confere prestígio e privilégios, de tal forma que uma ambição indigna pode, facilmente, levar homens carnavais e egoístas a ambicionarem cargos de liderança.

É exatamente esse fato que torna o conselho de Jeremias a Baruque tão pertinente: “procuras tu grandezas? Não as procures”. O profeta não está admoestando contra a ambição em si mesma, mas contra a ambição *egoísta* — “grandezas *para ti mesmo*”. Desejar grandezas não é, necessariamente, pecado, em si mesmo. É a motivação que determina o caráter pecaminoso. O Senhor Jesus não condenou a aspiração às grandezas, mas decididamente Ele desmascarou e condenou a motivação indigna.

Todos os crentes têm a obrigação de realizar o máximo em suas vidas, isto é, desenvolver ao máximo suas capacidades e seus talentos recebidos de Deus. Entretanto, Jesus ensinou que qualquer ambição que se centraliza em si mesmo, e termina em si mesmo é errônea. Num sermão de ordenação, o bispo Stephen Neill disse o seguinte: “estou inclinado a pensar que a ambição, em qualquer sentido comum do termo, é quase

sempre pecaminosa em homens comuns. Estou certo de que é sempre pecaminosa no crente, e que é o pecado mais imperdoável num ministro ordenado."

Por outro lado, a ambição que se centraliza na glória de Deus, e no bem-estar de Sua igreja, não apenas é legítima como também é digna de louvor.

A palavra *ambição* deriva de uma palavra latina que significa "procurar promoção". Há uma grande variedade de ingredientes que podem estar presentes na ambição: ser visto e aprovado pelos homens, ser popular, sobressair-se entre seus contemporâneos, exercer controle sobre as pessoas, etc. Os homens ambiciosos desfrutam do poder que o dinheiro ou a autoridade carregam. Tais ambições carnaís foram frontalmente denunciadas pelo Senhor. O verdadeiro líder espiritual jamais procurará promoção.

A Seus ambiciosos discípulos, Jesus anunciou um novo padrão de grandeza: "Sabeis que os que são considerados governadores dos povos, têm-nos sob seu domínio, e sobre eles os seus maiores exercem autoridade. Mas, entre vós não é assim; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será servo de todos (Mc. 10:42-44). Estudaremos este incidente com maiores pormenores em outro capítulo.

No início de qualquer estudo de liderança espiritual, é essencial que o princípio mestre, enunciado por Deus, seja compreendido com clareza e obedecido com fidelidade. A verdadeira grandeza, a verdadeira liderança, não é alcançada conseguindo a sujeição de pessoas ao nosso serviço, mas mediante nossa consagração ao serviço às pessoas. Isto nunca acontecerá sem que haja um preço a ser pago. Envolve a necessidade de beber o cálice amargo e experimentar o doloroso batismo do sofrimento. O verdadeiro líder espiritual está infinitamente mais interessado no serviço que ele pode prestar a Deus, e a seus companheiros, do que nos benefícios e prazeres que ele poderia extrair da vida. Seu objetivo é servir à vida, e não aproveitar-se dela.

"Uma das maiores ironias da história é o total desprezo por classificações e títulos, no julgamento final que os homens fazem uns dos outros", disse Samuel Brengle. "A apreciação final que os homens fazem, demonstra que a história não tem o mínimo interesse quanto à posição ou título de uma pessoa, ou seu cargo, mas apenas quanto à qualidade de suas ações, e o caráter de sua mente e coração."

"Fique bem entendido que a ambição de um homem deve encaixar-se no plano de Deus para ele, e ele terá sempre, à vista, um Cruzeiro do Sul para guiá-lo firmemente pelos mares, mesmo que pareçam destituídos de praias", escreveu o Dr. S. D. Gordon. "Ele terá uma bússola que aponta a direção certa, em meio ao nevoeiro mais espesso, e à tempestade mais violenta, a despeito das rochas magnéticas."

Embora o Conde Zinzendorf fosse fortemente atraído para trabalhos e estudos clássicos, e tentado por posições e riquezas, sua atitude e sua ambição poderiam resumir-se em uma sentença: “tenho uma paixão: Ele, só Ele.” Ele renunciou as ambições egoístas e tornou-se o renomado fundador e líder da igreja morávia. Seus seguidores abeberaram-se abundantemente do espírito desse grande líder, e envolveram o mundo com o evangelho. A atividade missionária desse grupo tinha uma característica distintiva, naqueles dias em que a obra missionária se desenvolvia em escala limitada, que era o fato de estabelecer uma igreja no estrangeiro com um número de crentes comungantes três vezes maior que o das igrejas-mães. De cada noventa e dois membros, um vinha a ser missionário transcultural.

Visto que nós, filhos de Adão,
Desejamos tomar-nos grandes,
Ele Se tornou pequeno.
Visto que nós não nos curvaremos,
Ele humilhou-se a Si próprio.
Visto que desejamos governar,
Ele veio para servir.

2

A Procura por Líderes

*Porque não é do Oriente, não é do Ocidente, nem do deserto
que vem o auxílio. Deus é o juiz; a um abate, a outro exalta.*

SALMO 75:6-7

Dá-me um homem de Deus — um homem
 Cuja fé domine sua mente,
E eu endireitarei o que está torto,
 E abençoarei toda a humanidade.

Dá-me um homem de Deus — um homem
 Cuja língua tenha sido tocada pelo fogo do céu,
E eu inflamarei os corações mais escuros
 Com resoluções altas e desejos puros.

Dá-me um homem de Deus — um homem
 Que seja profeta poderoso do Senhor,
E eu te darei paz na terra,
 Trazida pela oração, não pela espada.

Dá-me um homem de Deus — um homem
 Fiel à visão que lhe é dada,
E eu reconstruirei vossos santuários destruídos,
 E porei as nações de joelhos, humilhadas.

GEORGE LIDDELL

Deus e os homens estão constantemente procurando líderes para as várias ramificações dos empreendimentos cristãos. Nas Escrituras, encontramos Deus, com frequência, empenhado na busca de um homem de

certo tipo. Não homens, mas um homem. Não um grupo, mas um indivíduo.

“O Senhor buscou para si *um homem* que lhe agrada” (1 Sam. 13:14, *italico do autor*).

“Olhei, e eis que não havia *homem nenhum*” (Jer. 4:25, *italico do autor*).

“Dai voltas às ruas de Jerusalém; vede agora, procurai saber, buscai pelas suas praças a ver se achais alguém, se há *um homem* que pratique a justiça ou busque a verdade; e eu lhe perdoo a ela” (Jer. 5:1, *italico do autor*).

“Busquei entre eles *um homem* que . . . se colocasse na brecha perante mim, a favor desta terra . . . (Ez. 22:30 *italico do autor*).

As Escrituras, a história de Israel e a da Igreja, atestam que quando Deus descobre um homem que se conforma com Suas exigências espirituais, disposto a pagar o preço integral do discipulado, Deus o usa ao limite máximo, a despeito de suas falhas. Moisés, Gideão, Davi, Martinho Lutero, João Wesley, Adoniram Judson, William Carey e muitos outros foram homens desse tipo.

A natureza sobrenatural da igreja exige uma liderança que se erga acima do que é humano. Contudo, houve alguma vez maior escassez de homens ungidos e governados por Deus, do que agora, para atender a uma necessidade tão crucial? Em certo sentido, sempre foi verdade que esse tipo de liderança dedicada sempre esteve em falta, pela simples razão que suas exigências são severíssimas.

“A igreja está dolorosamente necessitada de líderes”, lamentou-se William E. Sangster. “Fico esperando uma voz; contudo, não ouço voz nenhuma. Gosto de sentar-me nos últimos lugares, nas reuniões eclesásticas. Prefiro sempre ouvir, em vez de falar — contudo, não há som de trombeta para se ouvir.”

A maior necessidade da igreja, para que ela cumpra suas obrigações para com a presente geração, é uma liderança espiritual, sacrificial, plena de autoridade vinda do alto. Plena de *autoridade* porque as pessoas gostam de ser lideradas por alguém que sabe aonde vai, e que inspira confiança. Elas seguem quase sem questionar ao homem que se mostra sábio e forte, que age conforme sua fé. *Espiritual*, porque uma liderança carnal, que pode ser explicada em termos do natural, embora possa ser atraente e competente, resultará, contudo, apenas em esterilidade, e em bancarrota moral e espiritual. *Sacrificial*, porque foi modelada segundo a vida d'Aquele que Se deu a Si mesmo em sacrifício pelo mundo todo, dando-nos um exemplo, para que seguíssemos Seus passos.

A igreja sempre prosperou muito quando foi abençoada com a dádiva de líderes fortes, espirituais, que experimentaram e esperaram o toque do sobrenatural em seu trabalho. A falta de tais homens é um sintoma da doença que enfraquece a igreja. A palavra poderosa, que faz do púlpito

a maior influência do poder do alto entre o povo, quase não se ouve mais. Num mundo em chamas, a voz da igreja transformou-se num sussurro patético. É dever inadiável de todos quantos estão em posição de liderança enfrentar a situação face a face, e fazer o possível, ao máximo de suas forças, para que a chama da verdadeira liderança espiritual passe aos mais jovens.

A liderança frequentemente é vista como o produto de dotações naturais, e traços de personalidade, tais como a capacidade intelectual, a força de vontade, o entusiasmo. Não há dúvida de que tais talentos e conquistas escolásticas ajudem a liderança; contudo, não são estes os fatores de primordial importância no líder espiritual. “As verdadeiras qualidades da liderança hão de ser encontradas naqueles que estão dispostos a sofrer por amor a seus objetivos, os quais são suficientemente grandes para exigir obediência cega.”

Líderes espirituais não são feitos mediante eleição ou nomeação por homens ou quaisquer grupos de homens, nem por reuniões eclesiásticas ou sínodos. Só Deus pode fazer líderes. O simples fato de a pessoa ocupar cargo de importância não a torna um líder; fazer cursos de liderança não produz líderes; a resolução de tornar-se líder não faz da pessoa um líder. O único método que funciona é o de a pessoa *qualificar-se* para ser um líder. Bispos e comissões podem conferir posições religiosas, mas não podem conferir autoridade espiritual, algo essencial na liderança cristã. Ela vem — frequentemente sem ser procurada — àqueles que, bem cedo, na vida, foram provados e achados dignos dela, por sua espiritualidade, disciplina, habilidade e diligência; homens que obedeceram ao comando: “procuras tu grandezas? Não as procures.” Ao invés, têm procurado primeiro o reino de Deus. Liderança espiritual é coisa do Espírito, e só pode ser conferida pelo próprio Deus. Quando Seu olho pesquisador fixa-se num homem que se qualificou, Ele o unge com Seu Espírito, e o separa para um ministério peculiar. (At. 9:17; 22:21).

Samuel Logan Brengle foi um dos verdadeiros e grandes líderes do Exército da Salvação. Como homem de erudição, bem como de extraordinário poder espiritual, ele delineou o caminho para a autoridade e liderança espirituais com palavras desafiadoras:

“A liderança não se ganha mediante promoção, mas através de muita oração e lágrimas. É obtida pela confissão de pecados, pela sondagem cuidadosa do coração, pela humildade diante de Deus, pela auto-entrega, pelo corajoso sacrifício de cada ídolo, pela tomada audaciosa, decidida, incondicional, sem reclamações, da cruz, e pela contemplação incessante, eterna, de Jesus crucificado. A liderança não é ganha mediante a procura de grandes coisas para nós mesmos, mas, antes, como Paulo, mediante o considerar daquilo que é ganho, para nós, como perda, por causa de Cristo. Eis o grande preço a ser pago,

sem qualquer hesitação, por todo aquele que não deseja ser apenas um líder nominal, mas um verdadeiro líder espiritual de homens, líder cujo poder é reconhecido e sentido no céu, na terra, e até mesmo no inferno.”

Esse é o tipo de homem que Deus está procurando, em prol do qual Ele deseja mostrar Seu poder (2 Crôn. 16:19). Contudo, nem todos que aspiram à liderança estão dispostos a pagar um preço tão elevado. Entretanto, as condições de Deus devem ser obedecidas e acatadas, em segredo, antes de Ele honrar o homem em público. O Senhor Jesus tornou claro a Tiago e a João que existe uma soberania a respeito de liderança em Seu reino. As posições mais elevadas são reservadas para aqueles que se qualificaram em segredo. É este elemento de soberania que infunde respeito e grande humildade naqueles a quem a liderança foi confiada.

Resta-nos dizer que pode existir uma coisa chamada liderança ao contrário. Se aquelas pessoas em posição de poder e influência falham na tarefa de levantar o povo espiritualmente, elas o conduzirão para baixo, inconscientemente mas, com certeza, porque ninguém vive para si.

Dá-me homens à altura de minhas montanhas,

Dá-me homens humildes, à altura de minhas planícies,

Homens com impérios em seus propósitos,

E eras em seus cérebros.

AUTOR DESCONHECIDO

3

O Princípio Mestre do Mestre

Mas entre vós não é assim; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será servo de todos.

MARCOS 10:43-44

À luz da tremenda pressão exercida sobre o desempenho da liderança, tanto no mundo secular como no religioso, é surpreendente verificar que a Versão Revista e Atualizada da Bíblia não apresenta a palavra “líder”. Na famosa versão inglesa do Rei Tiago, ela aparece apenas seis vezes, sendo três no singular e três no plural. Isto não significa, porém, que o tema não é importante na Bíblia, porque ele aparece sob outras expressões, sendo a mais comum, e mais importante, a palavra “servo”. De Moisés se diz: “Moisés, meu servo”, e não: “Moisés, meu líder”. Esta ênfase iguala-se ao ensino de Cristo sobre o assunto.

Embora Jesus não fosse um revolucionário no sentido político, muitos de seus ensinamentos eram espantosos e revolucionários, especialmente aqueles concernentes à liderança. No mundo contemporâneo, o termo *servo* tem uma conotação de inferioridade, mas, não era assim no ensino de Jesus. Na verdade, Ele magnificou o termo, igualando-o à grandeza, e isto, certamente, foi um conceito revolucionário. A maioria das pessoas não tem nada contra em tornar-se senhores, mas há muito pouca atração em ser servo.

O ideal de Cristo para Seu reino era o de uma comunidade de pessoas servindo-se mutuamente — *serviço mútuo, uns aos outros*. Paulo advoga a mesma idéia: “sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor” (Gál. 5:13). Naturalmente, nosso serviço de amor deve ser estendido ao mundo necessitado ao nosso redor. Entretanto, na vida da igreja de hoje usualmente são poucos que servem a muitos.

Jesus sabia muito bem que este conceito “não é deste mundo” e não seria, portanto, bem aceito, no mundo egoísta dos homens. Mas, era exatamente isto que Ele exigia daqueles que desejassem ser líderes em Seu reino.

O contraste entre a idéia mundana de liderança e a de Cristo é colocado em foco, de forma aguda, em Marcos 10:42-43: “Sabeis que os que são considerados governadores dos povos, têm-nos sob seu domínio, e sobre eles os seus maiores exercem autoridade. *Mas, entre vós não é assim*; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós, será servo de todos” (grifo do autor).

Eis uma lição que Tiago e João ainda não haviam aprendido.

Haviam, contudo, levado muito a sério a promessa do Mestre: “Em verdade vos digo que vós os que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel” (Mat. 19:28). O egoísmo ambicioso deles levou-os a usar a própria mãe superprotetora para tentar sobrepujar seus colegas, e ocupar os primeiros lugares no reino vindouro.

Contudo, Jesus não concordou com isto. Não deve haver intercessão para ocupar bons cargos. “Vocês não sabem o que estão pedindo”, foi a resposta de Jesus (Mat. 20:22). Eles queriam a glória, mas não a vergonha; a coroa, mas não a cruz; ser senhores, não servos.

O pedido deles deu ocasião a Jesus para apresentar dois princípios de liderança de importância permanente.

- **Há uma soberania na liderança espiritual.**

“... quanto, porém, ao assentar-se à minha direita ou à minha esquerda, não me compete concedê-lo; *porque é para aqueles a quem está preparado*” (Mar. 10:40, grifo do autor).

Nós, provavelmente, diríamos: “É para aqueles que se prepararam para isto.” Mas, Jesus enfatizou a diferença fundamental nos princípios de liderança. “Entre vocês não pode ser assim.” Os ministérios lideranças espirituais são soberanamente conferidos por Deus. Uma versão em inglês diz assim: “É Deus quem dará estes lugares às pessoas para as quais Ele os preparou.”

Nenhum curso teológico ou treinamento em liderança dará, automaticamente, liderança espiritual, nem qualificará alguém para um ministério eficiente. Mais tarde Jesus lhes diria: “Não fostes vós que me escolhesteis a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros, e vos designei para que vades e deis frutos...” (João 15:16). Poder dizer com certeza: “estou aqui, não porque um homem me selecionou, ou porque um grupo me elegeu, mas pela nomeação soberana de Deus” é algo que dá grande confiança ao obreiro cristão.

- **Há sofrimento envolvido na liderança espiritual.**

“... Podeis vós beber o cálice que eu bebo, ou receber o batismo com que eu sou batizado”? (Mar. 10:38).

Jesus era franco e honesto demais para esconder o custo do serviço no reino. Para que pudesse cumprir a maravilhosa missão que lhe fora confiada, Ele precisava de homens e mulheres de qualidade, de olhos bem abertos, dispostos a segui-LO até a morte.

À pergunta inquisidora do Senhor, eles responderam prontamente: “podemos” — o que denotou uma trágica falta de autoconhecimento. Jesus lhes disse que de fato eles beberiam do cálice e experimentariam o batismo. Eles deveriam aprender que há um elevado preço a ser pago por um ministério espiritual de grande influência — preço que não poderia ser pago de uma só vez. No fim, o ministério custou a Tiago sua cabeça, e João terminou seus dias num campo de concentração.

Eles queriam obter liderança “a preço de liquidação”, mas as palavras de Jesus logo os desiludiram. A lição fundamental de que *a grandeza só vem mediante a servitude*, e que o primeiro lugar em liderança é obtido apenas mediante a pessoa tornar-se *servo de todos*, deve ter atingido os discípulos com um grande e desagradável choque.

É digno de nota que foi só uma vez que Jesus disse a Seus discípulos que deixaria um exemplo — quando ele lhes lavou os pés (João 13:15) — e o exemplo foi de *servitude*. E foi só uma vez também que outro escritor disse que Jesus havia deixado um exemplo — e foi um exemplo de sofrimento (1 Ped. 2:21). Assim, os pensamentos de sofrimento e de servitude estão ligados, exatamente como o foram na vida do Senhor. É o servo maior do que seu Senhor?

Ao declarar que a primazia na liderança advém pela primazia no serviço, Jesus não tinha em mente meros *atos de serviço*, porquanto estes podem ser desempenhados por motivos duvidosos. Cristo tinha em mente o *espírito da servitude*, como quando Ele declarou: “Pois, no meio de vós, eu sou como quem serve” (Luc. 22:27).

Isaías 42:1-5, uma passagem messiânica, revela o que significa o espírito de servitude, e delineia, nesta mensagem profética, as características que haveriam de qualificar o Messias vindouro, como o Servo do Senhor.

Israel havia sido escolhido por Deus para ser seu servo, através de quem Ele poderia revelar-se ao mundo. Contudo, a nação falhou totalmente. Contudo, onde Israel fracassou, Jesus venceu gloriosamente, e os princípios de Sua vida devem constituir o padrão para nós.

Eis alguns desses princípios:

Dependência

“Eis aqui o meu servo, a quem sustenho” (v. 1), é uma declaração

cheia de significado messiânico. Ao cumprir esta vocação profética, Jesus voluntariamente “se esvaziou, assumindo a forma de servo” (Fil. 2:7), entregando Seus privilégios e o exercício independente de Sua vontade. Embora possuísse todos os poderes e prerrogativas da deidade, Ele voluntariamente se tornou dependente de Seu Pai. Embora sustentasse “todas as cousas pela palavra do Seu poder” (Heb. 1:3) Ele se identificou tão inteiramente com nossa humanidade cheia de enfermidades e fraquezas que, tendo-se tornado um homem, precisou ser sustentado. Este paradoxo divino é um dos aspectos espantosos da condescendência de Cristo. O Espírito Santo poderá usar-nos à medida que adotarmos esta mesma atitude.

Aprovação

“O meu escolhido, em quem a minha alma se compraz” (v. 1). O prazer de Jeová em Seu Servo ideal foi retribuído, porque em outra passagem messiânica, o Filho diz: “Agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu” (Sal. 40:8).

Modéstia

“Não clamará, nem gritará, nem fará ouvir a sua voz na praça” (v. 2). O ministério do servo do Senhor não seria gritante, retumbante, mas modesto, quase apagado. Nesta época de propaganda arrogante e ruidosa, em causa própria, a modéstia é qualidade muito desejável.

O diabo tentou a Jesus neste ponto, quando ele O desafiou a criar espanto ao atirar-se do pináculo do templo. Contudo, Cristo não caiu no engano do tentador.

O Servo do Senhor trabalha tão quieta e discretamente que muitos até duvidam de Sua existência. O método do Senhor justifica a declaração bíblica: “verdadeiramente, tu és Deus misterioso” (Is. 45:15)*. A respeito dos querubins, aqueles servos angelicais do Senhor, que usavam quatro de suas seis asas para esconder suas faces e seus pés — uma representação vívida da alegria no serviço em oculto (Is. 6:2).

Empatia

“Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumeja” (v. 3). O Servo do Senhor haveria de mostrar-se simpático e compreensivo para com os fracos e faltosos. Homens e mulheres que erram, frequentemente são esmagados sob os pés duros de seus companheiros; mas, não é assim que os trata o Servo ideal. Ele haveria de especializar-se em reparar canas quebradas e em assoprar a torcida fumegante até incendiar-se.

Muitas pessoas, inclusive os crentes, fazem pouco caso das pessoas que erraram, passando de largo. Tais pessoas almejam um ministério mais

* Uma versão em inglês diz: “Tu és um Deus que te escondes.”

compensador, mais digno de suas forças — algo mais espetacular do que arcar com o peso dos relapsos e dos apóstatas, o peso da frágil humanidade; contudo, é nobre o trabalho de recuperar aqueles a quem o mundo despreza. Como queimava fracamente o pavio de Pedro, no pátio do julgamento, e como se tornou chama brilhante no dia de Pentecoste! A entrevista que ele manteve com o Servo ideal de Deus colocou em ordem todas as coisas.

Otimismo

“Não desanimará nem se quebrará até que ponha na terra o direito” (v. 4). O Servo do Senhor jamais ficaria desencorajado. O pessimista nunca se torna um líder inspirador. Esperança e otimismo são qualidades essenciais do servo do Senhor, para enfrentar as batalhas contra os poderes das trevas em defesa das almas. O Servo do Senhor será otimista até que Seu objetivo seja totalmente atingido.

Unção

“Pus sobre ele o meu Espírito” (v. 1). Por si mesmas, as cinco qualidades precedentes seriam insuficientes para a tremenda tarefa do Servo. Era necessário um toque do sobrenatural, que foi a unção do Espírito. “Como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e poder, o qual andou por toda a parte, fazendo o bem . . .” (At. 10:38). A mesma unção que o Servo do Senhor recebeu está à nossa disposição. Enquanto o Espírito não desceu sobre Ele em Seu batismo, Jesus não criou qualquer tumulto em Nazaré; a partir, porém, deste evento, fatos que sacudiriam o mundo começaram a acontecer. É o servo maior do que o seu Senhor? Podemos nós dispensar aquilo que foi essencial na eficácia de Seu ministério na terra?

4

Liderança Natural e Liderança Espiritual

“Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus... a minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder.

1 CORÍNTIOS 2:1.4

Liderança é influência, isto é, a habilidade de uma pessoa de influenciar a outros. Um homem pode liderar outros apenas na medida em que pode influenciá-los a segui-lo. Este fato é apoiado por definições de liderança feitas por homens que exerceram grande influência. Lord Montgomery, como líder militar, define liderança assim: “Liderança é a capacidade e desejo de unir homens e mulheres num propósito comum, e o caráter que inspira confiança.” Sir Winston Churchill foi um extraordinário exemplo dessa qualidade.

Disse o almirante Nimitz: “Liderança pode ser definida como sendo aquela qualidade, num homem, que inspira suficiente confiança a seus subordinados de modo a aceitarem suas idéias e obedecerem a seu comando.”

O general Charles Gordon perguntou certa vez a Li Hung Chang, um velho líder chinês: “Que é liderança? Como se divide a humanidade?” Ele recebeu a seguinte resposta enigmática: “Há apenas três tipos de pessoas no mundo: aquelas que não se mexem, as que são movíveis, e as que movem os outros.”

Na área da religião, John R. Mott, um líder mundial em círculos estudantis, deu esta definição: “Líder é o homem que conhece o caminho, e sabe manter-se à frente, trazendo outros após si.” P. T. Chandapilla, líder hindu de estudantes, define liderança cristã como uma vocação em que há uma perfeita mistura de qualidades humanas e divinas, ou um

trabalho harmonioso entre o homem e Deus destinado ao ministério e bênção das demais pessoas.

Do ponto de vista político, a definição de liderança do Presidente Truman era: “Líder é a pessoa que tem a habilidade de fazer com que os outros façam o que não queriam fazer, e gostem de fazê-lo.”

Liderança espiritual é uma mistura de qualidades naturais e espirituais. Até mesmo as qualidades naturais não são oriundas do indivíduo, mas de Deus e, portanto, alcançam maior efetividade quando empregadas no serviço de Deus, e para Sua glória. As definições acima referem-se à liderança em geral. Embora a liderança espiritual exija aquelas qualidades, há outros elementos que suplementam e levam precedência sobre elas. Personalidade é um fator primordial na liderança natural. “O grau de influência dependerá da personalidade do homem”, escreveu Lord Montgomery, “da incandescência de que ele é capaz, da chama que queima dentro dele, do magnetismo que atrairá os corações dos homens para ele.”

Entretanto, o líder espiritual influencia aos outros não apenas pelo poder de sua própria personalidade, mas, pela personalidade irradiada, interpenetrada e fortalecida pelo Espírito Santo. Visto que ele permite que o Espírito tome controle integral de sua vida, o poder desse Espírito pode fluir livremente através dele, para os outros.

A liderança espiritual é assunto de poder espiritual superior, o qual jamais é gerado pelo próprio homem. Não existe, de modo algum, um líder espiritual feito por si mesmo. Ele só é capaz de influenciar aos outros espiritualmente porque o Espírito é capaz de trabalhar através dele, num grau superior ao daqueles a quem ele lidera.

Um princípio geral de liderança é que só podemos influenciar e liderar outros até o ponto a que nós mesmos chegamos. A pessoa mais susceptível de sucesso não é aquela que lidera meramente apontando o caminho, mas a que o percorreu pessoalmente. Nós lideramos na medida em que inspiramos outros a seguir-nos.

Discutia-se a questão das qualificações para liderança numa grande concentração de líderes de missões protestantes na China. Estava havendo caloroso debate sobre o assunto. O diretor geral da Missão da China Continental, D. E. Hoste, estava sentado quieto, apenas ouvindo, até que o coordenador da reunião perguntou-lhe se tinha algo para dizer sobre o assunto. De todo o auditório ouviram-se murmúrios de aprovação, ante aquele convite ao diretor, porque suas contribuições a quaisquer discussões eram sempre ouvidas com interesse incomum.

Com um brilho invulgar nos olhos, disse ele, com sua voz curiosamente aguda: “Ocorre-me que talvez o melhor teste para saber se alguém é um líder qualificado, é descobrir se há pessoas que lhe sigam.”

LÍDER: DE BERÇO OU DE FORJA?

Quando se pergunta se os líderes já nascem líderes ou se é preciso forjá-los, obtém-se grande número de respostas. Parece que a resposta correta é: há líderes natos e líderes forjados. Liderança pode ser definida como “uma qualidade indefinível e elétrica” vinda diretamente de Deus. Por outro lado, é claro que a perícia da liderança pode ser cultivada e desenvolvida. Todos nós possuímos, de nascimento, dons que nos qualificam ou nos desqualificam para determinadas tarefas. Estes dons quase sempre permanecem dormentes, até que uma crise exige que sejam exercitados. Eles podem, e devem, portanto, ser desenvolvidos.

Parece que algumas pessoas desenvolvem o espírito de liderança unicamente em razão de uma série de circunstâncias fortuitas. Elas estavam em disponibilidade no momento crucial, e ninguém melhor qualificado estava presente. Contudo, uma investigação mais apurada revelará, geralmente, que a escolha não foi acidental. Por detrás das cortinas, isto é, na vida pregressa dessa pessoa, um treinamento oculto lhe foi ministrado, e que tornou-a apta para desempenhar aquela função. José é um exemplo perfeito disto. Sua elevação ao cargo de primeiro-ministro do Egito pareceu algo puramente fortuito, mas, de fato, foi o resultado de treze anos de rigoroso treinamento oculto sob a mão do Senhor.

A liderança natural e a espiritual têm muitos pontos em comum, mas, há alguns aspectos em que elas podem diferenciar-se totalmente. Vê-se isto melhor quando suas características dominantes são comparadas entre si, como no quadro abaixo:

Líder natural	Líder espiritual
Autoconfiante	Confia em Deus
Conhece aos homens	Conhece também a Deus
Faz suas próprias decisões	Procura a vontade de Deus
Ambicioso	Humilde
Origina seus próprios métodos	Encontra e segue os métodos de Deus
Gosta de comandar os outros	Delicia-se em obedecer a Deus
Motivado por considerações pessoais	Motivado pelo amor a Deus e aos homens
Independente	Dependente de Deus

Embora a conversão normalmente não transforme em líderes pessoas que, de outra forma, jamais se tornariam líderes, a história da igreja ensina que na hora da entrega total, o Espírito Santo às vezes libera dons e

qualidades' que permaneceram dormentes durante muito tempo. Só o Espírito pode conceder dons espirituais que venham a aumentar enormemente o potencial de liderança dos crentes cheios desse Espírito.

Era esta a convicção do Dr. A. W. Tozer:

“Um líder verdadeiro, e seguro, provavelmente não tem o desejo de liderar, mas, é pressionado a aceitar uma posição de liderança pelo chamado interno do Espírito Santo e pela pressão das circunstâncias externas. Foi o caso de Davi, de Moisés, e dos profetas do Velho Testamento. Creio que não houve jamais um líder, desde a época de Paulo até a presente era, que não tivesse sido chamado pelo Espírito Santo para a tarefa, e comissionado pelo Senhor da Igreja para preencher uma posição pela qual ele não tinha a mínima atração. Creio que se pode aceitar como regra prática, de grande margem de confiança, que o homem que tenha a ambição de liderar está desqualificado para ser líder. O verdadeiro líder não tem o mínimo desejo de mandar na herança de Deus, mas será humilde, gentil, terá espírito sacrificial, pronto tanto para liderar como para ser liderado, quando o Espírito tornar-lhe claro que apareceu alguém mais sábio e mais bem dotado de dons do que ele.”

Na biografia de William E. Sangster aparece um manuscrito encontrado após sua morte, que ilustra bem esta questão. Ele estava descrevendo sua crescente convicção de que deveria tomar parte mais ativa na liderança da Igreja Metodista na Inglaterra:

“Esta é a vontade de Deus para mim. Eu não a escolhi. Procurei fugir dela. Mas ela chegou. Algo mais também chegou. A certeza de que Deus não deseja que eu seja apenas um pregador. Ele quer que eu seja um líder, também — um líder no Metodismo.

Sinto um chamado para trabalhar sob a direção de Deus neste ramo de Sua igreja — sem que eu tenha cuidado de minha própria reputação; indiferente aos comentários de outros homens mais velhos e ciumentos.

Tenho trinta e seis anos. Se vou servir a Deus desta maneira, não devo fugir da tarefa — devo *fazê-la*.

Sondei meu coração à procura de ambição. Tenho certeza de que ela não se encontra lá. Odeio as críticas que vou levantar, e a murmuração dolorosa das pessoas. Pelo meu gosto, eu preferiria a obscuridade, queimar pestanas entre os livros, o trabalho entre os humildes — contudo, pela vontade de Deus, eis minha tarefa. Que Deus me ajude.

Confuso e sem fé, ouço a voz de Deus dizendo-me: “Quero fazer a obra através de você.” Ó Deus, será que um apóstolo fugiu de seu

dever? Não me atrevo a dizer “não” mas, como Jonas, preferiria fugir de vez.”

Que a liderança espiritual, e a autoridade que lhe é inerente, não podem ser explicadas somente em termos de habilidade natural, é algo extraordinariamente exemplificado na vida de São Francisco de Assis. Em certa ocasião, o irmão Masseo, olhando ansiosamente para Francisco de Assis, começou a repetir: “Por que você? Por que você?” Ele continuou a repetir isto indefinidamente, como que para zombar de Assis.

“Mas, que é que você está dizendo?” gritou Assis finalmente.

“Eu estou dizendo que todo o mundo segue a você, todo o mundo deseja vê-lo, ouvi-lo, obedecer-lhe. Entretanto, com tudo isso, você não é bonito, nem erudito, nem de família nobre. De onde vem isso que é a você que o mundo deseja seguir?”

Quando Assis ouviu estas palavras, ficou cheio de alegria, levantou seus olhos para os céus e, após permanecer um longo tempo absorto, em contemplação, ajoelhou-se para louvar e bendizer a Deus, com extraordinário fervor. Só então ele se voltou para o irmão Masseo.

“Você quer saber, não é? É porque o Deus Altíssimo assim o quis. Ele observa continuamente os bons e os maus e, visto que Seus olhos santíssimos não encontraram, entre os pecadores, alguém ainda menor, nem mais insuficiente e mais pecador, Ele, portanto, escolheu-me para desempenhar o maravilhoso trabalho que Deus empreendeu. Ele me escolheu porque não pode encontrar alguém mais indigno, e Ele quis confundir a nobreza e a grandeza, a força e a beleza, e também a sabedoria deste mundo.”

Podemos aprender muito da sabedoria de homens que foram verdadeiros líderes. Dois homens já mencionados tinham alguns testes pelos quais podiam determinar o potencial de liderança dos homens a quem entrevistavam.

Lord Montgomery enumerou sete ingredientes necessários num líder na guerra, os quais são bem apropriados nas batalhas espirituais: 1. Deve ter calma e evitar afogar-se em detalhes; 2. Não deve ser mesquinho; 3. Não deve ser pomposo; 4. Deve saber selecionar pessoas; 5. Deve confiar naqueles que trabalham com ele, e permitir-lhes que trabalhem sem interferências; 6. Deve ter o poder de tomar decisões com clareza; 7. Deve inspirar confiança.

O Dr. John R. Mott trabalhava em círculos estudantis e seus testes cobriam territórios diferentes: 1. Fie faz bem as coisinhas insignificantes? 2. Aprendeu o significado das prioridades? 3. Como usa ele seu tempo de folga? 4. Tem intensidade, isto é, energia? 5. Aprendeu a tirar vantagem das ocasiões? 6. Tem o poder do crescimento? 7. Qual é sua atitude

frente ao desencorajamento? 8. De que maneira ele enfrenta as situações impossíveis? 9. Quais são seus pontos fracos?

Visto que liderança é, essencialmente, o poder de uma pessoa para influenciar outras, é bom considerarmos as possibilidades quase infinitas de uma simples vida, tanto para o bem como para o mal. As Sagradas Escrituras e a experiência nos ensinam que ninguém pode ser neutro, moral ou espiritualmente. Quer estejamos cômicos ou não do fato, deixamos uma marca inapagável sobre as vidas que ficam ao alcance de nossa influência. O Dr. John Geddie, por exemplo, foi para Aneityum, em 1848, e trabalhou ali, para Deus, durante vinte e quatro anos. Numa placa de mármore erigida em sua memória foram inscritas as seguintes palavras:

“Quando ele desembarcou, em 1848, não havia cristãos. Quando ele partiu, em 1872, não havia pagãos.”

Quando o zelo consumidor, da igreja apostólica, resultou em conversões multiplicadas, num ritmo extraordinário, o Espírito Santo ensinou-nos algo sobre a natureza da liderança espiritual. As exigências do trabalho fizeram tal pressão sobre os apóstolos que eles julgaram necessário criar um escalão inferior de líderes, a fim de cuidarem dos pobres e das viúvas negligenciados. Tais líderes deveriam ser selecionados com muito cuidado, pelo que os apóstolos especificaram o tipo de homem a ser escolhido: “Mas, irmãos, escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, aos quais encarregaremos deste serviço” (At. 6:3).

Não haveria algum significado no fato de que a exigência central fosse que aqueles homens estivessem “cheios do Espírito Santo”, mesmo considerando que se tratava de uma tarefa que poderia ser descrita como trabalho secular? Deveriam ser homens de *integridade*, de boa reputação; de *sagacidade*, cheios de sabedoria, entendidos; de *espiritualidade*, cheios do Espírito Santo. Não é fácil definir espiritualidade, contudo, sua presença ou ausência pode ser facilmente percebida. Tem sido chamada de fragrância suave assimilada no jardim do Senhor. É o poder de transformar um ambiente só pela presença de uma pessoa, a influência inconsciente que torna Cristo e as coisas espirituais muito reais para as demais pessoas.

Se este é o padrão para aqueles que ocupam cargos menos elevados na igreja, que se dirá daqueles que aspiram aos mais elevados? Os fins espirituais só podem ser atingidos por homens espirituais que empregam métodos espirituais. Que mudanças drásticas ocorreriam em nossas igrejas e organizações cristãs se esta prioridade fosse observada estritamente! Os homens do mundo, mesmo sendo muito encantadores, cheios de qualificações, não têm lugar na liderança da igreja, mesmo em assuntos temporais.

As idéias essenciais da verdadeira liderança espiritual resumizam-se nestas palavras de John R. Mott:

“Tenho em mente o uso da palavra liderança, que sem dúvida o Senhor tinha em mente, quando disse: “Quem quiser ser o primeiro seja servo de todos.” Liderança, no sentido de prestar o máximo de serviço. Liderança, no sentido do maior altruísmo. Liderança, no sentido da absorção incessante e incansável na maior de todas as obras do mundo — a implantação do reino de nosso Senhor Jesus Cristo.”

5

Critérios de Potencial de Liderança

Envia homens . . . sendo cada qual príncipe entre eles.

NÚMEROS 13:2

Os critérios do Senhor quanto a liderança, e potenciais de liderança, tendiam tanto a ferir as opiniões populares e os costumes daqueles dias, quanto os dos nossos. Quem escolheria, para um trabalho de implicações de âmbito mundial, um grupo de apóstolos tão destituídos de simpatia, destreinados e sem influência?

Não teríamos nós procurado incluir em nosso grupo de liderança um estadista proeminente, um financista hábil, um membro influente do sacerdócio, um astro do atletismo e um professor universitário? Jesus não escolheu nenhuma pessoa de tal tipo. Todos os seus discípulos provieram das camadas mais humildes, não pertenciam às classes influentes mas eram homens não estragados pela sofisticação de seus dias.

Jesus escolheu leigos, ao invés de homens da hierarquia religiosa. Quando J. Hudson Taylor fez a mesma coisa, formando uma equipe missionária de homens e mulheres leigos, o mundo religioso ficou chocado. Hoje, este procedimento é largamente reconhecido, embora nem sempre aprovado.

Ele não escolheu eruditos nem fazendeiros, talvez porque tais ocupações os tornariam menos apropriados para a liderança revolucionária que lhes daria. Quase todos os seus discípulos vieram da Galiléia, não da Judéia. A vida na "Galiléia das nações" era muito mais cosmopolita do que na Jerusalém exclusivista, e as mentes dos galileus eram muito mais abertas às novas idéias.

Ele escolheu homens com pequena educação formal, para formar

suas tropas de choque, mas logo demonstraram talentos extraordinários e provaram ser uma tropa de elite.

Não é exagero dizer que ninguém, a não ser Jesus, seria capaz de ver naquele grupo diversificado de homens, o estilo de liderança que gradualmente emergiu como resultado de seu treinamento de alguns anos sob a habilidosa mão do grande Mestre. A seus talentos latentes, adicionaram eles uma devoção fervorosa e uma lealdade a toda prova, embora tivessem havido alguns casos isolados de fracasso.

Visto que as qualidades da liderança natural não são, de modo nenhum, destituídas de importância para a liderança espiritual, é válido tentar descobrir o potencial de liderança em nós mesmos e nos outros. A maior parte das pessoas possui qualidades latentes, não desenvolvidas que, devido à falta de auto-análise e conseqüente falta de autoconhecimento, podem permanecer escondidas durante muito tempo. Um estudo objetivo dos padrões de auto-avaliação a seguir poderia tanto resultar na descoberta de tais qualidades, quando elas, de fato, existirem, quanto detectar fraquezas que desqualificariam a pessoa para a liderança.

- Você já eliminou, alguma vez, um mau hábito de seu caráter? Quem quiser conduzir outros, deve disciplinar-se a si próprio.
- Você se controla quando as coisas vão mal? O líder que perde o autocontrole em circunstâncias difíceis perde o respeito e a confiança. Ele deve ser calmo durante as crises, flexível na adversidade e no desapontamento.
- Você pensa independentemente? Embora use ao máximo o pensamento alheio, o líder não pode permitir que os outros pensem por ele, ou tomem decisões em seu lugar.
- Você é capaz de receber críticas objetivamente e permanecer firme? Você sabe transformá-las em benefícios? Uma pessoa humilde pode obter benefícios da crítica insignificante e até mesmo da maliciosa.
- Você é capaz de usar criativamente os desapontamentos?
- Você é capaz de assegurar a cooperação e ganhar o respeito e a confiança dos outros?
- Você possui a habilidade de manter a disciplina, sem precisar recorrer a um "show" de autoridade? A verdadeira liderança é uma qualidade interna de espírito que requer serenidade, e nunca uma demonstração externa de força.
- Você é digno de receber a bem-aventurança concedida aos pacificadores? É bem mais fácil *manter* a paz do que *restabelecer* a paz, quando a mesma foi quebrada. Uma função importante da liderança é a reconciliação — a habilidade de descobrir terreno comum entre pontos de vista divergentes, induzindo ambas as partes a aceitá-lo.

- Você já recebeu a incumbência de lidar com situações difíceis e delicadas?
- Você sabe induzir as pessoas a fazer com alegria algo legítimo que, normalmente, não desejariam fazer?
- Você é capaz de aceitar oposição a seu ponto de vista, ou à sua decisão, sem considerá-la uma afronta pessoal e sem reagir, portanto, como se afrontado? Os líderes devem esperar oposição e jamais deveriam ofender-se quando ela ocorrer.
- Você acha fácil fazer e manter amigos? Seu círculo de amigos leais é um  ndice da qualidade e da força de sua liderança.
- Você depende indevidamente do elogio ou da aprovação dos outros? É capaz de manter uma atitude firme em face da desaprovação, e até mesmo da perda temporária da confiança?
- Fica você   vontade na presença de superiores ou de estranhos?
- Seus subordinados ficam à vontade em sua presença? O líder deve dar a impressão de compreensão simpática e de amizade, que colocará os outros   vontade.
- Você está realmente interessado nas pessoas? Em pessoas de todas as raças e todos os tipos? Ou você tem preconceito contra algumas pessoas? Por exemplo, preconceito racial? Uma pessoa anti-social dificilmente se torna um bom líder.
- Você tem tato? Consegue antecipar o efeito provável de uma declaração, antes de enunciar-l ?
- Você tem força de vontade? É constante? Nenhum líder manter  sua posição durante muito tempo se for vacilante.
- Você alimenta ressentimentos, ou esquece facilmente as injúrias que lhes são dirigidas?
- Você é razoavelmente otimista? O pessimismo não é atributo do líder.
- Você é dominado por uma paixão avassaladora, como a de Paulo, que disse: "Uma coisa faço"? Uma motivação assim, única, focalizar  as energias da pessoa, e todas as suas forças, na direção do objetivo almejado.
- Você gosta de assumir responsabilidades?

R. E. Thompson sugere estes testes sobre nossas atitudes a respeito das pessoas, como indicação de nossa capacidade de liderança:

Os fracassos das outras pessoas nos aborrecem ou nos desafiam?
Usamos as pessoas, ou cultivamos as pessoas?
Mandamos nas pessoas, ou as desenvolvemos?
Criticamos ou encorajamos?
Evitamos a pessoa problemática, ou vamos procurá-la?

Não basta efetuarmos este exercício de auto-análise de maneira superficial, sem darmos contínua atenção às descobertas. É preciso fazer algo a respeito dos fatos verificados. Por que não selecionar alguns pontos de fraqueza consciente, isto é, aqueles que determinam nossas falhas, e em cooperação com o Espírito Santo, que é um Espírito de disciplina, concentrarmo-nos no fortalecimento ou correção deles?

Todas essas desejáveis qualidades estavam presentes, em sua integridade, no caráter simétrico de Cristo, e cada cristão deveria pedir ao Senhor, em oração constante, que elas sejam rapidamente incorporadas em sua própria personalidade.

Há outros atributos que prejudicam a habilidade de liderança, como por exemplo, uma atitude supersensível e defensiva, quando supervisionado ou corrigido. Sempre há algum elemento de verdade nas críticas e a autodefesa é uma qualidade improdutiva.

A resistência em aceitar a responsabilidade quando há um fracasso, ou a tendência de jogar a culpa às costas de outrem, minarão a confiança.

A inflexibilidade e a intolerância de atitude provavelmente alienarão o colaborador que é criativo e ambicioso.

O líder deve almejar a mais alta qualidade, evitando a armadilha do perfeccionismo. O perfeccionista usualmente estabelece objetivos demasiado distantes de suas habilidades e competência e, em seguida, sofre de um falso sentimento de culpa porque fracassa em seu trabalho. Vivemos num mundo imperfeito e precisamos, por isso, fazer um acordo com aquilo que é possível. O estabelecimento de objetivos mais modestos e mais realísticos traria grande alívio a muitos perfeccionistas idealistas.

A incapacidade de guardar segredos custou a muitos líderes a perda de sua influência sobre as pessoas. Da mesma maneira, a incapacidade de ceder num ou noutro ponto, projetando imagem de infalibilidade, tem produzido o mesmo mau resultado.

6

Algumas Luzes de Paulo Sobre Liderança

É necessário, portanto, que o bispo seja irrepreensível, esposo de uma só mulher, temperante, sóbrio, modesto, hospitaleiro, apto para ensinar; não dado ao vinho, não violento, porém cordato, inimigo de contendas, não avarento; e que governe bem a sua própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo respeito . . . não seja neófito, para não suceder que se ensoberbeça, e incorra na condenação do diabo . . . é necessário que ele tenha bom testemunho dos de fora . . .

I TIMÓTEO 3:2-7

Um amigo do autor deste livro certa vez lhe disse: “Não é uma experiência humilhante ver suas próprias faltas correndo de um lado para outro sobre duas perninhas?” Às vezes podemos ver melhor os princípios espirituais, quando exemplificados numa personalidade, do que quando enunciados abstratamente. No próprio apóstolo Paulo vemos um exemplo das qualidades que ele enunciou como sendo essenciais à liderança espiritual eficiente.

Uma das características dos líderes verdadeiramente grandes é que sua estatura se engrandece cada vez mais, com o passar dos anos. Ao ser analisado de qualquer ponto de vista, Paulo cresce em grandeza moral e espiritual, na mesma proporção da crítica severa. Não é de admirar, pois, que A. W. Tozer o tenha descrito como o cristão mais bem sucedido do mundo. Como é maravilhoso o fato de Deus selecionar o inimigo mais impiedoso e agressivo da igreja para transformá-lo em seu mais importante e principal defensor.

Paulo era equipado de forma singular para o papel global ao qual Deus o chamou. Um escritor anônimo sugere um paralelo de nossos dias

ao apóstolo Paulo, que seria alguém capaz de falar chinês em Pequim, mencionando Confúcio e Mêncio; escrever teologia extremamente coerente, em inglês, e expô-la em Oxford; e defender-se perante a Academia Soviética de Ciências, em russo, em Moscou. Certamente, ele foi um dos líderes mais versáteis que o mundo conheceu.

Sua versatilidade é demonstrada pela facilidade com que ele se adaptava a seu auditório. Ele estava sempre à vontade entre estadistas e soldados, entre mulheres e crianças, entre reis e ministros. Estava sempre “em casa” quando debatia com filósofos, teólogos ou idólatras.

O treinamento de Paulo, sob Gamaliel, um dos sete rabinos judeus mais influentes, deu-lhe perfeito domínio do Velho Testamento, sendo, além disso, um excelente estudante. Eis seu próprio testemunho: “Fui um dos judeus mais religiosos do meu tempo, e procurava seguir com todo o cuidado as tradições dos meus antepassados” (Gál. 1:14).

Sendo um líder natural, ao ligar-se a seu Senhor e Mestre, em plena obediência, veio a tornar-se um grande líder moral e espiritual, cheio de autoridade.

Sua ambição cristocêntrica, ilimitada, era inflamada por uma motivação poderosa: um supremo amor a Cristo, e um profundo senso de obrigação (Rom. 1:14; 2 Cor. 5:14). Ele possuía a paixão missionária autêntica de compartilhar sua grande descoberta -- uma paixão que eliminou todas as diferenças culturais e derrubou todas as barreiras raciais. Ele se sentia em débito para com todos os homens, igualmente. Pobreza, riqueza, status social ou desempenho intelectual, tudo era igualmente irrelevante.

Tendo tal currículo, quem estaria melhor qualificado para catalogar os requisitos da liderança espiritual do que o próprio Paulo? Além da riqueza enorme de sua própria experiência, ele gozava da iluminação e da inspiração do Espírito Santo. Os padrões espirituais não mudam de geração para geração, mas permanecem os mesmos, tanto nesta nossa era espacial como no tempo do nascimento da igreja. Nenhuma das qualidades exigidas por Paulo são extras ou opcionais, mas, sim, requisitos indispensáveis.

É aceito, em geral, que as duas palavras usadas para os líderes da igreja — *bispos* e *presbíteros* — eram aplicadas à mesma pessoa. *Presbítero* (ancião) referia-se à sua dignidade e status, enquanto *bispo* relacionava-se à sua função, ou deveres. Em outras palavras, uma palavra referia-se à pessoa, a outra, ao trabalho. Esta interpretação é sustentada por passagens como Atos 20:17 e 28, em que Paulo se dirige às mesmas pessoas, primeiro como presbíteros, e depois, como bispos. O significado atual de *bispo* é uma transformação muito posterior.

O parágrafo que serve de cabeçalho para este capítulo especifica as qualificações que se esperam de um líder espiritual, em várias esferas e relacionamentos.

QUALIFICAÇÕES SOCIAIS

Com respeito às pessoas dentro da igreja, o líder deve ser alguém “*que ninguém possa culpar de nada*”. Seu caráter deve ser tal que não o deixe aberto a ataques ou censuras. Falando em linguagem popular, os mexeriqueiros não terão “um prato cheio”. Se alguma acusação for levantada contra ele, cairá por terra, porque sua vida não admite lugar para censura. Ele não deve dar oportunidade a seus adversários para nenhuma campanha difamatória.

Quanto aos de fora da igreja, “*é necessário que seja respeitado*”. As pessoas que se associam a um crente na vida secular diária, isto é, no trabalho, ou em atividades extraeclesiais, freqüentemente têm uma visão mais clara da autenticidade de seu caráter cristão. É óbvia a razão desta exigência. O autor conheceu um presbítero que era negociante, e que às vezes pregava num ou outro domingo. Seus empregados costumavam dizer que sempre podiam perceber quando ele havia pregado no domingo, porque o homem ficava bastante mal-humorado na segunda-feira. Este homem não influenciava seus empregados para a aceitação de Cristo.

Não obstante suas críticas, os não-crentes, em geral, respeitam os altos ideais do caráter cristão e, quando o observa encarnado numa vida santa, gostariam de ter a mesma experiência. É esse desejo mesmo que os leva ao criticismo. O caráter de um líder da igreja deve ser tal, que imponha respeito aos de fora, inspirando-lhes confiança e despertando-lhes o desejo de imitar o bem. O exemplo é muito mais poderoso do que o ensino.

QUALIFICAÇÕES MORAIS

Num mundo em que os princípios morais sofrem ataque sutil e constante, o líder deve ser inculpável nesse aspecto. Ele *deve ter somente uma esposa*, numa sociedade em que este preceito está longe de ser a norma. Há várias interpretações para esta frase, mas, qualquer que seja seu significado, ela ensina, certamente, que o líder deve ser inculpável em sua vida moral. Deve ter um padrão elevado, de relacionamento conjugal, em sua fidelidade à sua única esposa. Deve ser um homem de moralidade inatacável.

Ele deve, também, ser *moderado*, “não dado a muito vinho”, com tudo que está envolvido nesta declaração. A palavra significa “demorar-se junto ao vinho”, com o resultado provável de tornar-se bêbado e desordeiro. Um bebedor cai em desgraça na sociedade secular, que se dirá na igreja cristã? Um líder não deve ser indulgente, em segredo, naquilo que poderia minar seu caráter ou prejudicar seu testemunho público.

QUALIFICAÇÕES MENTAIS

O líder deve ser *controlado*, mentalmente sadio. A palavra indica “o estado de mente bem equilibrado, resultante de auto-restrição habitual” e refere-se ao caráter proveniente da autodisciplina diária. Jeremy Taylor chamou esta qualidade de “rédeas da razão e cabresto da paixão.” Os gregos lhe atribuíam grande valor. Para eles era o estado de espírito disciplinado, não arrastado por impulsos súbitos, não levado a extremos, mas sempre procurando o meio-termo. Por exemplo, coragem é a média entre temeridade e timidez; pureza é a média entre puritanismo e imoralidade. O líder que possui uma mente sadia controla cada parte de sua natureza.

Quanto à sua conduta social, ele deve ser *respeitável*, imbuído de decoro. A palavra é *kosmos*, a ordem que emergiu do caos, após o “fiat” de Deus. Uma vida bem ordenada é o resultado de uma mente bem ordenada. A vida do líder deve ter tal ordem que reflita a beleza e ordem de Deus.

Mental e espiritualmente, o líder deve *ter capacidade para ensinar*. A palavra não implica apenas em habilidade mas também em disposição para ensinar; um desejo veemente, quase compulsivo, de compartilhar com outros as verdades que o Espírito Santo lhe ensinou, a partir das Escrituras. Se ele deseja ensinar, deve primeiro tornar-se um estudioso das Escrituras. “Nenhum homem que se mostre incapaz de ser bem sucedido no ensino está capacitado para a liderança espiritual”, disse H. A. Kent. O líder espiritual é responsável pelo ensino àqueles que estão sob seus cuidados, em grau maior ou menor, e seu ensino deve ter o suporte de uma vida inculpável.

Samuel Brengle lamentou-se:

“Ah! Se tivéssemos mais professores entre nós; líderes que saibam como ler corações e aplicar a verdade às necessidades das pessoas, da mesma forma como os médicos lêem seus pacientes e aplicam remédios para suas doenças! Há todo tipo de males da alma: abertos e obscuros, agudos e crônicos, superficiais e profundamente arraigados, aos quais a Verdade, que está em Jesus, curará. Contudo, uma verdade determinada não se aplicará a todas as necessidades, tanto quanto um determinado remédio não se aplicará a todas as doenças. Eis a razão por que devemos estudar a Bíblia com o máximo de diligência, e orar para que tenhamos a constante e poderosa iluminação do Espírito.”

João Wesley era um homem que possuía estas qualidades mentais em alto grau. Ele nunca se gloriou no barateamento desprezível do intelecto, mas, ao contrário, sempre procurou erguer o nível intelectual, moral e espiritual das pessoas ao seu redor. Suas próprias forças intelectuais eram da mais fina qualidade; tivesse preferido, ele estaria entre os

principais eruditos de sua época. Ele possuía um maravilhoso conhecimento de literatura. Um eminente pregador declarou que não conhecia outros sermões que evidenciassem um conhecimento tão profundo de literatura clássica e geral como os de Wesley. Entretanto, ele era conhecido como “homem de um Livro”. Ele foi um exemplo brilhante de intelecto consagrado.

QUALIFICAÇÕES PESSOAIS

O líder cristão não deve ser violento, mas alegre e gentil; não deve ser briguento, amigo de controvérsias, mas docemente sensato. Estas palavras contrastantes mostram um ângulo atraente do caráter do líder ideal. A respeito da palavra *gentil*, diz R. C. Trench: “Ela contém o espírito que retifica e reveste de justiça as injustiças.” A pessoa que possui esta qualidade, de acordo com Aristóteles, “lembra-se do bem, e não do mal, do bem que alguém recebeu, ao invés do bem que praticou”. Mostrará consideração, de forma positiva, e será paciente, ao invés de ser meramente não-briguento; terá disposição conciliadora, sempre procurando uma solução pacífica para um problema espinhoso, ou situação explosiva.

O líder deve ser *hospitaleiro*, e amigo dos estranhos. Este ministério não deverá ser considerado como obrigação penosa, mas um serviço privilegiado feito ao Senhor. No livro antigo *O Pastor de Hermas* está escrito que o líder “deve ser hospitaleiro, um homem que alegremente e em todas as ocasiões recebe em sua casa os servos de Deus”.

Quando Paulo escreveu, a hospitalidade desse tipo era algo bem mais essencial do que em nossos tempos, embora seja um dom desejável num líder — e na esposa do líder, porquanto é ela quem tem que arcar com a maior parte do trabalho. Nos dias da igreja primitiva as hospedarias eram poucas, e além de poucas, sujas e imorais. Os cristãos visitantes não poderiam hospedar-se nas casas dos pagãos. À medida que a perseguição se espalhava, quando os cristãos entravam numa cidade, em fuga, ficavam sujeitos a serem caçados e vendidos como escravos. Era, portanto, essencial que os crentes, especialmente os líderes, estendessem hospitalidade aos fugitivos. Haverá, pois, uma porta aberta para os irmãos crentes, e para os não-crentes também.

Um amigo do autor, que arcava com pesadas responsabilidades no mundo dos negócios, como também nos trabalhos da igreja, transformou em prática costumeira manter uma porta aberta para visitantes, ou necessitados, em sua casa, no dia do Senhor. Além de fazer uma bela contribuição para a vida e atmosfera da igreja, sua própria liderança espiritual progrediu, sua vida enriqueceu-se, e os outros foram abençoados.

Cobiça, e sua irmã gêmea, *ambição pelo dinheiro*, são fatores que desqualificam o líder. No exercício de seu ministério espiritual, o líder

não poderá, jamais, ser movido por considerações de ordem financeira. Ele estará disposto a aceitar um compromisso tanto mediante uma baixa remuneração quanto por uma alta.

Fletcher de Madeley foi descrito assim por Wesley: “Outro caráter tão intocável, em todo aspecto, jamais encontrei, nem na Europa nem na América; dificilmente encontrarei outro neste lado da eternidade.” Antes de Fletcher ir para Madeley, com que seu nome ficou inseparavelmente ligado, o Sr. Hill, seu benfeitor, assim lhe teria dito, ao informar-lhe que poderia assumir o cargo em Dunham, Cheshire: “A paróquia é pequena, os deveres leves, a remuneração boa (quatrocentas libras por ano), e está situada numa área linda, saudável e esportiva!”

“Ah, senhor”, replicou Fletcher, “Dunham não me serve. Há dinheiro demais e trabalho de menos.”

“Poucos ministros fazem tais objeções”, observou o Sr. Hill. “É uma pena recusar tão boa igreja, e acho que não poderei achar outra. Você gostaria de ir para Madeley?”

“Esse lugar, senhor, seria ótimo para mim.”

“Minha intenção é fazê-lo feliz da maneira que você preferir”, disse o Sr. Hill. “Se você prefere Madeley, não terei dificuldade em persuadir o atual vigário a trocá-la por Dunham, que vale mais do que o dobro.”

Naquela pequenina igreja, aquele homem, que era inocente quanto a qualquer acusação de cobiça, e isento da ambição do dinheiro, exerceu um ministério extraordinário, e até hoje através de sua biografia sua influência se faz sentir nesta geração.

QUALIFICAÇÕES DOMÉSTICAS *

O líder cristão casado deve demonstrar sua habilidade em governar sua casa de maneira piedosa — “que governe bem a sua própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo respeito . . . Porventura, não é o fracasso neste setor que tem causado o fato de muitos ministros e missionários terem ficado num nível inferior em sua liderança?

A fim de atingir este ideal, o líder deve ter uma esposa que compartilhe totalmente suas aspirações espirituais, e está disposta a fazer os sacrifícios necessários. Muitos homens bem dotados perderam a oportunidade de grandes lideranças, e da eficiência espiritual, por causa da impropriedade da esposa que escolheram. Se um homem não foi bem sucedido no exercício de uma disciplina feliz, benevolente, em sua própria família, haveria razão para esperar que ele se sairá melhor tratando da família de Deus? Se seu lar não foi bem ordenado, nem seus filhos bem controlados, a habilidade deste líder para oferecer uma hospitalidade condigna estará enormemente restringida, e sua influência sobre as outras famílias muito diminuída.

A implicação clara, aqui, é que o líder, enquanto cuida dos interesses da igreja, ou de outra atividade espiritual, não negligenciará a família, que é sua responsabilidade primordial e pessoal. Na economia divina, o desempenho de um dever atribuído por Deus, ou de uma responsabilidade que Ele nos tenha dado, jamais envolve a negligência de outro dever ou responsabilidade. Há tempo suficiente para o desempenho total de todas as responsabilidades legítimas. Paulo dá a entender que a habilidade de um homem no exercício da autoridade espiritual sobre as demais pessoas fica evidenciada pela sua habilidade em exercer uma disciplina sábia e amorosa, em sua própria casa. A liderança de muitas pessoas frequentemente falhou por causa do fracasso neste setor.

QUALIFICAÇÕES DE MATURIDADE

Maturidade espiritual é indispensável para a boa liderança. Não há lugar para um novato, para um neoconvertido, em posições de liderança responsável. A palavra é *neophyte*, que significa “recentemente plantado”, uma imagem tomada da natureza. Qualquer planta precisa de tempo para criar raízes e chegar à maturidade, e este processo não pode ser acelerado. A planta precisa enraizar para baixo, antes de produzir frutos, lá em cima. Em harmonia com esta figura de linguagem, Bengel disse que os noviços “usualmente são verdolengos. O neoconvertido ainda não foi podado pela cruz”. Em 1 Timóteo 3:10, referindo-se às qualificações do diácono, Paulo recomenda: “Primeiro devem ser provados.” Isto demonstrará seu valor (ou falta dele) para uma posição de responsabilidade na igreja.

Quando Timóteo se tornou pastor da igreja de Éfeso, ela já existia há mais de dez anos. Havia tido o privilégio de ser atendida por uma galáxia de pastores e professores muito bem dotados, de modo que lá havia muitos homens maduros. Daí a insistência de Paulo na necessidade dessa qualidade em seus líderes. À luz da experiência missionária na direção de igrejas recém-estabelecidas, é interessante observar que Paulo, sempre realista, não exige essa qualificação no caso da novel igreja de Creta, porquanto ali não havia homens maduros disponíveis (Tito 1:5-9). Não se pode insistir no ideal, nos estágios primários do estabelecimento de igrejas; contudo, deve ser tomado o máximo cuidado na seleção daqueles que irão assumir responsabilidades, de forma a se ter certeza de que são estáveis de caráter, espirituais no enfoque e não ambicionam posições.

Paulo apresenta uma razão válida e convincente para sua exigência: “senão ficará cheio de orgulho, e será condenado como o Diabo.” Um neoconvertido não tem ainda a maturidade e estabilidade espirituais essenciais a um líder sábio. Não é bom dar posições-chaves antes da hora adequada, nem mesmo aos que parecem ter grande talento, porque há o perigo de se perderem. A história da igreja, e das missões, está repleta

de trágicas ilustrações dessa possibilidade. Dar cargos aos novos convertidos, pois, é coisa que pode prejudicar os melhores interesses da igreja e dos próprios neoconvertidos. Sendo a natureza humana como é, o novato ficaria exposto ao grande perigo de inchar demais com um falso senso de sua própria importância, visto que, tão cedo e tão repentinamente, ele se viu elevado a uma posição de autoridade sobre seus irmãos. Contudo, embora não se deva dar ao neófito uma posição-chave demasiado cedo, àquele que promete muito deve-se atribuir oportunidades que se vão abrindo, aos poucos, para servir em tarefas mais humildes, de menor importância, onde ele poderá desenvolver seus dons naturais e espirituais. Ele não deve ser promovido rápido demais porque poderá envaidecer-se. Nem deveria ser reprimido, para não desencorajar-se.

Em harmonia com esta regra, como bem observa William Hendriksen, Paulo não nomeava líderes em todos os lugares, em sua primeira viagem missionária, mas apenas após ter revisitado as igrejas, e ficar satisfeito com o progresso espiritual daqueles a quem ele, em seguida, vai nomear (At. 14:23). Timóteo não foi ordenado ministro imediatamente após sua conversão. Embora sua conversão houvesse ocorrido durante a primeira viagem de Paulo, Timóteo não foi ordenado senão na segunda ou talvez na terceira viagem missionária.

“É marca do homem maduro, em comparação com o novato inexperiente, que aquele encontra seu centro de gravidade onde quer que ele se encontre no momento e, embora almeje ardentemente alguma outra coisa, ela não o demoverá de seu posto, e do cumprimento de seu dever.” Estas são palavras de Dietrich Bonhoeffer. É exatamente isto que o neoconvertido acha difícil fazer. Trata-se de uma característica que acompanha a maturidade crescente.

A maturidade é exibida na magnanimidade de espírito e na largueza de visão. O encontro de Paulo com Cristo transformou-o de um fanático de mente estreita no mais magnânimo dos homens. O fato de Cristo habitar seu coração, fez este engrandecer-se, e alargou seus horizontes. Entretanto, a largueza de sua visão não o levou a abandonar suas convicções.

As exigências acima, para a liderança na igreja de Cristo, são reconhecidas como essenciais até mesmo nos círculos mundanos. William Barclay menciona um pagão de nome Onosander que deu a seguinte descrição do comandante ideal: “Ele deve ser prudentemente autocontrolado, sóbrio, frugal, um vigoroso trabalhador, inteligente, destituído do amor ao dinheiro, não muito jovem nem muito velho, se possível pai de família, capaz de falar competentemente, e ter boa reputação.” A semelhança com a lista de Paulo é extraordinária. Se o mundo exige tais padrões de seus líderes, acaso é demais esperar que os líderes da igreja de Deus tenham essas características, e outras mais?

7

Luzes de Pedro Sobre Liderança

Rogo, pois, aos presbíteros que há entre vós, eu, presbítero como eles, e testemunha dos sofrimentos de Cristo, e ainda co-participante da glória que há de ser revelada: pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangidos, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes tornando-vos modelos do rebanho. Ora, logo que o Supremo Pastor se manifestar, recebereis a imarcescível coroa da glória. Rogo igualmente aos jovens: Sede submissos aos que são mais velhos; outrossim, no trato de uns com os outros, cingi-vos todos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, contudo aos humildes concede a sua graça.”

1 PEDRO 5:1-7

Pedro foi o líder natural e aceito do grupo apostólico. Os outros faziam o que Pedro fazia. Aonde Pedro ia, os outros iam. “Vou pescar”, disse Pedro. “Iremos contigo”, disseram seus amigos. Seus erros, decorrentes na maior parte de sua incurável impetuosidade, foram muitos, contudo, sua influência era grande e sua liderança algo inquestionável. É, pois, um valioso exercício ponderar sobre seu conselho, dado a líderes espirituais nos anos de sua maturidade. Escreveu aos guias de uma igreja perseguida alguns princípios eternos que se relacionam a todos os tipos de liderança espiritual.

O veterano pastor lembrou aos líderes sua responsabilidade primordial para com o rebanho confiado a seu cuidado: Vejam que “o rebanho

que Deus deu a vocês” esteja alimentado adequadamente (5:2). Não é difícil detectar algumas nuances daquela entrevista inesquecível deste pastor com o Sumo Pastor, após o trágico fracasso (João 21:15-17). Na verdade, nesta passagem ele parece estar revivendo as experiências daqueles primeiros dias. Ele sabia bem que aqueles que estavam passando por provas difíceis, como “o povo de Deus que vive espalhado” (1:1), aos quais ele estava escrevendo, precisavam do melhor cuidado pastoral possível. Tendo isto em vista, ele escreveu aos líderes.

Deve-se observar que Pedro não escreveu como chefe dos apóstolos, mas, como um “presbítero, como eles”, alguém que estava exercendo responsabilidades semelhantes. Ele lhes falou, não de cima, mas no mesmo nível — excelente terreno para o exercício da liderança. Ele os tratou como se estivessem no mesmo plano de igualdade com ele. Ele escreveu, também, como testemunha dos sofrimentos de Cristo, o qual havia sofrido muito pelo fracasso de Pedro, que depois foi quebrado e conquistado pelo amor encontrado no Calvário. O trabalho de um pastor não pode ser feito eficientemente sem um coração de pastor.

Em primeiro lugar, Pedro tratou da *motivação* dos líderes. O líder espiritual deve assumir e desempenhar suas obrigações sem coerção, nunca sob compulsão, mas sempre “com excelente disposição e não porque você acha que não pode livrar-se da coisa”. As condições prevalentes nos dias em que Pedro escreveu eram tais que amedrontariam o coração mais intemorato, contudo, ele encorajou os líderes a não desanimar por causa disso. Não deveriam, tampouco, servir ao Senhor meramente por um senso de dever, ou pela pressão das circunstâncias, mas pela suavidade do constrangimento do amor divino.

O ministério pastoral deveria ser exercido “como Deus quer” (5:2), não de acordo com as preferências e desejos do pastor.

Diz Pedro aos líderes: “Sejam pastores do rebanho que Deus deu a vocês . . . *como Deus quer*.” Assim como Israel é a porção especial de Deus, o povo a quem temos de servir na igreja ou em qualquer outro lugar, é nossa porção especial; nossa atitude para com ele deve ser a atitude de Deus — devemos pastoreá-lo como Deus o faria. Que visão se nos abre, assim! Que ideal! E que condenação! É nossa tarefa mostrar a paciência de Deus, o perdão de Deus, o amor de Deus que vai buscar o pecador, o serviço ilimitado de Deus.

A obra para a qual Deus nos chama não deve ser recusada por causa de algum senso de indignidade ou inadequação. Quem seria de fato digno de tal incumbência? Quanto à inadequação, devemos lembrar-nos de que Moisés, ao pedir isenção a Deus, dando-Lhe este motivo, ao invés de agradar a Deus inflamou-Lhe a ira. (Êxodo 4:14).

O líder espiritual deve ser *desinteressado de lucro* em seu trabalho. Faça o seu trabalho, não visando o que você ganhará com ele, “nem por sórdida ganância”. Pedro não havia esquecido o poder corruptor da cobiça sobre seu colega Judas, e demonstrava o máximo interesse em que seus companheiros presbíteros estivessem inteiramente livres da avareza. O líder não deveria deixar-se afetar em seu trabalho, nem em suas decisões, por quaisquer considerações de lucro financeiro, ou de outra ordem. Quando as pessoas perceberem que ele está genuinamente desinteressado em recompensas materiais suas palavras se tornarão mais cheias de autoridade.

O Dr. Paulo Rees acha que a cobiça pelo dinheiro não é o único pensamento contido nas palavras gregas “sórdida cobiça”. Esta frase pode ser aplicada apropriadamente à cobiça pela popularidade ou fama, a qual também é uma tentação insidiosa. O prestígio e o poder frequentemente são mais cobiçados do que o dinheiro.

“Não sei qual dos dois ocupa a esfera mais baixa, se aquele que cobiça dinheiro ou o que cobiça aplauso”, escreveu o Dr. J. H. Jowett. “Um pregador pode revestir sua mensagem e enfeitá-la de modo a atrair o aplauso do público; os obreiros de outras esferas podem procurar a proeminência, a imagem impressionante, que representará gratificante reconhecimento. Tudo isto, porém, desqualifica-nos para a tarefa. Estas coisas destroem a percepção das necessidades e perigos que cercam o rebanho.”

O líder cristão não deve ser *ditatorial*. “Nem como dominadores dos que vos foram confiados” (5:3a). Um líder ambicioso pode facilmente degenerar-se, e transformar-se num tiranete com mania de mandar nos outros. “Até mesmo um pouco de autoridade é capaz de transformar um andar decente numa pavoneação impertigada e ofensiva”. Nenhuma outra atitude poderia ser menos adequada para alguém que professa servir ao Filho de Deus, que humilhou-Se a Si mesmo.

Ele deve ser um *exemplo digno* para seu rebanho. “Tornando-vos modelos do rebanho. (5:3b) — palavras que lembram a exortação de Paulo a Timóteo: “Torna-te padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza.” (1 Tim. 4:12). Pedro lembra aos presbíteros o espírito em que seu ministério deveria ser exercido — espírito de pastor. A palavra “alimentar” indica a tarefa completa do pastor. Antes que assumissem prerrogativas que não fossem legalmente deles, Pedro lhes lembra que o rebanho é de Deus, não deles, e que é a Deus que deverão prestar contas no fim. Ele é o Sumo pastor; os presbíteros são pastores auxiliares. Se o ministério for “como Deus quer” haverá de incluir, certamente, a intercessão. O piedoso bispo Azarias, da Índia, observou, certa vez, ao bispo Stephen Neill que ele encontrava tempo, todos os dias, para orar nominalmente por todas as pessoas que exercessem liderança em sua diocese. Não é de admirar-se, então, que durante seus trinta anos de

ofício a diocese triplicou em número de membros, e aumentou grandemente sua eficiência espiritual.

O líder deve “revestir-se” de humildade — “cingi-vos todos de humildade” (5:5). A palavra cingir-se ocorre apenas aqui e refere-se ao avental branco usado pelo escravo. O líder deve *vestir o avental do escravo*. Estaria Pedro lembrando aquela trágica noite em que ele recusou-se a tomar a toalha, cingir-se e lavar os pés de seu Mestre? Ele deve resguardar os presbíteros de tragédia semelhante. O orgulho sempre se oculta no calcanhar do poder, mas Deus nunca encoraja os orgulhosos, em Seu trabalho. Ao contrário, opor-se-á a eles, com grandes obstáculos. Contudo, para o pastor ajudante que é humilde e simples de coração, Ele multiplicará Sua graça. No versículo 5, Pedro exorta o líder a *agir humildemente* em seu relacionamento com os outros. Mas no versículo 6 ele nos desafia a *reagir humildemente* à disciplina de Deus: “Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus.” O verbo, no original, está na voz passiva: “Permiti que sejais humilhados” seria uma tradução correta.

Como prêmio a um tipo superior de liderança, Pedro apresenta outro incentivo: “Logo que o Supremo Pastor se manifestar, receberéis a imarcescível coroa da glória” (5:4). “Imarcescível”, aqui, significa “que não murcha”. A cobiçada coroa de louros, ou salsa, logo fenece e murcha, mas não a grinalda de amarantho, o prêmio do líder fiel.

O pastor auxiliar fica confortado, também, com o fato de que ele não será abandonado pelo Supremo Pastor, de modo a suportar sua carga sozinho. Ele experimentará uma transferência de ansiedade. “Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós” (5:7). Pedro se refere à ansiedade inerente à liderança. *Ansiedade* implica em “distração da mente e do coração em vista de emoções conflitantes.” Contudo, o pastor auxiliar não precisa temer que a ansiedade derivada do rebanho de Deus venha a ser demasiado pesada para ele. Mediante um ato definido da vontade e da mente, ele pode transferir o peso esmagador da carga espiritual que vem carregando para os braços poderosos de um Deus que tem cuidado de nós.

8

Qualidades Essenciais à Liderança — 1

É necessário, portanto, que o bispo seja irrepreensível, esposo de uma só mulher, temperante, sóbrio, modesto, hospitaleiro, apto para ensinar; não dado ao vinho, não violento, porém, cordato, inimigo de contendas, não avaro; e que governe bem a sua própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo respeito; (pois se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus?); não seja neófito, para não suceder que se ensoberbeça e incorra na condenação do diabo. Pelo contrário, é necessário que ele tenha bom testemunho dos de fora, a fim de não cair no opróbrio e no laço do diabo.

1 TIMÓTEO 3:2-7

Quando Jesus estava preparando Seus discípulos para suas tarefas futuras, demonstrou um método de treinamento excelente. Ele os ensinou tanto com lições como pelo exemplo. Seu ensino era mais prático que formal. Ele providenciava retiros para ensinamentos especiais, mas, em geral, os caracteres dos discípulos foram forjados nas estradas da vida ao invés de no isolamento. As experiências do dia a dia dos discípulos constituíam oportunidades para inculcar princípios e valores espirituais.

Ele empregava o método de residência (como, por exemplo, Lc. 10: 17-24), que permitia que eles aprendessem tanto através de seus erros quanto de seus sucessos (Mc. 9:14-29). Aprendiam a exercer a fé para suas necessidades diárias. Ele lhes delegava autoridade e responsabilidade, à medida que iam sendo capazes de assumi-las. O discurso maravilhoso de João 13-16 tem sido chamado de discurso de formatura dos discípulos. Não há nada melhor para fazermos do que seguir o exemplo do Mestre Supremo, o exemplo máximo de liderança espiritual.

Ao preparar um homem para a liderança, Deus sempre tem em vista a esfera de serviços para os quais Ele Se propõe a chamá-lo. Ele é capaz, portanto, de adaptar meios aos fins, e dotar esse homem com dons naturais e graça de tal forma que ele estará muito bem equipado para cumprir suas obrigações vocacionais. Sem o soberbo equipamento e o treinamento singular que recebeu, Paulo nunca teria colhido os inacreditáveis resultados obtidos numa vida tão curta.

Deus preparou Adoniram Judson para ser pioneiro em Burma, concedendo-lhe as qualidades apropriadas: autoconfiança temperada com humildade, energia refeeda pela prudência, paciência, desprendimento, coragem, e paixão pelas almas.

Martinho Lutero, o grande Reformador, foi descrito como um homem de fácil acesso: totalmente destituído de vaidade, tão simples em seus gostos que as pessoas ficavam imaginando como poderia ele sustentar-se com tão pouco, cheio de bom senso, de humor brincalhão, e alegria, honesto, transparente como o dia, e sincero. Adicione-se a tudo isto sua coragem indômita, convicção inflexível e paixão por Cristo. Não é de admirar-se que ele tenha amarrado homens a si mesmo, com cordas de aço.

O professor G. Warneck descreveu Hudson Taylor em termos que indicam a maneira adequada como Deus o havia qualificado para seu trabalho de pioneiro na China: "Um homem cheio de fé e do Espírito Santo, inteiramente entregue a Deus e à sua vocação, de grande auto-negação, compaixão sincera, raro poder de oração, maravilhosa capacidade de organização, perseverança infatigável, extraordinária influência sobre as pessoas e, além do mais, de uma simplicidade quase infantil."

Em todos estes casos, os homens foram dotados de dons que os equiparam de forma singular para as tarefas especiais para as quais seriam chamados. Contudo, aquilo que os ergueu acima de seus companheiros foi a maneira extraordinária como desenvolveram estes dons e graças, através da devoção e da autodisciplina.

Consideraremos, a seguir, as qualidades gerais necessárias para transformar um homem num líder espiritual, e que devem ser continuamente desenvolvidas pelo líder.

DISCIPLINA

Tem sido dito, acertadamente, que o futuro pertence ao disciplinado. Esta qualidade foi colocada em primeiro lugar, em nossa lista, porque as demais qualidades, por grandiosas que sejam, sem a disciplina jamais realizarão seu potencial máximo. Só a pessoa disciplinada subirá até os mais altos poderes. Ela é capaz de liderar porque conseguiu conquistar-se a si mesma.

As palavras *discípulo* e *disciplina* derivam da mesma raiz. Líder é a pessoa que, primeiramente, se submeteu de boa vontade, e aprendeu a obedecer, segundo uma disciplina imposta de fora, e que, em seguida, impôs a si mesma, de dentro, uma disciplina ainda mais rigorosa. Aqueles que se rebelam contra a autoridade e mofam da autodisciplina raramente se qualificam para uma liderança de primeira ordem. Eles evitam os rigores e sacrifícios exigidos, e rejeitam a disciplina divina envolvida na liderança. Muitos que abandonam o trabalho missionário o fazem não porque não tenham sido suficientemente dotados de dons, mas porque grandes áreas de suas vidas jamais foram entregues ao controle do Espírito Santo. O preguiçoso e o desorganizado jamais estarão à altura da verdadeira liderança.

Muitos que tomam cursos de liderança, na esperança de atingi-la, falham porque nunca aprenderam a obedecer. São como meninos brincando de guerra na rua. Quando um transeunte perguntou-lhes porque estavam tão quietos, não fazendo coisa alguma, um garoto replicou: “Somos todos generais. Não conseguimos convencer ninguém a lutar.”

O Dr. Donald Barnhouse chamou a atenção para o extraordinário fato de que a média das idades dos quarenta mil biografados no *Who's Who** — os quarenta mil que realmente conduzem os Estados Unidos, era de menos de vinte e oito anos. Isto salienta o importante fato de que a disciplina bem cedo na vida de quem esteja preparado para fazer sacrifícios, a fim de obter preparo adequado para a tarefa vital, é aquilo que pavimenta a estrada das grandes realizações.

Um grande estadista fez um discurso que mudou a direção dos assuntos nacionais. “Posso perguntar-lhe quanto tempo o senhor levou para preparar esse discurso?” Perguntou-lhe um admirador.

“Minha vida toda tem sido um preparativo para aquilo que eu disse hoje”, replicou o homem.

O jovem que tem calibre de líder trabalha enquanto os outros perdem tempo, estuda enquanto os outros dormem, ora enquanto os outros brincam. Não há lugar para hábitos desleixados quanto a pensamentos, palavras, ações ou mesmo vestuário. Ele observará uma disciplina militar na dieta e no comportamento, de maneira a poder lutar bem. Ele assumirá, sem relutância, a tarefa desagradável que os outros evitam, ou a obrigação oculta, de que as pessoas fogem porque não há nela aplausos nem reconhecimento. O líder cheio do Espírito não recuará diante de situações difíceis, nem de pessoas problemáticas, nem mesmo do serviço sujo. Quando necessário, ele exercerá disciplina bondosa e corajosamente quando os interesses da obra do Senhor o exigirem. Não deixará para mais tarde a

* Publicação americana que traz os dados biográficos dos profissionais mais famosos, em todas as áreas de atividade humana, nos Estados Unidos. N. do T.

remessa daquela carta difícil. Seu cesto de papéis inúteis não dará indicações de seu fracasso na resolução de problemas urgentes. Sua oração será:

Deus, endurece-me contra mim mesmo,
Esse covarde, com voz patética,
que anseia pelo descanso, pelo prazer,
pela sombra e água fresca.
Eu mesmo: arquitraidor de mim mesmo,
O mais oco dos meus amigos,
Meu pior inimigo, o mais mortífero,
Meu obstáculo em qualquer estrada.

AMY WILSON CARMICHAEL

Poucos homens foram mais fiéis e corajosos, em amar a repreensão, ou em falar francamente às pessoas, quando elas precisavam disso, ou a obra do Senhor o exigia, do que Fred Mitchell, diretor inglês da Missão Continental Chinesa, e presidente da Convenção Inglesa Keswick. Embora incomumente sensível e afetuoso, por natureza, ele não evitava a entrevista desagradável. Quando tinha algo duro para dizer, ele o fazia em espírito de oração, e com amor, embora nem todos fossem capazes de aceitar a admoestação com o mesmo espírito. Ele nos confiou que sofrera muito quando, em alguns casos, sua fidelidade havia resultado na perda de amigos.

Ao aproximar-se do fim da vida, um amigo observou que “ele mudou bastante. Embora não evitasse uma tarefa desagradável, mas necessária, ele gastava mais tempo em oração, antes de executá-la”. Frequentemente, quando devia lidar com assunto que envolvia disciplina, ou precisava cortar as pretensões dos outros, ele escrevia uma carta e a guardava durante vários dias. Então, às vezes, ao relê-la, obtinha certeza maior de que deveria enviá-la, e a punha no correio. Outras vezes, a carta era rasgada e ele escrevia outra.

O Dr. Thomas Cochrane, fundador do Movimento para Domínio do Mundo, estava sendo entrevistado para ir ao campo missionário. Quando lhe perguntaram: “Para que trabalho no campo o senhor se sente chamado de modo especial? Ele respondeu: “Só sei que eu gostaria que fosse o trabalho mais duro que o senhor pudesse oferecer-me”. Esta é a resposta de um homem fortemente disciplinado.

Lytton Strachey escreveu o seguinte, a respeito de Florence Nightingale:

Não foi pela sua doçura gentil e auto-abnegação feminina que ela conseguiu transformar, em ordem, o caos dos Hospitais Scutari; que ela, com seus próprios recursos, vestiu o Exército Britânico; dominou os poderes cerrados e relutantes do mundo oficial; foi

através de método estrito, através de *rígida disciplina*, de cuidadosa atenção aos detalhes, de trabalho incessante, por inamovível determinação de uma vontade indomável. Por baixo de uma aparência calma, chamas apaixonadas e irresistíveis mantinham-se escondidas.

Samuel Chadwick, o grande pregador metodista, e diretor do Colégio Cliff, produziu grande impacto sobre sua geração. Ele se disciplinava com grande rigor, levantando-se às seis da manhã para tomar um banho frio, fosse verão ou fosse inverno. Acostumou-se com pouco sono. As luzes em seu escritório raramente se apagavam antes das duas horas da madrugada. Este rigoroso programa era apenas a expressão externa de uma disciplina interna.

Durante toda sua vida, George Whitefield foi um madrugador: usualmente levantava-se às quatro horas. Era pontual, também, quanto à hora de recolher-se, à noite. Quando o relógio batia dez horas, não importava quem fossem seus visitantes, ou que tipo de conversa os entretinha no momento; ele se levantava de sua cadeira e, avançando para a porta, dizia com muito bom humor a seus amigos: “Venham, senhores, é hora das pessoas boas estarem em casa.”

Barclay Buxton, do Japão, costumava incentivar os crentes a viverem vidas disciplinadas, tanto nos negócios como no trabalho evangélico. Isto incluía disciplina no estudo da Bíblia e na oração, no dízimo de seu dinheiro e no de seu tempo, e na manutenção da saúde através da alimentação sadia, do sono e do exercício. Incluía o rigor de um companheirismo disciplinado entre cristãos, diferentes entre si de várias maneiras. Esta disciplina objetivava equipá-los para suportar responsabilidades. Em seguida, ele os incentivava a assumir cargos em comissões, e a cumprir com suas obrigações exercendo perfeita lógica e discernimento na execução do trabalho. Tudo isto refletia a disciplina de sua vida. Sua motivação das pessoas veio através da experiência.

Estes trechos de biografia servem apenas para ilustrar o fato de que:

As imensuráveis alturas atingidas
Pelos grandes homens não foram
Atingidas por um vôo repentino.
Enquanto seus companheiros dormiam,
Esses homens trabalhavam duramente.

AUTOR DESCONHECIDO

Visto que o líder mesmo é tão fortemente disciplinado, os outros sentem isto, e ficam inusitadamente dispostos a cooperar com a disciplina que ele espera de todos.

Há outro elemento pouco enfatizado, na disciplina, que merece atenção. É a disposição tanto para receber como para dar aos outros. Alguns deleitam-se em sacrificar-se pelos outros, sem, contudo, permitir que haja retribuição. Não querem, absolutamente, dever algo a alguém. Entretanto, esta é uma poderosa maneira de exercer liderança eficiente. Quem a negligencia rouba a si mesmo e aos outros.

Diz-se do bispo Westcott que, no fim de sua vida, ele teria dito que havia cometido um grande erro: Embora estivesse sempre disposto a ajudar os outros até o limite de sua capacidade, jamais havia permitido que alguém fizesse algo por ele e, como resultado, faltava-lhe um elemento de doçura e satisfação. Ele não havia permitido a si mesmo a disciplina de receber muitos atos de bondade, os quais não poderiam, agora, ser retribuídos.

VISÃO

Aqueles que mais poderosa e permanentemente influenciaram sua geração têm sido “videntes” — homens que viram mais, e mais longe, do que os demais — homens de fé, visto que fé é visão. Isto foi verdadeiro quanto aos profetas ou videntes dos tempos do Velho Testamento. De Moisés, um dos grandes líderes de todos os tempos, a Bíblia diz que “permaneceu firme como quem vê aquele que é invisível.” Sua fé comunicava visão.

Powhattan James, em sua biografia de George W. Truett, o grande líder batista, diz o seguinte:

O homem de Deus deve ter *visão* de coisas espirituais. Deve ser capaz de ver as montanhas cheias de cavalos e carruagens de fogo; deve ser capaz de interpretar aquilo que está escrito pelo dedo de Deus nas paredes da consciência; deve ser capaz de traduzir os sinais dos tempos em termos de seu significado espiritual; deve ser capaz de descerrar, de vez em quando, as cortinas do mundo material a fim de permitir que os mortais vislumbrem a glória espiritual que coroa o trono da misericórdia de Deus. O homem de Deus deve proclamar o padrão que lhe foi mostrado no monte, e a visão que lhe foi mostrada na ilha da revelação . . . Ele não conseguirá fazer nada disto sem que tenha visão espiritual.

Esta era uma característica de Charles Cowman, fundador da Sociedade Missionária Oriental. “Era um homem de visão. Durante toda sua vida, ele parecia ver o que a multidão não conseguia ver; e via com maior largueza e maior profundidade do que muitos de seus dias. Foi um homem de grandes horizontes.”

A visão inclui a *previsão* (visão de coisas e pessoas), e *visão interna* (visão de si mesmo), isto é, discernimento de fatos ao redor de si, e dentro de si. Comenta-se do Presidente McKinley que ele era um grande estadista porque possuía a faculdade de aplicar o ouvido ao chão e ouvir as coisas que estavam vindo. É uma figura de linguagem diferente, que comunica a mesma idéia. Ele transformou sua audição em visão. Sabia ver o que estava à frente. O líder deve receber a visão dos resultados das regras ou métodos que está pondo em prática. A liderança responsável sempre olha para a frente, para ver de que maneira as decisões propostas afetarão não apenas as gerações presentes mas também as futuras.

Os grandes pioneiros missionários foram, sem exceção, homens de visão. Carey olhava o mundo todo, no mapa, enquanto seus companheiros, também pregadores, estavam preocupados com suas pequenas igrejas. Henry Martyn viu a Índia, a Pérsia e a Arábia — uma visão do mundo muçulmano — enquanto a igreja, em sua terra natal, se engalinhava em disputas teológicas. Os contemporâneos de A. B. Simpson disseram dele: “Parecia que o trabalho de sua vida era seguir à frente, sozinho, porque seus colegas não viam nada a explorar.”

Falando a Douglas Thornton, do Egito, o Sr. Baylis, seu supervisor no campo missionário, comentou o seguinte: “Thornton, você é diferente de todo o mundo que eu conheço. Você está sempre olhando para o fim das coisas. A maioria das pessoas, inclusive eu, acha melhor olhar o próximo passo, fazer a coisa seguinte.” A resposta de Thornton foi: “Descobri que a inspiração constante que se obtém ao olhar para o alvo é a força principal que me ajuda a perseverar.” Era-lhe absolutamente necessário que tivesse um ideal, ou uma visão. Ele não poderia trabalhar sem isto. Isto explicava, então, a largueza de suas idéias e a magnitude de seu trabalho.

Foi dito o seguinte, a respeito da contribuição de Thornton para o Movimento Voluntário de Estudantes: “Ele foi o maior profeta do Movimento de Estudantes. Perscrutava o futuro e depois traçava seus planos.” Era típico de sua visão global escrever aos líderes de sua sociedade nestes termos: “Estive na Imprensa Americana, em Beirute, e vi lá o resultado do demoradíssimo estudo dos sete eruditos árabes. Digo-lhes que é uma gota d’água no oceano. Precisamos de um hinário em árabe, uma coletânea completa de obras teológicas, e uma batelada de folhetos sobre controvérsias.”

Olhos que olham são comuns. São raros os olhos que vêem. Os fariseus *olharam* para Pedro e viram apenas um pobre pescador, iletrado, totalmente insignificante, indigno de uma segunda olhada. Jesus *olhou* para Pedro e descobriu o profeta e pregador, o santo e o líder de um grupo singular de homens, que viraram o mundo de pernas para o ar.

A visão inclui o *otimismo* e a *esperança*. Jamais um pessimista tornou-se líder. O pessimista vê uma dificuldade em cada oportunidade. O

otimista vê uma oportunidade em cada dificuldade. O pessimista, sempre vendo dificuldades antes das possibilidades, tende a refrear o homem de visão que deseja deslanchar. O homem prudente tem seu papel a ser desempenhado, ao ajudar seu líder a ser otimista e ao mesmo tempo, realista. Deve ele, contudo, estar alerta, a fim de que sua prudência nata, e agora desenvolvida, não apare as asas do homem a quem Deus deseja que voe alto. O homem cuidadoso e prudente retira lições valiosas da história e da tradição, mas corre o perigo de ficar acorrentado ao passado. O homem que vê dificuldades tão claramente que não consegue discernir as possibilidades, está incapacitado para inspirar seus liderados.

Browning assim descreve o otimista corajoso:

É alguém que jamais desiste,
Mas continua marchando, de peito aberto,
Nunca duvidando que as nuvens negras se dispersarão.
Nunca admitindo, embora a justiça
Fosse vilipendiada,
Que o mal haveria de triunfar.

A visão comunica espírito de aventura, e a história está ao lado daqueles que possuem fé e espírito de aventura. O homem de visão está disposto a dar novos passos, pela fé, quando, aparentemente lá embaixo só há vácuo. O verdadeiro líder não age apenas na segurança, mas está disposto a correr um risco calculado. Dizia-se do arcebispo Mowll, de Sydney:

Uma das marcas de sua grandeza é que ele jamais esteve atrás de sua geração, nem demasiado na frente. Estava sempre na frente, suficientemente avançado para poder liderar a marcha. Procurava sempre captar a visão de novos horizontes. Ainda tinha mente receptiva para novas idéias, numa idade quando muitos estão inclinados a deixar que os eventos aconteçam livremente.

Embora devamos valorizar o passado, e procurar tirar proveito dele, não deveríamos considerá-lo tão sagrado a ponto de sacrificar o futuro por amor ao passado. O homem de visão olha para o futuro, ao determinar as regras do presente.

Sozinha, a visão faz um visionário.
A sabedoria, só, faz um pedante.
Mas a combinação de ambas é irresistível.
Visão sem tarefa produz um visionário.
Tarefa sem visão é enfado.
Visão com tarefa produz um missionário.

SABEDORIA

“Sabedoria: conhecimento da verdade, instrução imensa . . . razão; justo conhecimento, natural ou adquirido, das verdades (mormente morais); saber, doutrina, ciência; totalidade dos conhecimentos adquiridos . . . (Caldas Aulete). Webster define sabedoria como “a faculdade de fazer-se uso do conhecimento, uma combinação de discernimento, julgamento, sagacidade e poderes semelhantes . . . nas Escrituras, o julgamento justo concernente à verdade moral e espiritual”.

Sabedoria é mais que conhecimento, o qual é simples acúmulo de fatos. A sabedoria tem uma conotação pessoal, implicando em sagacidade. É mais do que percepção humana: é discernimento celestial. É conhecimento com penetração no coração das coisas – isto é, conhecimento das coisas como são, realmente. Envolve o conhecimento de Deus e dos labirintos do coração humano. É muito mais que simples conhecimento; é a aplicação correta do conhecimento, em assuntos morais e espirituais, ao enfrentar situações confusas, na complexidade das relações humanas. Dizia Theodore Roosevelt que “sabedoria é noventa por cento uma questão de ser sábio a tempo”. A maioria das pessoas é “quase sempre sábia depois do evento.”

A sabedoria dá ao líder o equilíbrio necessário, e o livra da excentricidade e da extravagância. O conhecimento é obtido pelo estudo, mas quando o Espírito enche um homem, Ele concede sabedoria para usar e aplicar esse conhecimento de maneira correta. “Cheio de sabedoria” era um dos requisitos até mesmo para líderes subordinados na igreja apostólica (At. 6:3).

Conhecimento e sabedoria, longe de serem UM,
Frequentemente não têm ligação entre si.
O conhecimento habita cabeças cheias
de pensamentos de outros homens.
A sabedoria mora em mentes atentas
A seus próprios pensamentos.
O conhecimento orgulha-se de ter aprendido tanto;
A sabedoria é humilde: sabe que pouco sabe.

AUTOR DESCONHECIDO

O lugar da sabedoria na liderança foi indicado na declaração de D. E. Hoste:

Quando um homem, em virtude de sua posição oficial, exige obediência dos outros, sem respeito à razão e consciência destes, demonstra o espírito da tirania. Quando, por outro lado, pelo exercício do tato e da simpatia, pela oração, pelo poder espiritual, e pela sábia

sabedoria, a pessoa é capaz de influenciar e iluminar aos outros, de tal modo que estes, através de sua própria razão e consciência, são levados a alterar a direção de suas vidas, e adotar outro caminho, isto é prova de verdadeira liderança espiritual.

A oração de Paulo pelos crentes de Colossos deveria estar constantemente nos lábios dos líderes que detêm responsabilidades espirituais: “Que transbordeis de pleno conhecimento da sua vontade, *em toda a sabedoria e entendimento espiritual.*” (Cl. 1:9 grifo do autor).

DECISÃO

Quando todos os fatos são conhecidos, o verdadeiro líder surge com sua marca característica: a decisão firme e rápida. O homem que possui visão deve fazer algo a respeito dela, para não transformar-se num visionário, em vez de líder. Embora ele seja rápido para chegar a uma conclusão, a decisão deve ser baseada em premissas sólidas. Lord Montgomery incluí o poder de decisão firme entre seus sete ingredientes da liderança militar.

Assim que o líder espiritual estiver seguro quanto à vontade de Deus, ele partirá para a ação imediata, não importando as consequências. Ao perseguir seus ideais, ele terá coragem suficiente para queimar as pontes atrás de si. Ele deve estar disposto a aceitar a total responsabilidade pelo fracasso ou pelo sucesso decorrente de sua decisão, e não colocará a culpa que porventura ocorrer, nas costas de um subordinado.

Abraão demonstrou ser homem de decisão clara e rápida, quando enfrentou a crise da captura de Sodoma, e de seu sobrinho Ló. Em seu relacionamento com Ló, Abraão manifestou os lados ativo e passivo de sua espiritualidade. Ao abrir mão altruisticamente de seus direitos à escolha das terras de pastagens, Abraão demonstrou a graça passiva da piedade. Contudo, ao ter de enfrentar a crise, ele demonstrou decisão e iniciativa imediatas. Com grande bravura ele perseguiu seus inimigos, dispondo de um bando de servos armados, terrivelmente inferior em número, e inspirado por sua fé em Deus, conquistou retumbante vitória sobre seus inimigos.

Moisés qualificou-se para tornar-se líder de Israel somente quando, após avaliar o custo, tomou a importante decisão de abandonar os tesouros e prazeres do Egito, e identificar-se com Israel em suas aflições e sofrimentos. Foi a fé que o levou a tomar uma decisão de tão longo alcance (Heb. 11:24-27).

É significativo que a primeira pergunta de Paulo, após sua conversão, foi uma pergunta-chave e refletia esta qualidade: “Que farei, Senhor?” (At. 22:10). No momento em que ele se convenceu da divindade de Cristo, ele tomou a decisão de prestar-Lhe obediência inquestionável. Ele recebia luz e a seguia. Via sua obrigação e a cumpria.

Cada um dos heróis imortalizados em Hebreus 11 era uma pessoa de visão e de decisão. Primeiro, tinham a visão. Em seguida calculavam o custo, tomavam suas decisões e agiam de acordo. O mesmo se pode dizer dos grandes líderes missionários. Carey teve sua visão em Kettering, e tomou sua decisão à luz da mesma, embora as dificuldades para transformar sua visão em realidade atingissem dimensões gigantescas. Ele realizou sua visão na Índia. David Livingstone teve sua visão em Dumbarton, tomou sua decisão, venceu todos os obstáculos, e prosseguiu firme, realizando-a na África. As circunstâncias não podem frustrar tais homens, nem as dificuldades detê-los.

O verdadeiro líder resistirá à tentação de adiar uma tomada de decisão, e não vacilará mais, uma vez que tenha sido tomada. Adiar e vacilar são fatais à liderança. Uma decisão faltosa, mas sincera, é melhor do que nenhuma decisão. Na verdade, “nenhuma decisão” também é uma decisão, e muito freqüentemente errada. É decisão segundo a qual o “status quo” é aceitável. Na maioria das decisões o problema fundamental não é tanto saber o que se deve fazer, mas, estar preparado para viver com as consequências.

Dizia-se de Charles Cowman que ele era homem de um só propósito. Mantinha seus olhos fixos num grande objetivo. Para ele, a visão de uma possibilidade tornava-se ação. No momento em que achava possível realizar determinada coisa, ficava inquieto até que essa coisa estivesse sendo executada.

Um jovem que iniciava seu trabalho na Guarda Costeira foi chamado, bem cedo, para tomar parte numa missão desesperada. Erguia-se uma tremenda tempestade, e um navio pedia socorro em grave perigo. Quando os homens começaram a movimentar um grande bote, preparando-se para a operação de socorro, aquele jovem, alarmado com a fúria da ventania, gritou para o capitão: “Nunca voltaremos!” Acima da tempestade, ressoou a voz do capitão: “Não temos de voltar, mas temos de sair!”

CORAGEM

Exige-se, do líder espiritual, coragem da mais alta ordem – coragem moral, sempre, e freqüentemente, coragem física também. Coragem é “aquela qualidade de espírito que capacita os homens a enfrentar o perigo, ou a dificuldade, com firmeza, ou sem medo, sem depressão mental.”

Paulo era corajoso, tanto física como moralmente, mas sua coragem não era do tipo que não conhece o temor. “E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós.” (1 Cor. 2:3). “Porque chegando nós à Macedônia, nenhum alívio tivemos; pelo contrário, em tudo fomos atribulados: lutas por fora, temores por dentro” (2 Cor. 7:5). Embora não cortejasse o perigo, Paulo não o evitou, desde que os interesses de Seu Mestre estivessem em jogo.

Martinho Lutero possuía esta importante qualidade em medida descomunal. **Tem-se** asseverado que ele foi, provavelmente, o homem mais corajoso que já existiu. Ao partir para sua histórica viagem a Worms, ele disse: “Podeis esperar de mim tudo, menos o medo, ou a retratação. Não fugirei, nem me retratarei.” Seus amigos advertiram-no dos perigos que enfrentaria, e tentaram dissuadi-lo. Contudo, Lutero não se deixaria dissuadir. “Não ir a Worms!” disse ele. “Irei a Worms mesmo que haja tantos demônios lá, como telhas nos telhados.”

Quando Lutero foi chamado perante o imperador, pediram-lhe que se retratasse. Insistiram em que ele deveria dizer numa palavra, se ele se retrataria ou não. “A menos que eu seja convencido pelas Escrituras Sagradas, ou por razões lúcidas, de outras fontes, não poderei retratar-me,” declarou. “Não posso condescender com Concílios, nem com o Papa, porque eles erraram frequentemente. Minha consciência é prisioneira da Palavra de Deus.”

Quando, outra vez, lhe foi dada uma oportunidade para retratar-se, ele cruzou os braços: “Fico aqui; não posso fazer outra coisa. Deus me ajude.” Alguns dias antes de sua morte, lembrando este incidente, Lutero descreveu seus sentimentos: “Eu não tinha medo de coisa alguma; Deus pode tornar uma pessoa tremendamente audaz. Não sei se eu poderia estar tão animado hoje.”

Contudo, nem todos são corajosos, por natureza, como o era Lutero, fato que está explícito e implícito, nas Escrituras. O maior grau de coragem é atribuído à pessoa que tem grande medo, mas recusa-se a capitular. Não importa quanto medo tenham sentido; os líderes de Deus, em todas as gerações, recebem a ordem para ter bom ânimo. Não sentissem eles qualquer medo, esta ordem não teria razão de ser. A responsabilidade pela sua própria coragem é colocada no líder mesmo, visto que ele é templo do Espírito de poder, que torna possível o desempenho corajoso.

Veja o contraste entre estes dois registros: “Trancadas as portas da casa onde estavam os discípulos, com medo dos judeus” (Jo. 20:19 e “Ao verem a intrepidez de Pedro e João . . .” (At. 4:13). Era os mesmos discípulos confrontados pelos mesmos judeus, após um intervalo de curto tempo. De onde veio a nova coragem? A inspiração dá a resposta: “Todos ficaram cheios do Espírito Santo.” Quando o Espírito Santo assume total controle da personalidade, ele concede “não . . . espírito de covardia, mas de poder” (2 Tim. 1:7).

A coragem de um líder é demonstrada quando ele está disposto a enfrentar fatos e condições desagradáveis, e mesmo devastadores, com equanimidade, e a agir com firmeza, à luz dessas circunstâncias adversas, mesmo que isto represente desprestígio pessoal. A inércia e a oposição dos outros não o detêm. Sua coragem não é coisa de momento, mas continua até que a tarefa seja feita.

As pessoas esperam que seus líderes ajam com coragem e calma nas

crises. Outros podem descontrolar-se e perder a cabeça; não, porém, os líderes. Eles fortalecem seus liderados em meio a reveses destruidores e influências enfraquecedoras.

Ao enfrentar as hordas impiedosas de Senaqueribe, Ezequias fez calmamente os preparativos militares, e depois dedicou-se a fortalecer o moral do povo. “Sede fortes e corajosos”, ele exortou. “Não temais, nem vos assusteis por causa do rei da Assíria, nem por causa de toda a multidão que está com ele; porque um há conosco maior do que o que está com ele.” Com ele está o braço de carne, mas conosco o Senhor nosso Deus, para nos ajudar e para guerrear nossas guerras. *O povo cobrou ânimo* com as palavras de Ezequias, rei de Judá.” (2 Crô. 32:7-8, grifo do autor). Isto é, realmente, liderança.

HUMILDADE

A humildade é a característica por excelência do homem que Deus usa, embora ela não esteja no currículo do mundo. Na área da política e do comércio, a humildade não é uma qualidade ambicionada, nem exigida. Ali, os líderes precisam e procuram proeminência e publicidade. Contudo, na escala de valores de Deus, a humildade ocupa lugar de destaque. Auto-negação, e não autopublicidade, foi a definição de Cristo para liderança. Ao treinar Seus discípulos para futuras posições de autoridade, Ele lhes disse que não deveriam ser pomposos e ditatoriais, como os déspotas orientais, mas modestos e humildes como Seu Mestre (Mat. 20:25-27). O líder espiritual escolherá o caminho escondido do serviço sacrificial, e a aprovação de seu Senhor, ao invés do compromisso retumbante e da adulação da multidão mundana.

Alguém poderia concluir, erroneamente, que a grandeza de João Batista ocorreu nos primórdios de seu ministério, por ocasião da violenta denúncia dos males de seus dias, na eloquência chamejante, nas palavras candentes que penetravam, e expunham os corações de seus contemporâneos. Contudo, o segredo que fez dele o maior dos nascidos de mulher deve ser encontrado em sua afirmação inconsciente, mas infinitamente reveladora: “Convém que ele cresça e eu diminua” (Jo, 3:30). Nesta simples sentença está revelada sua estatura espiritual.

A humildade do líder, tanto quanto sua espiritualidade, deveria ser uma qualidade sempre em desenvolvimento. É bastante instrutivo notar o crescimento de Paulo na graça da humildade, com o passar dos anos. Bem cedo em seu ministério, ao recordar seu passado, que ele agora aborrece, Paulo chegou à seguinte conclusão: “... eu sou o menor dos apóstolos, que mesmo não sou digno de ser chamado apóstolo” (1 Cor. 15:9). Algum tempo depois ele declarou o seguinte: “A mim, o menor de todos os santos” (Ef. 3:8). Quando sua vida aproximava-se do fim, e

ele se preparava para encontrar-se com seu Senhor, confessou: “Eu sou o principal (dos pecadores)” (1 Tim. 1:15).

Em seu livro “*Serious Call*,” William Law exorta:

Que todos os dias sejam dias de humildade; condescendei com todas as fraquezas e enfermidades de seus semelhantes, cobri seus pontos fracos, amai seus pontos de excelência, encorajai suas virtudes, aliviái suas necessidades, alegrai-vos em suas prosperidade, compadecei-vos deles em suas tribulações, recebei sua amizade, perdoai sua falta de bondade, perdoai sua malícia, sede servos dos servos, e condescendei em fazer o mais humilde serviço para o mais humilde dos seres humanos.

Em certa ocasião, Samuel Brengle foi apresentado como “o grande Dr. Brengle”. Em seu diário, ele escreveu:

Se pareço grande aos olhos deles, o Senhor está ajudando-me, da forma mais graciosa, a ver que eu sou absolutamente nada sem Ele, e ajudando-me a manter-me pequeno ante meus próprios olhos. Ele me usa. Contudo, estou realmente interessado em que *Ele* me use, pois não sou eu quem faz a obra. O machado não pode gloriar-se das árvores que derrubou. Ele não poderia fazer nada, não fora o lenhador. Ele é quem fez o serviço: fez o machado, afiou-o, e usou-o. No momento em que ele o atira de lado, o machado transforma-se em ferro velho.

Que eu jamais perca isto de vista.

O líder espiritual de hoje, com toda a probabilidade, é aquele que, ontem, expressava sua humildade, trabalhando alegre e fielmente, numa posição secundária. E foi imbuído desta sabedoria que Robert Morrison, da China, escreveu o seguinte: “A grande falta, penso eu, em nossas missões, é que ninguém quer ser o segundo. Talvez predominem as vantagens, contudo, não consigo vê-las.”

INTEGRIDADE E SINCERIDADE

Paulo abriu seu coração de maneira como poucos de nós estamos preparados a fazê-lo — exibiu tanto seus fracassos quanto seus sucessos. Mesmo antes de sua conversão ele era sincero, um homem íntegro, que servia a Deus com uma consciência pura (2 Tm 1:3). Mais tarde, escreveu para os coríntios: “Porque nós não estamos, como tantos outros, mercadejando a palavra de Deus; antes, em Cristo é que falamos na presença de Deus, com sinceridade e da parte do próprio Deus” (2 Cor. 2:17). Ele não fugiu, nem mesmo da sondagem divina (1 Cor. 4:4).

No Velho Testamento, a sinceridade e a integridade eram impostas sobre Israel (Dt. 18:13). Sinceridade é transparência de caráter, uma qualidade inconsciente que se revela a si mesma

Nos primórdios de seu ministério, Billy Graham foi convidado para uma entrevista com Sir Winston Churchill. Ao chegar, para a entrevista, Billy Graham descobriu, para seu espanto, que ele se encontrava na presença do Gabinete Inglês. Quando deixou a sala, após a entrevista, Churchill virou-se para seus companheiros e disse: “Ali está um homem sincero.”

Respondendo a uma pergunta, um homem de negócios de projeção disse: “Se eu devesse mencionar a qualidade mais importante de um gerente geral, eu diria que é a *integridade pessoal* – alguém sincero ao prometer, fiel no cumprimento do dever, correto nas finanças, leal no serviço e honesto na palavra.”

9

Qualidades Essenciais à Liderança — 2

Semelhantemente, quanto a diáconos, é necessário que sejam respeitáveis, de uma só palavra, não inclinados a muito vinho, não cobiçosos de sórdida ganância, conservando o mistério da fé com a consciência limpa. Também sejam estes primeiramente experimentados: e, se se mostrarem irrepreensíveis, exerçam o diaconato.

1 TIMÓTEO 3:8-10

HUMOR

Visto que o homem foi feito à imagem de Deus, seu senso de humor é uma dádiva de Deus, a qual encontra sua contraparte na natureza divina. Contudo, é uma dádiva que precisa tanto ser controlada quanto cultivada. O humor limpo, sadio, relaxa a tensão e alivia as situações difíceis, mais do que qualquer outra coisa. Pode ser de inigualável valor num líder, tanto pelo que pode fazer por ele, como pela utilidade que terá em seu trabalho. O humor pode desarmar uma situação tensa, e restaurar uma sensação de normalidade.

Samuel Johnson escreveu que os homens deveriam passar parte de seu tempo com os que riem. O arcebispo Whately, o grande apologista, disse. “Não deveríamos cultivar apenas os campos da mente, mas os dos prazeres, também.” Agnes Strickland achava que “depois da virtude, o que mais devemos procurar neste mundo é a diversão.” Um missionário aposentado sentia verdadeiro pavor de ter de morar num Lar de Missionários Aposentados. Contudo, ao escrever a alguém, meses depois, ele afirmou que nunca estivera num lugar onde houvesse tanto divertimento santificado.

Charles H. Spurgeon certa vez foi criticado por introduzir humor em sua pregação. Com um brilho especial nos olhos ele replicou: “Se você soubesse quanto humor eu restrinjo, você me elogiaria!” Justificando os toques de humor no púlpito, ele escreveu: “Há algumas coisinhas nestes sermões que poderão produzir sorrisos, mas que mal há nisso? Como pregador, não estou muito certo de que sorrir seja pecado; todavia, acho que é crime menor causar um riso momentâneo do que meia hora de sono profundo.”

Helmut Thielicke escreveu o seguinte:

Não deveríamos, porventura, ver que as rugas do riso ao redor dos olhos são marcas genuínas de fé, tanto quanto o são as rugas da preocupação e da seriedade? Será que só a seriedade é batizada? O riso seria pagão? Já permitimos que muitas coisas boas fossem perdidas na igreja, e temos atirado muitas pérolas aos porcos. A igreja está em mau caminho quando elimina o riso do santuário, deixando-o para o cabaré, para o clube noturno, para os que gostam de brindar com bebida.

O humor é de grande importância na vida missionária. É inigualável como lubrificante. Na verdade, se um missionário não tem senso de humor, isto se torna uma deficiência séria. Um sueco foi aconselhado pelos amigos a desistir da idéia de voltar à Índia como missionário, porque fazia muito calor lá. “Homem”, disseram-lhe, “são 33 graus à sombra!”

“Bem,” disse o sueco, com nobre desprezo, “não precisamos estar sempre na sombra, precisamos?”

A. E. Norrish, missionário na Índia, testifica:

Nunca encontrei liderança destituída de senso de humor, esta habilidade de ver-se e às circunstâncias, de fora de si mesmo, ver as coisas em perspectiva e rir. É uma grande válvula de segurança! Você nunca conduzirá os outros muito longe, sem a alegria do Senhor, e aquilo que a acompanha, o senso de humor.”

Douglas Thornton freqüentemente era mais divertido do que pretendia. Ele tinha um jeito engraçado de misturar provérbios e expressões. Uma vez ele disse a seus companheiros que “é de grão em grão que a galinha enche o papo”. Então lhe perguntaram se “era já de pequenino que ele enchia o papo de grão em grão”. Tais coisas dão vida às pesadas reuniões de diretoria, criando riso sadio.

Depois de meio século de experiência como ministro do evangelho, F. J. Hallett dizia que, no seu entender, no trabalho de igreja, o pastor mais bem sucedido é aquele que possui senso de humor agudo combinado

com a graça de Deus. O humor empresta sabor, originalidade e eloquência aos sermões.

Dizia-se de um grande pregador que ele usava o humor como condimento, e como estimulante. Às vezes, ondas de riso sacudiam o auditório, mas ele jamais permitia que coisas sagradas fossem envolvidas. Ele voltava-se imediatamente para o sublime, não permitindo que seu humor se degenerasse em frivolidade.

Um bom teste da propriedade de nosso humor é se ele nos controla, ou se nós o controlamos. Dizia-se de Kenneth Strachan, diretor geral da Missão para a América Latina, o seguinte: "Ele tinha um agudo senso de humor, contudo, tinha, também, um senso da propriedade das coisas. Ele sabia o lugar de uma anedota, e seu humor era controlado."

IRA

Parece que a ira é uma qualificação estranha para a liderança. Em outro contexto, poderia ser considerada como fator desqualificante. Contudo, não estava esta qualidade presente na vida do Supremo Líder? Jesus olhou para eles "indignado" (Mar. 3:5). A ira santa não é menos nobre do que o amor, visto que ambos coexistem em Deus. Um precisa do outro. Foi o amor de Jesus pelo homem da mão mirrada que suscitou sua ira contra aqueles que queriam impedir a cura. Foi Seu amor pelo Pai, e o zelo pela Sua glória, que inflamou Sua ira contra os mercenários traficantes que transformaram Sua casa de oração para todas as nações em covil de salteadores (Mat. 21:13; Jo. 2:15-17).

Os grandes líderes que mudaram a direção dos eventos, em épocas de decadência espiritual, e nacional, têm sido pessoas capazes de indignar-se contra as injustiças e abusos que desonram a Deus e escravizam os homens. Foi a ira santa contra os traficantes desumanos de escravos que motivou Wilberforce a mover céus e terra a favor da emancipação dos escravos.

F. W. Robertson foi, também, eletrizado de modo semelhante, pela ira santa, em uma ocasião. Descrevendo sua reação, disse ele: "Meu sangue fervia; lembro-me de que uma vez na vida senti uma força terrível; eu sabia, e alegrava-me em sabê-lo, que eu estava infligindo a sentença infernal de um covarde e mentiroso." Martinho Lutero disse que não sabia fazer nada bem até que sua ira se acendesse; aí, então, ele poderia fazer bem qualquer coisa."

Contudo, tal tipo de ira fica aberta ao abuso, e poucos podem usá-la sem permitir que degenera e se torne pecado. Paulo admite a possibilidade da ira santa em sua exortação "irai-vos e não pequeis". A ira santa está isenta de egoísmo. A ira que se centraliza no egoísmo é sempre pecaminosa. Para que a ira esteja livre de pecado, ela deve ser zelosa pelos direitos da verdade e da pureza, tendo a glória de Deus como objetivo.

Tu, que te tornas feroz
Na obra do Senhor!
Tu, escravo do pecado,
Quem te mandou sentir
Ira e zelo,
É essa alegria dos bravos?

AUTOR DESCONHECIDO

O bispo Butler analisou as condições sob as quais a ira santa se degenera em ira pecaminosa:

- Quando, por parcialidade para conosco mesmos, imaginamos que uma injúria foi feita contra nós, quando na verdade não existe injúria
- Quando, através dessa parcialidade, uma injúria contra nós se torna maior do que realmente é
- Quando sentimos ressentimento, por causa de dor, ou de desconforto, sem que haja injúria
- Quando a indignação é grande demais
- Quando se inflige dor, ou dano, a fim de gratificar um ressentimento, embora surja naturalmente

Quando nos iramos contra o pecado em nossa própria vida, certamente estaremos experimentando ira santa contra o pecado nos outros, também.

PACIÊNCIA

Uma dotação generosa de paciência é essencial à boa liderança. Crisóstomo chamava a paciência de Rainha das Virtudes. O uso popular dessa palavra é passivo demais para comunicar, de modo adequado, o significado total do termo, no original. William Barclay diz o seguinte, quanto ao seu significado em 2 Pd. 1:6:

Esta palavra não significa, de modo nenhum, sentar-se de mãos cruzadas para simplesmente aguentar coisas más. Significa resistência vitoriosa, constância máscula sob provação. É constância cristã, a aceitação brava e corajosa de tudo quanto a vida nos apresenta, mudando até mesmo as coisas piores em degraus que nos levem para cima. É a habilidade corajosa e triunfante para suportar males, a qual capacita a pessoa a ultrapassar o ponto de quebra, sem quebrar, a saudar sempre o imprevisto com alegria.

Paciência não significa aquiescência passiva, nem submissão à derrota. Significa, isto sim, ser magnânimo para com o aprendiz lerdo.

É nas relações pessoais que a paciência é testada mais fortemente. Paulo perdeu a paciência ao lidar com João Marcos. Hudson Taylor confessou, certa vez: “Minha maior tentação é perder a paciência diante da negligência e ineficiência, tão desapontadoras, nas pessoas de quem a gente depende. Contudo, não adianta perder a paciência — é preciso usar de bondade. Mas, é uma verdadeira provação.” Muitos outros líderes experimentam a força dessa tentação, contudo, a maravilhosa paciência do Senhor Jesus, em relação ao duvidoso Tomé, ao instável Pedro, ao traiçoeiro Judas, fica exposta em agudo relevo, em contraste com nossa tentação.

Uma das manifestações de paciência num líder consiste em ele não correr adiante de seus liderados, de modo a desencorajá-los. Enquanto ele permanece à frente, fica, contudo, perto o suficiente para que seus seguidores o mantenham à vista, e ouçam seu chamado, sua voz de comando. Ele não é tão forte que não possa demonstrar simpatia fortalecedora pelo elemento mais frágil do grupo. “Ora, nós que somos fortes, *devemos* suportar as debilidades dos fracos, e não agradar-nos a nós mesmos. (Rom. 15:1, grifo do autor). O líder impaciente para com as fraquezas de seus liderados terá uma liderança deficiente. A evidência de nossa força não está no fato de podermos correr à frente, mas em estarmos dispostos a adaptar nosso passo rápido ao passo moroso do irmão mais fraco, sem, com isso, prejudicarmos a liderança. Se correremos longe demais, à frente, perdemos nosso poder de influenciar.

O Dr. A. J. Gordon foi retratado por seu filho Ernest Gordon com as seguintes palavras:

Ele enfrentou a crítica e a oposição sem recriminações. “Todo cristão deve ser um porta-bandeira de Cristo, paciente, destituído de medo, sempre animado. Se uma onda de abusos sobrevier, ele deve resistir firme e indiferente, como uma estátua, manejando a palavra da vida. Se os golpes do escárnio lhe atingirem o rosto, deve resistir silenciosa e imperturbavelmente, como a estátua de bronze recebe a tempestade. O homem que resiste é o homem que move o mundo.”

Requer-se paciência quando procuramos conduzir através da persuasão, ao invés de pelo comando. Persuasão é a habilidade de fazer com que os outros vejam nosso ponto de vista, e ajam de acordo. Devemos cultivar a arte da persuasão, que permite ao indivíduo tomar sua própria decisão.

Um líder poderá precisar de muita paciência na implementação de planos traçados com grande carinho, os quais ele acredita satisfazerem os melhores interesses da obra pela qual ele é responsável. Disse D. E. Hoste:

Nunca esquecerei a impressão que Hudson Taylor produziu em mim, em relação a estes assuntos. Vezes sem conta ele foi obrigado a introduzir grandes modificações, ou mesmo pôr de lado projetos excelentes, que enfrentavam oposição ferrenha. Tal oposição tendia a criar maiores males do que aqueles que seriam removidos, ou aliviados, através das mudanças referidas. Mais tarde, em resposta à paciente perseverança em oração, muitos de tais projetos se converteram em realidade.”

AMIZADE

Você pode medir a estatura de um líder pelo número e pela qualidade de seus amigos. Se julgarmos Paulo segundo este padrão, veremos que ele era um gênio para fazer amizades. Ele era, essencialmente, um homem gregário. Seu relacionamento com Timóteo é exemplo de amizade ideal, entre um homem de meia idade e um jovem, como o relacionamento com Lucas é exemplo de amizade entre contemporâneos.

“A coroa de glória de sua liderança era o fato de ele ser um amigo das pessoas. Ele amava a pessoa ao seu lado, e amava a humanidade.” Este tributo ao Dr. A. B. Simpson ilustra o fato de que o líder espiritual é alguém que ama as pessoas e tem grande capacidade para a amizade. O extraordinário comando que Davi exercia sobre os homens derivava de seu gênio, capaz de reunir ao seu redor homens de renome, prontos para morrer por ele. Davi conseguiu capturar de tal forma a afeição e a lealdade desses homens, que um simples desejo, apenas murmurado, era para eles como uma ordem (2 Sam. 23:15-16). Eles morreriam por ele, porque sabiam que ele morreria por eles.

“Nenhum outro homem no Novo Testamento arranjou inimigos mais ferrenhos do que Paulo, porém, poucos homens no mundo têm tido melhores amigos do que ele. Seus amigos agrupavam-se ao seu redor, tão densamente, que quase perdemos de vista a personalidade deles, em sua devoção.”

Há homens como o general Charles De Gaulle, cuja grandeza é a grandeza do isolamento. A grandeza e a liderança bem sucedida de Paulo, ao contrário, explicam-se, em grande parte, pela sua habilidade em captar e manter o intenso amor e a lealdade dos amigos com quem ele se relacionava com toda liberdade. É verdade que Paulo envolvia seus amigos em toda sorte de riscos por amor a Cristo, e ao evangelho, porém, eles o seguiam alegremente, porque tinham certeza de seu amor por eles. Suas cartas brilham com calorosa apreciação e afeição pessoal pelos seus companheiros.

Outro ingrediente importante da liderança é a faculdade de saber tirar o melhor que há em cada pessoa. Para conseguir-se isto, a amizade pessoal fará muito mais do que uma discussão prolongada e até mesmo

bem sucedida. O conselho de John R. Mott era o de “guiar-se pelo coração. Quando a lógica e a discussão e as demais formas de persuasão falham, volte-se para a amizade sincera, do coração.”

Em sua biografia de Robert A. Jaffray, que desempenhou papel importante na abertura do Vietnã ao evangelho, A. W. Tozer salientou que em um aspecto todos os líderes espirituais se igualam. Todos têm grande coração. “Nada pode tirar o lugar da afeição. Aqueles que a têm em grande medida detêm um poder mágico sobre as pessoas. O intelecto não conseguirá isto. O conhecimento da Bíblia não é suficiente. Robert Jaffray amava as pessoas por si mesmas. Ele se sentia feliz na presença de seres humanos, qualquer que fosse sua raça ou cor.”

Poucos têm exercido, em sua própria geração, uma liderança espiritual igual à de Charles Haddon Spurgeon. Seu biógrafo estava convicto de que “ele exercia uma autoridade absoluta, não por pura teimosia, embora fosse um homem voluntarioso, mas devido ao seu reconhecido valor. As pessoas curvavam-se perante sua autoridade porque era autoridade apoiada em sabedoria aliada à afeição.”

Alguém, maior do que Davi e Paulo, também comandava Seus seguidores pela amizade, e pelo afeto. Sobre Ele está escrito: “Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim” (Jo. 13:1). O conhecimento desse afeto pessoal finalmente quebrou o coração de Pedro, e forçou-o a confessar: “Senhor, tu sabes todas as coisas, tu sabes que eu te amo” (Jo. 21:17).

TATO E DIPLOMACIA

O significado original de *tato* é o sentido do tato, a sensibilidade do toque. Veio a significar, posteriormente, a habilidade em relacionar-se com pessoas em situações delicadas. Tato pode ser definido como “uma percepção intuitiva, especialmente uma percepção rápida e fina daquilo que é próprio, adequado e correto; um discernimento rápido da coisa apropriada a ser feita ou dita; especialmente, um fino jeito de evitar que haja ofensa.”

Tato e diplomacia estão intimamente relacionados. *Diplomacia* é destreza e habilidade no encaminhamento de assuntos de qualquer tipo; contudo, em razão de abusos praticados por pessoas que se ocupam desta arte, a palavra tornou-se um tanto degradada. Ao combinarmos estas duas palavras, emerge a idéia de perícia na conciliação de pontos de vista divergentes, sem ofender, e sem comprometimento de princípios. São qualidades inigualáveis num líder espiritual. Ele precisa da projeção imaginativa de sua própria percepção interna, para dentro da experiência da outra pessoa, a fim de poder ajudá-la. É qualidade que pode ser adquirida e desenvolvida.

A habilidade para conduzir negociações delicadas, e assuntos que envolvem pessoas, de maneira a reconhecer-se os direitos mútuos, e assim mesmo conduzir-se a uma solução harmoniosa é dom que deveria ser bastante cobijado. É dom que envolve a habilidade de colocar-se na posição das pessoas envolvidas, e calcular acertadamente como se sentiriam e como reagiriam.

Determinada coisa pode ser dita de maneira diplomática, ou de maneira desastrosa. Um vendedor de sapatos disse à sua cliente: "Lamento muito, minha senhora, mas o seu pé é grande demais para este sapato. Outro vendedor disse à sua cliente, em situação idêntica: "Lamento muito, minha senhora, mas este sapato é pequeno demais para o seu pé." Ambos usaram as mesmas palavras, contudo, um deles, pelo tato e diplomacia, mudou a ênfase em algumas palavras, mudou o fraseado e, assim, assegurou uma cliente leal e satisfeita.

A divisão da terra prometida, promovida por Josué entre os israelitas, fornece um extraordinário exemplo bíblico do emprego do tato e da diplomacia. Visto que a nação descendia do enganador Jacó, esta delicada tarefa (na qual estavam presentes a cobiça e a avidez humanas) continha as sementes das grandes dissensões e porfias que poderiam retalhar a nação. A maneira diplomática como Josué foi capaz de encaminhar a transação foi evidência não apenas de sagacidade humana, mas também de sua íntima comunhão com Deus. A diplomacia que ele exibiu ao resolver o problema do mal entendido potencialmente explosivo e amargo, criado pelas tribos de Ruben e Gade, ao erigirem outro altar, foi um tributo adicional pago não apenas ao seu dom nato, mas também à sabedoria que ele havia obtido na escola de Deus.

William Carey era, inconscientemente, um diplomata. Um de seus companheiros disse o seguinte a seu respeito: "Ele aprendeu a feliz arte de mandar e comandar os outros sem fazer sentir sua autoridade, e sem que os outros tenham sentimento de sujeição. Tudo isto é conseguido sem que pareça haver um objetivo da parte deles." Tato e diplomacia são bem mais eficientes quando inconscientes e naturais, em sua aplicação.

PODER INSPIRATIVO

O poder de inspirar os outros para o serviço, e para o sacrifício é a marca do líder de Deus. Sua incandescência atea fogo em todos ao seu redor. Charles Cowman não apenas desenvolvia, ele próprio, uma prodigiosa quantidade de serviço, como também possuía a habilidade de injetar o espírito de trabalho naqueles que trabalhavam consigo. Eles se sentiam contagiados pelo seu zelo e dinamismo.

O pastor Hsi foi um dos grandes e verdadeiros líderes cristãos de sua época na China. Ele também possuía esta capacidade, num grau extraordi-

nário. Alguém perguntou a uma pessoa que estava intimamente relacionado com o pastor Hsi, em seu trabalho para o Senhor: “Você notou nele alguma aptidão especial para liderar e influenciar as pessoas?” A resposta foi: “O poder do pastor Hsi nesse sentido era extraordinário; sem esforço, aparentemente, ele parecia conduzir todas as pessoas. Instintivamente, as pessoas o seguiam e confiavam nele. Ele também possuía grande poder de iniciativa, e uma energia e capacidade empreendedora notáveis. Ninguém podia conhecê-lo sem obter um ideal inteiramente novo do significado da vida e do serviço cristãos.”

Neemias também dispunha amplamente deste poder. Quando ele chegou a Jerusalém, o povo estava totalmente desanimado e desmotivado. Em pouquíssimo tempo ele conseguiu transformá-lo numa força agressiva e eficiente. Seu poder inspirativo era tal que logo lemos o seguinte: “E fortaleceram as mãos para a boa obra.” (Ne 2:18). Não é exagero afirmar-se que aquela muralha não teria sido iniciada, e menos ainda completada, sem a inspiração proveniente de Neemias.

O general Mark Clark, dirigindo-se a uma classe de treinandos, disse o seguinte a respeito de Winston Churchill: “Duvido que haja alguém na história que tenha feito discursos tão horrorosos, mas que deram ao seu povo, entretanto, um sentimento de força, exuberância, e até mesmo de radiante alegria.”

Quando a França caiu diante dos exércitos alemães, e a Inglaterra foi deixada só, na guerra, o Gabinete Britânico reuniu-se num espírito de profunda depressão — para a qual havia razões de sobra. Quando Winston Churchill entrou, olhou ao redor para seus desconsolados colegas e disse: “Cavalheiros, acho isto bastante inspirativo.” Não é de admirar-se, pois, que ele fosse capaz de reanimar a nação num contra-ataque eficiente.

HABILIDADE EXECUTIVA

Se a pessoa não tiver a habilidade executiva, num certo grau, mesmo que seja capaz de ver claramente as coisas espirituais, será incapaz de traduzir sua visão em ação. É verdade que há perigos sutis na superorganização, que pode vir a ser um substituto muito insatisfatório da presença e da operação do Espírito Santo. Contudo, as coisas não precisam ser assim, necessariamente. A falta de método e de organização também apresenta seus perigos, e tem representado o fracasso de muitos empreendimentos promissores no reino de Deus.

Em seu livro sobre o profeta Isaías, *Sir George Adam Smith* chama a atenção para uma palavra que foi traduzida um tanto ambigualmente como “julgamento”, na versão do Rei Tiago, e que, na verdade, significa “método, ordem, sistema, lei”. Então, quando Isaías diz: “O Senhor é Deus de justiça” 30:18, (Ed. Rev. e At.), ele quer dizer, entre outras coisas,

que Deus é um Deus de método. A criação de Deus apresenta ordem impressionante. Visto que Ele é um Deus de ordem, Ele exige daqueles a quem confia liderança que “tudo, porém, seja feito com decência e ordem” (I Cor. 14:40). “Uma grande verdade,” escreve Smith, “é que o Todo-poderoso e Todo-misericordioso é, também, o Todo-metódico. Nenhuma religião é completa em seu credo, ou sadia em sua influência, se não insistir igualmente nestes pontos.”

Devemos imitar a ordem e o método de Deus em nosso próprio trabalho para Ele. Embora seja verdade que os homens não são capazes de organizar-se no Reino, isto não justifica a ausência de planejamento cuidadoso, na dependência da direção do Espírito, e eficiente execução daquilo que foi planejado, para sua salvação.

Lord Macaulay disse que Wesley tinha um gênio para a organização, não inferior ao de Richelieu. Esse gênio da organização ainda é visto na igreja que ele fundou. Devido à sua soberba capacidade executiva, e habilidade organizacional, seu movimento permaneceu firme, mesmo depois de privado da presença e orientação de seu fundador.

Sua capacidade de avaliar os homens, sua perícia em usá-los, sua força em conseguir empregá-los da melhor forma, e uni-los a si mesmo em submissão leal, foi obra de gênio, e salvou o movimento de perigos muito sérios.

TERAPIA DA AUDIÇÃO

Um ouvido simpático é tributo de grande valor. A arte de ouvir deve ser dominada a fim de o líder poder penetrar na raiz dos problemas a serem resolvidos. Muitos são faladores compulsivos. “Ele não me ouviu” queixou-se um missionário. “Ele começa a dar a resposta antes que eu tenha a oportunidade de mostrar o problema.”

Para muitos ouvir é, freqüentemente, uma espera impaciente até que se dê um parecer. Contudo, ouvir é um esforço genuíno para entender o que o outro tem a dizer, e fazê-lo sem prejudicar a causa. Muitas vezes um problema já está meio solucionado quando é enunciado. Um missionário desistente queixava-se: “Se ele apenas me ouvisse... eu precisava de alguém com quem pudesse compartilhar meu problema.”

A sensibilidade para com as necessidades de alguém é expressa mais pelo ouvir do que pelo falar. Os líderes freqüentemente dão a impressão, talvez inconscientemente, que estão ocupados demais para ouvir. Feliz o homem que dá a impressão de que há bastante tempo para ouvir o problema. O tempo gasto em ouvir é tempo bem investido.

Quando um candidato a cargo político aproximou-se do juiz Oliver Wendell Holmes, perguntando-lhe como ser eleito para um cargo público,

o juiz replicou: "Ser capaz de ouvir os outros, de maneira simpática, compreensiva, é talvez o mecanismo mais eficiente do mundo para dar-se bem com as pessoas, e solidificar sua amizade. Pouquíssimas pessoas praticam a 'magia branca' de serem bons ouvintes."

A ARTE DE ESCREVER CARTAS

Qualquer posição de liderança envolve grande quantidade de correspondência. E as cartas revelam-se por si mesmas. Sabemos mais a respeito do verdadeiro Paulo, através de suas cartas, do que qualquer outro material histórico. Suas cartas são um modelo do líder espiritual. Elas combinam propriedade de expressão, originalidade de pensamento, integridade moral e honestidade intelectual. Quando uma carta difícil precisava ser escrita, ele mergulhava a pena em lágrimas, não em ácido. "Porque no meio de muitos sofrimentos e angústias de coração vos escrevi, com muitas lágrimas" (2 Cor. 2:4).

Após ter escrito uma carta severa aos coríntios, dados ao erro, o coração terno do apóstolo fê-lo pensar se sua carta não conteria severidade demais. "Porquanto, ainda que vos tenha contristado com a carta, não me arrependo; embora já me tenha arrependido (vejo que aquela carta vos contristou por breve tempo), agora me alegre, não porque fostes contristados, mas porque fostes contristados para arrependimento; pois, fostes contristados segundo Deus, para que de nossa parte nenhum dano sofrêsseis." (2 Cor. 7:8-9). Ao escrever tal carta, seu objetivo não era ganhar uma discussão, mas resolver um problema espiritual e produzir uma crescente maturidade cristã.

As cartas de Paulo são plenas de encorajamento, são graciosas ao cumprimentar e ricas em simpatia. As pessoas que as recebiam sempre ficavam enriquecidas (por exemplo Fil. 1:27-30). Contudo, isto não o impedia de ser fiel na correção de faltas. "Tornei-me, porventura, vosso inimigo, por vos dizer a verdade? . . . pudera eu estar presente agora, e falar-vos em outro tom de voz; porque me vejo perplexo a vosso respeito" (Gál. 4:16, 20).

É importante que a carta seja redigida em termos bem claros, de modo que o conteúdo seja bem entendido. Contudo, é mais importante que ela contenha o espírito certo. As cartas são um meio insatisfatório de comunicação. Elas não sabem sorrir quando dizem algo difícil. Portanto, deve-se tomar um cuidado especial para que sejam calorosas no tom.

As cartas formavam um elemento importante do trabalho de acompanhamento de Paulo. Dizia-se de George Whitefield que, após pregar a grandes multidões, às vezes permanecia acordado até as três da madrugada escrevendo cartas de encorajamento aos neoconvertidos.

10

A Exigência Indispensável

... Escolhei... sete homens... cheios do Espírito... e elegeram Estêvão, homem cheio de fé e do Espírito Santo...

ATOS 6:3,5

A liderança espiritual só pode ser exercida por homens cheios do Espírito Santo. Outras qualificações para a liderança espiritual são desejáveis. Ser cheio do Espírito Santo, é indispensável.

O livro de Atos, livro inspirado, e fonte de princípios de liderança, é a história de homens que estabeleceram a igreja cristã, conduzindo o empreendimento missionário. Tem grande significado o fato de que a principal qualificação, até mesmo daqueles que deveriam ocupar cargos de menor importância e responsabilidade na igreja primitiva, era que fossem homens “cheios do Espírito Santo.” Deveriam ser conhecidos por sua integridade e sagacidade mas, principalmente, por sua espiritualidade. Por mais brilhante que seja uma pessoa intelectualmente, por mais capaz que seja como administrador, sem este equipamento essencial, a pessoa será incapaz de exercer verdadeira liderança espiritual.

Por detrás das ações dos apóstolos, a atividade executiva do Espírito é vista por toda parte. Ele está em todo lugar, proeminente, como supremo Administrador da Igreja e Estrategista-chefe do empreendimento missionário. Está abundantemente comprovado, no registro histórico de Atos, que o Espírito Santo é ciumento de suas prerrogativas, e que não delega Seus poderes, nem Sua autoridade, a mãos carnisais ou seculares. Até mesmo aqueles homens cujas funções seriam exercidas nos assuntos temporais da igreja, deveriam ser homens possuídos e controlados pelo Espírito. A escolha destes homens não deveria ser influenciada por considerações quanto a sabedoria mundana, discernimento financeiro, ou

aceitação social; deveriam ser escolhidos primordialmente por sua genuína espiritualidade. Quando uma igreja, ou outra organização cristã, foge deste padrão, isto equivale a demitir o Espírito Santo de seu cargo de liderança. Como consequência, Ele é entristecido e apagado, o que resulta em sub-nutrição e morte espirituais.

A escolha de oficiais da igreja ou de auxiliares, que não tenham qualificações espirituais, necessariamente resulta numa administração não-espiritual. Para ilustrar esta situação, o Dr. A. T. Pierson relata o procedimento que certa grande empresa às vezes segue, quando deseja livrar-se do maior executivo, o presidente da firma. Gradualmente, introduzem-se nos cargos subordinados, na diretoria ou no conselho administrativo, homens que se opõem ao presidente quanto aos métodos e formas de administrar. Calmamente, eles antagonizam as decisões do presidente, atrapalham seus planos, e frustram sua política administrativa. Ao invés de obter cooperação e apoio, ele enfrenta inércia e indiferença, senão oposição violenta, até que, finalmente, incapaz de conduzir os assuntos da empresa, o presidente demite-se do cargo, simplesmente por não poder desempenhar seu plano administrativo. A escolha de homens que tenham visão materialista ou secular, impede o Espírito Santo de desempenhar Seu programa para a igreja no mundo.

O Espírito Santo não controla uma pessoa, ou um grupo de pessoas, contra a vontade. Quando ele percebe que para as posições de liderança foram eleitos homens a quem falta qualificação espiritual, para cooperar com o Espírito, este calmamente se retira, e deixa-os implementar suas próprias políticas, de acordo com seus próprios padrões, sem, todavia, Sua ajuda. O resultado inevitável é uma administração não-espiritual.

A igreja de Jerusalém era sensível à exortação dos apóstolos e, por isso, escolheu sete homens que possuíam as qualidades exigidas. Como resultado de suas atividades sob a unção do Espírito, a desarmonia foi rapidamente corrigida, a igreja foi abençoada, e aqueles homens escolhidos para ministrar benefícios materiais passaram, logo, a ser vistos como homens do Espírito, isto é, agentes do Espírito para ministrar bênçãos celestiais. Estêvão tornou-se o primeiro mártir de Cristo, e sua morte exerceu forte influência na conversão de Paulo. Filipe tornou-se o primeiro evangelista, sendo usado pelo Espírito para liderar o grande reavivamento em Samaria. A fidelidade no exercício dos dons naturais e sobrenaturais da graça, prepara o caminho para a promoção a mais altos níveis de utilidade e, talvez, à multiplicação desses dons.

Fica bem claro no livro de Atos que os líderes que influenciaram mais significativamente o movimento cristão, foram homens cheios do Espírito Santo. A respeito de Cristo, Aquele que comandou Seus discípulos, ordenando-lhes que permanecessem em Jerusalém, até que fossem cheios de poder do alto, está escrito que Ele próprio foi ungido “com o Espírito Santo e poder” (10:38). Os privilegiados cento e vinte discípulos do

Cenáculo foram, todos, cheios do Espírito Santo (2:4). Pedro foi cheio do Espírito ao discursar perante o Sinédrio (4:8). Estêvão, cheio do Espírito, foi capacitado a dar irresistível testemunho por Cristo, e a morrer como radiante mártir (6:3,5; 7:55). Foi na plenitude do Espírito que Paulo iniciou e exerceu seu ministério singular (9:17; 13:9). Seu companheiro Barnabé estava cheio do Espírito (11:24). Quem não enxergar nestes fatos o critério e o equipamento fundamental para a liderança espiritual, certamente sofre de um tipo estranho de cegueira.

Estes homens eram sensíveis à irresistível liderança do Espírito Santo. Visto que se haviam submetido espontaneamente ao Seu controle, deliciavam-se em obedecer às Suas insinuações e ordens. Filipe deixou o reavivamento florescente de Samaria, sem vacilação, sob o comando do Espírito, e aceitou uma nomeação ministerial para o deserto. Contudo, que maravilhoso peixe haveria ele de fregar naquele deserto! (8:29). Foi o Espírito que venceu a relutância de Pedro, conduzindo-o a Cornélio, o que resultou em bênçãos incalculáveis para o mundo gentílico (10:19; 11:12). O Espírito chamou e enviou Paulo e Barnabé como os primeiros missionários (13:1-4). Em suas viagens missionárias, Paulo era obediente tanto às restrições como às prescrições do Espírito (16:6-7; 19:21; 20:22). Os líderes reconhecidos da igreja, reunidos em concílio, em Jerusalém, cederam à liderança do Espírito. "Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós" foi a maneira pela qual as decisões do concílio foram divulgadas (15:28).

É de se notar que cada uma das intervenções do Espírito Santo objetivava levar o evangelho aos gentios. A maior preocupação do Espírito naquela época, como hoje, era e sempre será que a igreja seja uma igreja missionária. Essa preocupação não deveria ser nossa também?

Uma das características mais encorajadoras do trabalho missionário no leste da Ásia, à época em que escrevemos, é a ação do Espírito em algumas das igrejas asiáticas, dando-lhes uma nova visão missionária e uma nova paixão. Por exemplo, as igrejas japonesas enviaram centenas de seus próprios membros como missionários estrangeiros a outros países tão longínquos como Formosa e o Brasil. Numa época em que a força missionária do Ocidente tornou-se numericamente estática, o Estrategista celestial está despertando a igreja asiática para suas obrigações missionárias. Há, hoje, mais de três mil cristãos do terceiro mundo que, obedientes ao chamado de Deus, tornaram-se genuínos missionários transculturais.

O conselho de Paulo aos líderes eclesiásticos de Éfeso lança preciosa luz sobre a maneira pela qual suas obrigações deveriam ser vistas. "Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus" (20:28). Eles não obtiveram seus cargos mediante escolha apostólica, ou eleição popular, mas por indicação divina. Devem reportar-se não somente à igreja, mas também ao Espírito Santo. Por estarem cômicos disto, que senso de segurança e responsabilidade teriam, que autoridade espiritual!

O propósito do enchimento do Espírito no Pentecostes foi eminentemente prático. Os apóstolos enfrentavam uma tarefa sobrehumana, para a qual, nada senão um poder sobrenatural, teria valor. A plenitude do Espírito concedia o poder de que precisavam para a guerra sem tréguas em que se engajaram (Lc. 24:29; Ef. 6:10-18).

Reduzamos o assunto aos termos mais simples possíveis: estar cheio do Espírito Santo significa que, através de entrega voluntária, e pela fé, a personalidade humana é cheia, manejada e controlada pelo Espírito Santo. Basta a palavra *cheia* para explicar esse significado. A idéia não é a de algo sendo despejado num vasilhame vazio e passivo. “Daquilo que toma posse da mente se diz que a encheu”, diz Thayer, o grande lexicógrafo. Este uso do verbo é encontrado em Lucas 5:26: “Todo mundo que estava ali ficou cheio de espanto e medo” (A Bíblia Viva) e em João 16:6: “Porque vos tenho dito estas coisas, a tristeza encheu o vosso coração.” O medo e a tristeza tomaram posse deles, com exclusão das demais emoções. Temor e tristeza os controlavam e comandavam. É isto que o Espírito Santo faz quando O convidamos a encher-nos.

Estar cheio do Espírito, então, é ser controlado pelo Espírito. O intelecto, as emoções, a vontade, as forças físicas, tudo fica em disponibilidade para o Espírito, para que se atinjam os propósitos de Deus. Sob Seu controle, os dons naturais de liderança ficam santificados e elevados à sua maior potência. O Espírito Santo, agora não mais entristecido, nem impedido, torna-se capaz de produzir o Seu fruto na vida do líder, com encanto maior, com mais simpatia no serviço, e mais poder no testemunho por Cristo. A obra toda, realmente, não é outra coisa senão o fluir do Espírito Santo através de vidas entregues e cheias (Jo. 7:37-39).

A. W. Tozer possuía clara visão de como seria possível a pessoa permanecer na superficialidade, ao procurar esta experiência, quando afirmou:

Qualquer pessoa, cujos sentidos foram treinados para detectar o bem e o mal, se entristecerá ao ver almas zelosas procurando encher-se do Espírito Santo, ao mesmo tempo em que vivem num estado de descuido moral, bem próximo do pecado. Todos quantos almejam ser cheios do Espírito Santo precisam expurgar de sua vida quaisquer iniquidades ocultas. Devem expelir do coração qualquer coisa que esteja em desacordo com o caráter de Deus, conforme está revelado nas Sagradas Escrituras . . . Não pode haver tolerância para com o mal, nenhuma condescendência para com as coisas que Deus odeia.

A plenitude do Espírito é uma experiência essencial e indispensável para a liderança espiritual. E cada um de nós está cheio do Espírito na medida em que realmente o desejamos.

DONS ESPIRITUAIS

Estamos rodeados por crentes que possuem dons espirituais indescobertos, ou subutilizados. É da responsabilidade do líder descobrir tais crentes e ajudá-los em seu crescimento. A espiritualidade, sozinha, não faz um líder: há de haver os dons apropriados, naturais e sobrenaturais.

Na guerra contra o inimigo sobrenatural, precisamos de equipamento sobrenatural. Deus providenciou isto nos dons espirituais que deu à Sua igreja. É preciso que se diga que o exercício eficiente de qualquer dom espiritual deve ser precedido pelo enriquecimento com a graça espiritual.

Em geral, mas não sempre, o Espírito concede dons a pessoas que estão naturalmente aptas para exercê-los, erguendo-os, todavia, a um nível de nova eficiência. Samuel Chadwick, o famoso pregador metodista, disse certa vez, que quando ele se enchia do Espírito Santo, não recebia um novo cérebro, mas uma nova mentalidade; não recebia nova faculdade de expressão oratória, mas nova eficiência; não um novo dicionário, mas uma nova Bíblia. Assim, as qualidades naturais são vitalizadas e energizadas num grau nunca antes experimentado.

Os dons espirituais não substituem os dons naturais, mas fazem-nos crescer e estimulam-nos. O novo nascimento não muda as qualidades naturais, mas, quando estas são colocadas sob o controle do Espírito Santo, erguem-se a novo nível de eficiência. Frequentemente se descobrem habilidades que jaziam ocultas.

Aquele que foi chamado por Deus para a liderança pode, confiantemente, ter certeza de que o Espírito Santo o dotou com os dons espirituais exigidos, porque o propósito destes dons é qualificar seu possuidor para aquele ministério específico ao Corpo de Cristo, que lhe foi atribuído pelo próprio Espírito. É digno de nota que nenhum dos dons espirituais relaciona-se diretamente ao caráter; visam, principalmente, o serviço.

11

A Vida de Oração do Líder

Antes de tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, intercessões, ações de graças, em favor de todos os homens . . .

1 TIMÓTEO 2:1

Em nenhum outro setor o líder deveria estar mais à frente de seus liderados, do que no da oração. Entretanto, o crente mais santificado está consciente das infindáveis possibilidades de desenvolvimento em sua vida devocional. Jamais julga ele, tampouco, já “ter atingido”. O deão C. J. Vaughan disse, certa vez: “Se eu desejasse humilhar alguém, eu o questionaria a respeito de suas orações. Não conheço nada que se compare a este tópico, quanto às suas tristes autoconfissões.”

A oração é a expressão mais antiga, mais universal e mais intensa do instinto religioso. Toca extremos infinitos. É, ao mesmo tempo, a mais simples forma de expressão vocal, que lábios infantis podem soletrar, e os mais sublimes louvores que chegam ao trono da Majestade, lá em cima. É na verdade, o sopro vital do crente e sua atmosfera nativa.

Contudo, estranho paradoxo, muitos de nós sofrem de uma sutil aversão contra a oração. Não nos deliciamos, de modo natural, em aproximarmo-nos de Deus. Falamos do prazer, da potência e do valor da oração, apenas da boca para fora. Asseveramos que ela é elemento indispensável para a vida espiritual madura. Sabemos que as Escrituras recomendam constantemente a oração, e trazem dela muitos exemplos. Contudo, a despeito de tudo isto, freqüentemente deixamos de orar.

Encorajemo-nos pelas vidas de homens de paixões semelhantes às nossas, que conquistaram a relutância natural, e se tornaram poderosos homens de oração.

Assim escreveu o biógrafo de Samuel Chadwick:

Ele era, essencialmente, um homem de oração.

Todas as manhãs, após as seis horas, estava de pé, em seu santuário particular, um quartinho que ele mantinha para sua meditação, antes da primeira refeição. Ele era poderoso na oração em público porque era constante na oração em particular . . . Quando orava, ele esperava que Deus fizesse alguma coisa. “Como eu gostaria de ter orado mais”, escreveu ele, próximo do fim de sua vida, “mesmo que com isso eu tivesse trabalhado menos; e do fundo do meu coração, como eu gostaria de ter orado melhor.”

“Quando vou orar”, confessou um eminente cristão, “sinto meu coração relutante em estar com Deus, e quando está com Deus ele é relutante em permanecer com Deus.” É exatamente neste ponto que se deve exercer a autodisciplina. “Quando você se sentir indisposto para orar, não se entregue à indisposição”, aconselhava ele, “mas, esforce-se e lute em oração, mesmo quando você julgar que não pode orar.”

Dominar a arte de orar, como outra arte qualquer, exige tempo. O tempo que dedicamos à oração é a verdadeira medida de nosso conceito da importância da comunhão com Deus. Nós sempre encontramos tempo para aquilo que realmente consideramos importante. Para a maioria das pessoas, as inúmeras obrigações são uma boa razão para cortar o tempo gasto na oração. Para o ocupadíssimo Martinho Lutero, trabalho acumulado era um argumento para dispendir *mais* tempo em oração. Ouça sua resposta a uma pergunta sobre seus planos quanto aos trabalhos do dia seguinte: “trabalhar, trabalhar desde cedo até bem tarde. Na verdade, tenho tanto trabalho para fazer que passarei as primeiras três horas em oração.” Se nosso conceito da importância da oração aproxima-se, de alguma forma, do de Lutero e do Deus de Lutero, de alguma forma arranjaremos mais tempo para a oração.

É claro que a oração apresenta alguns problemas intelectuais. Contudo, os céticos quanto à sua validade e eficácia são, em geral, aqueles que não a testam com seriedade, ou que deixam de atender a todas as condições exigidas. Não há modo de aprender a orar, senão orando. Nenhuma filosofia racional, por si mesma, ensinou uma alma a orar. Contudo, para o homem que preenche todas as condições, os problemas são resolvidos pelo fato indiscutível da oração respondida, e pela alegria da comunhão consciente com Deus.

Ao buscar um exemplo supremo de vida de oração, o líder se voltará, naturalmente, para a vida do próprio Senhor, visto que a crença na racionalidade e necessidade de oração baseia-se, não meramente na lógica, mas principalmente no exemplo e no ensino de Jesus. Se houve alguém que poderia ter dispensado a oração completamente, esse alguém certamente seria o Filho do Homem, em quem não havia pecado. Se a oração fosse desnecessária, ou irracional, esperaríamos que ela fosse omitida da vida e

do ensino de Cristo. Contudo, bem ao contrário, a oração era característica dominante em Sua vida, e elemento freqüente em Seu ensino. Estudando a incidência da oração na vida de Jesus, verificamos que ela mantinha clara e aguda a visão de Seu dever moral. Era a oração que o capacitava para realizar e suportar a vontade perfeita, mas de alto custo, de Seu Pai. A oração preparou o caminho para a transfiguração. Para Jesus, a oração não era um adendo relutante, mas uma alegre necessidade.

D. M. McIntyre escreveu:

Em Lucas 5:16 temos uma declaração que lança uma luz vívida sobre uma prática diária do Senhor. “Ele, porém, se retirava para lugares solitários, e orava.” O evangelista, aqui, não está falando de uma única ocasião, mas de muitas. Era hábito do Senhor procurar a solidão para orar. Retirando-se dos homens, Ele costumava ir aos lugares não habitados — Ele ia *aos desertos*.

A surpresa dos observadores estava nisto, que Alguém tão poderoso, tão ricamente dotado de poder espiritual, julgasse necessário, para Si mesmo, buscar a fonte de força, para que pudesse aliviar Seu espírito exausto. Para nós, então, o espanto é maior ainda, pois, que o Príncipe da Vida, o Verbo Eterno, o Filho Unigênito do Pai, haveria de prostrar-se em humildade, diante do trono de Deus, fazendo súplica por graça, para ajuda na época de necessidade.

Cristo costumava passar noites inteiras em oração (Luc. 6:12). Freqüentemente Ele se levantava bem antes do romper do dia a fim de ter comunhão contínua com Seu Pai (Mar. 1:35). As grandes crises de Sua vida e ministério foram precedidas de orações especiais (por ex.: Luc. 5:16), “Ele, porém, se retirava para lugares solitários, e orava” — eis uma declaração que indica a existência de um hábito regular. Tanto pelo ensino como pelo exemplo, Ele enfatizou em Seus discípulos a importância da solidão na oração (Mc. 6:46; Luc. 9:28). Para o líder, sobre quem repousa a responsabilidade de selecionar pessoas para trabalhos espirituais específicos, o exemplo do Senhor ao escolher Seus apóstolos, dentre os discípulos, é verdadeiramente luminoso.

Cristo, tanto quanto Seu servo Paulo, tornou claro que a verdadeira oração não é um agradável sonho cor de rosa. “Toda oração vital suga a vitalidade do crente. A verdadeira intercessão é um sacrifício, um sacrifício sanguinolento”, escreveu J. H. Jowett. Jesus realizou muitas obras maravilhosas, sem qualquer sinal externo de exaustão, contudo, a respeito de suas orações, está registrado que Ele ofereceu “com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas” (Heb. 5:7).

Nossas pálidas e lânguidas intercessões parecem reflexos descorados — e quão descorados — das lutas e batalhas espirituais de Epafra e de Paulo. “Epafra . . . se esforça sobremaneira, continuamente, por vós, nas

orações ...” escreveu Paulo aos crentes de Colossos (4:12). E para o mesmo grupo: “Gostaria, pois, que saibais quão grande luta venho mantendo por vós” (2:1). A palavra grega traduzida por “luta”, “conflito”, é a mesma que deu origem à palavra “agonizar”. Ela é usada para descrever um homem que trabalha duramente, até extrema exaustão (Col. 1:29), ou que compete na arena, pelo prêmio cobiçado (1 Cor. 9:25). Descreve, também, o soldado que luta por sua vida (1 Tim. 6:12), ou a pessoa que luta para livrar seu amigo de um perigo (Jo. 18:36). Destas e de outras considerações, torna-se claro que a verdadeira oração é um exercício cansativo, que exige a mais rigorosa concentração e disciplina mental.

Encoraja-nos lembrar que Paulo, provavelmente o maior expoente e exemplo humano do exercício da oração, confessou: “Não sabemos orar como convém.” Contudo, apressou-se em adicionar: “Mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira com gemidos inexprimíveis. E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos. Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito.” (Rom. 8:26-28). O Espírito liga-se a nós, em nossa oração, e insere Suas súplicas dentro das nossas.

Podemos dominar a técnica da oração e compreender sua filosofia; podemos ter confiança ilimitada na veracidade e validade das promessas concernentes à oração; podemos usá-las fervorosamente. Contudo, se ignorarmos o papel desempenhado pelo Espírito Santo, falharemos no uso da chave mestra.

É necessário que haja ensino progressivo da arte de orar, e o Espírito Santo é o professor por excelência. A assistência do Espírito à oração é traço muito mais mencionado nas Escrituras do que qualquer outra de Suas características divinas. Toda e qualquer verdadeira oração decorre de Sua atividade na alma. Tanto Paulo como Judas nos ensinam que a oração efetiva é a que se faz “no Espírito”. Esta frase tem sido interpretada como orar dentro das mesmas linhas, acerca das mesmas coisas, no mesmo nome, como o Espírito oraria. A verdadeira oração, pois, ergue-se no espírito do crente partindo do Espírito que nele habita.

“Orar no Espírito” pode ter um duplo significado. Pode significar orar *nos domínios do Espírito*, porque o Espírito Santo é a esfera e atmosfera da vida cristã. Contudo, muitas de nossas orações são, de fato, *psíquicas*, ao invés de *espirituais*. Movimentam-se nos domínios da mente, apenas, sendo, pois, produto de nosso próprio pensamento, e não do ensino do Espírito. Oração é algo mais profundo. O tipo de oração compreendido naquela frase “utiliza o corpo, exige a cooperação da mente, mas, movimenta-se nos domínios sobrenaturais do Espírito.” Esse tipo de oração promove suas transações no reino celestial.

Contudo, a frase “orar no Espírito” também pode significar orar *no poder e na energia do Espírito*. “Com toda oração e súplica, orando em

todo o tempo no Espírito, e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos” é ensino de Efésios 6:18. Para execução de sua tarefa sobrehumana, a oração exige mais do que a mera força humana, exige a força suprida pelo Espírito Santo. Ele é o Espírito do poder, tanto quanto o Espírito da oração. A energia humana do coração, da mente, e da vontade pode conseguir tão-somente resultados humanos; todavia, orar no Espírito santo libera recursos sobrenaturais.

O prazer do Espírito é ajudar a pessoa responsabilizada por uma liderança espiritual, em suas fraquezas morais e físicas, em matéria de oração, visto que a alma suplicante esforça-se sob três obstáculos. Todavia, o crente pode contar com a ajuda do Espírito em cada um deles. Às vezes o crente é impedido de orar pela consciência da *iniquidade de seu coração*. Em havendo confiança, o Espírito conduzirá o crente, e o capacitará a apropriar-se do poder purificador do maravilhoso sangue de Cristo. Em seguida, o líder espiritual se atrapalha com a *ignorância de sua mente*. O Espírito, conhecendo a mente de Deus, compartilhará este conhecimento com o crente, à medida em que ele espera no Senhor, receptivamente. O Espírito faz isto proporcionando uma clara convicção de que a petição está (ou não), de acordo com a vontade de Deus. Depois, o líder espiritual poderá estar demasiado preso à terra, pela entorpecedora *fraqueza de seu corpo*, especialmente se ele mora nos climas sufocantes dos trópicos. O Espírito revitalizará seu corpo mortal em resposta à sua fé, e o capacitará a erguer-se acima das condições climáticas e físicas que lhe sejam adversas.

Além destes obstáculos pessoais, o homem de oração deverá vencer a oposição sutil de Satanás, que procurará oprimir ou deprimir, criar dúvida ou desencorajamento. O crente que ora possui, no Espírito Santo, o aliado celestial na luta contra o adversário sobrenatural.

Sem dúvida, estes pensamentos não são novidade para muitos que os lêem. Contudo, será que a poderosa assistência, o poder do Espírito, em oração, são uma experiência desfrutada agora mesmo? Ou será que escorregamos, e caímos numa independência não-intencional do Espírito de oração? Estamos, porventura, “orando no Espírito” habitualmente, e recebendo resposta total às nossas orações? É muito fácil para nossa capacidade intelectual a compreensão das verdades espirituais, a qual excede, também facilmente, nossa experiência prática da realidade e poder dessas verdades.

A oração é freqüentemente representada nas Escrituras pela figura de uma batalha espiritual. “Nossa luta é... contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes” (Ef. 6:12). Nesta fase da vida de oração, três personalidades estão envolvidas, não apenas duas. Entre Deus de um lado, e o diabo do outro, jaz o crente em oração. Embora seja fraco por si mesmo, ele desempenha um papel estratégico na

batalha entre o dragão e o Cordeiro. O poder e a autoridade que ele demonstra não lhe pertencem, contudo, lhe são emprestados, em delegação, pelo Cristo vitorioso, a Quem está unido pela fé. Esta fé compara-se a um sistema de redes pelo qual a vitória alcançada no Calvário sobre Satanás e suas hostes cobre os cativos e os liberta.

Lendo os evangelhos, o leitor sagaz discernirá que Jesus não estava interessado nos homens maus e nas más condições que Ele enfrentava, mas principalmente nas forças do mal agindo por detrás. Jesus viu, pois, por detrás do Pedro bem intencionado e bem falante, e por detrás do traiçoeiro Judas, a mão negra de Satanás. “Para trás de mim, Satanás,” foi a resposta do Senhor à repreensão bem-intencionada, mas, insolente, de Pedro. Vemos, ao nosso redor, pessoas agrilhoadas pelo pecado, cativas do Demônio, contudo, nosso interesse, em oração, deveria ser não apenas *orar por essas pessoas* mas também *orar contra Satanás* que as mantém em cativeiro. Ele deve ser compelido a soltar as garras que as detêm, e isto só pode ser conseguido pela vitória de Cristo na cruz. Jesus cuidou da causa, ao invés de os efeitos. O líder deve adotar o mesmo método, em sua vida de oração. E ele deve saber como conduzir seus liderados à vitória, nesta batalha espiritual.

Numa vívida ilustração, Jesus assemelhou Satanás a um homem forte, muito bem armado, que mantinha em paz seu palácio e seus bens. Jesus disse que antes de ele ser despojado, e seus cativos soltos, é preciso amarrá-lo, ou torná-lo inofensivo. Só então a libertação poderia ser efetuada (Mt. 12:28-29). Que significa “amarrar o homem forte” senão neutralizar seu poder mediante a invocação do poder de Cristo, que se manifestou para “desfazer (nulificar, tornar inoperante) as obras do diabo?” E de que outra maneira isto pode ser feito senão pelo poder da oração de fé, que lança mão da vitória do Calvário, e crê em sua repetição, segundo o contexto específico da oração? Não devemos reverter a ordem de Cristo, cometendo, assim, um erro tremendo, ao esperar que se faça o livramento sem, primeiro, desarmar o adversário. A autoridade divinamente confiada a nós, e colocada em nossas mãos, pode ser exercida com confiança. Não disse o Senhor a Seus fracos discípulos: “Eis aí vos dei autoridade . . . sobre todo o poder do inimigo” (Luc. 10:19)?

Visto que liderança é a habilidade de mover e influenciar pessoas, o líder espiritual deverá estar alerta para descobrir o meio mais eficiente de fazer isto. Uma das declarações mais mencionadas de Hudson Taylor é a que expressa sua convicção de que “é possível mover os homens, através de Deus, *apenas pela oração*.” No decurso de sua carreira missionária ele demonstrou esta verdade mil vezes. Entretanto, uma coisa é concordar mentalmente com esta declaração, e outra coisa inteiramente diferente é colocá-la em prática. Os homens são objetos difíceis de mover-se, sendo mais fácil orar por necessidades temporais, do que por situações que envolvem os labirintos e a teimosia do coração humano. Contudo, é

justamente em situações assim que o líder deve provar que tem poder para mover os corações dos homens na direção em que, segundo ele crê, está a vontade de Deus. Deus colocou em suas mãos a chave desse cadeado complicado.

A suprema glória e dignidade do homem é ele poder dizer não, ou sim, ao Deus onipotente, visto ter sido dotado da qualidade divina do livre arbítrio. Este fato implica num verdadeiro problema para quem estuda o assunto da oração. Se, através de nossas orações, nós podemos afetar a conduta de nosso próximo, não significaria isto transgressão contra sua livre vontade? Será que Deus violará o livre arbítrio de uma pessoa, a fim de atender às orações de outra pessoa? E mais ainda, se nossas orações não podem influenciar o próprio Deus, de que vale orar?

Tentando responder tais perguntas, a primeira coisa a lembrar-nos é que *Deus é sempre consistente para consigo mesmo, em Suas ações*. Ele nunca se contradiz. Se Ele promete responder às orações de fé, Ele o fará, contudo, jamais de forma a contrariar Sua natureza divina. Ele cumprirá todas Suas obrigações de maneira consistente com Seus próprios atributos e planos, porque Ele “não pode negar-se a Si mesmo.” Nenhuma palavra ou ação Suas contradirá qualquer outra palavra ou ação.

Apresenta-se-nos, pois, o fato inegável de que *a oração intercessória é uma ordem divina*. Visto que Deus a ordenou, podemos ter confiança em que, à medida que cumprimos as condições reveladas, a resposta nos será concedida, não obstante quaisquer problemas aparentes que venham a surgir. Obviamente, Deus não vê um problema insuperável, ou contradição, entre o livre arbítrio humano e Suas respostas às orações. Quando Ele nos ordena a orar “em favor do rei e de todos os que se acham investidos de autoridade”, fica implícita na ordem a certeza de que nossas orações podem movê-los, e influenciar significativamente o curso dos eventos. Se fosse diferente, por que orar? Quer encontremos, ou não, uma resposta final para o problema da oração, ainda estaremos sob a obrigação de orar.

Além disso, *podemos saber a vontade de Deus* concernente ao assunto de nossa oração, sendo este fato a base da verdadeira oração da fé. Deus pode falar conosco de maneira muito convincente através dos canais de nossas próprias faculdades. Temos a Palavra de Deus, que apresenta a vontade de Deus quanto a todos os assuntos doutrinários e éticos. Temos o ministério do Espírito Santo, em nossos corações, intercedendo por nós de acordo com a vontade de Deus (Rom. 8:26-27). Quando, pacientemente, procuramos descobrir a vontade de Deus concernente à nossa petição, o Espírito nos dirá se aquilo é ou não a vontade de Deus. É esta convicção proveniente de Deus mesmo que nos capacita a continuar orando, partindo da oração da esperança para a da fé.

O próprio fato de que Deus coloca em nosso coração uma carga de orações, e nos mantém orando, é forte prova de que Ele intenciona conceder-nos a resposta. Perguntaram a George Müller, de Bristol, se ele real-

mente acreditava que aqueles dois homens por cuja salvação ele vinha orando há mais de cinquenta anos, se converteriam de fato. Jorge Müller respondeu: “você acha que Deus me deixaria orando todos esses anos, se Ele não intencionasse salvá-los?” Ambos se converteram, um deles um pouco antes da morte de Müller, o outro, depois.

Na oração, tratamos diretamente com Deus, e apenas secundariamente com homens e mulheres. O alvo da oração é o ouvido de Deus. A oração influencia os homens, porque influencia Deus, para que Ele influencie os homens. Não é a oração que move os homens, mas Deus, a quem nós oramos.

A oração move o braço
Que move o mundo
Para trazer libertação.

AUTOR DESCONHECIDO

A fim de mover homens, o líder deve ser capaz de mover Deus. Ele deixou bem claro que é através das orações dos intercessores que Ele move os homens. Se, a respeito de um Jacó enganador está escrito “lutaste com Deus e com os homens”, não seria possível a qualquer líder que esteja disposto a satisfazer as condições, ter direito a receber o mesmo poder (Gên. 32:28)?

Este tipo de oração poderosa é o resultado de uma comunhão correta com Deus. As razões da oração não respondida estão estabelecidas com grande clareza nas Escrituras, e todas elas se centralizam no relacionamento do crente com Deus. Ele não atenderá petições meramente egoístas, e não se inclinará perante o motivo impuro. O pecado acalentado, o pecado aninhado no coração do crente, tapará os ouvidos de Deus. Acima de tudo, Ele não tolerará a incredulidade, a mãe de todos os pecados. “... Aquele que se aproxima de Deus *deve crer que ele existe*” (Heb. 11:6, grifo do autor).

Sempre que se fala em oração, há condição, expressa ou implícita, que o motivo primordial da oração é a glória de Deus.

A eminência dos grandes líderes da Bíblia é atribuída ao fato de terem sido grandes no hábito de orar. “Não foram líderes devido ao brilho de seu pensamento, nem devido a terem recursos inexauríveis, nem devido à cultura magnífica, ou aos dons naturais, mas, por causa do poder da oração, através da qual comandavam o poder de Deus.”

12

O Líder e Seu Tempo

*... Aproveitem ao máximo cada oportunidade.**

EFÉSIOS 5:16

O tempo já foi definido como “um intervalo durante o qual as coisas acontecem”. A qualidade da liderança de uma pessoa se revela pelo que acontece durante o intervalo de seu trabalho, isto é, o tempo de sua liderança. O caráter e a carreira de um jovem se determinam, em grande parte, pela maneira, e com quem, ele gasta seu tempo livre. Ele não pode determinar as horas de estudo ou de trabalho — estas já lhe foram determinadas — contudo, ele pode escolher o que fará antes e depois. A maneira como ele usa as horas disponíveis, descontadas as horas de trabalho, de sono, refeições, fará dele uma pessoa medíocre, ou uma celebridade. Formam-se os hábitos na juventude, os quais constroem ou destroem uma vida. As horas de lazer constituem uma oportunidade gloriosa, ou um perigo sutil. Cada instante do dia é um presente de Deus, e deveria ser economizado avaramente, porque tempo é vida medida para nós, para o trabalho.

Minutos e horas podem ser transformados em vida abundante e rica. Miguel Ângelo entendeu isto. Certa ocasião, quando ele executava um trabalho, e era pressionado a fazê-lo, alguém o advertiu: “poderá custar-lhe a vida.” Respondeu o grande artista: “para que mais serve a vida?” Nossas horas e dias continuarão a serem consumidos, mas, podem ser utilizados produtivamente e com um propósito. O filósofo William James

* “A Bíblia Viva”, Ed. Mundo Cristão.

afirmou que a maior utilidade da vida de alguém é ser gasta em algo que sobreviverá a ela, porque o valor de uma vida não é calculado pela sua duração, mas por sua doação; não importa quanto vivemos, mas, sim, a integralidade e a qualidade de nossa vida.

A despeito da preciosidade e da vasta potencialidade de tempo, contudo, não há outra riqueza que dissipemos tão impensadamente. Moisés o considerava tão valioso, que orava no sentido de aprender a contá-lo dia a dia, e não ano a ano. (Salmo 90:12). Se formos meticolosos no uso cuidadoso de nossos dias, os anos tomarão conta de si mesmos.

Uma palavra que raramente estará na boca de um líder é: “não tenho tempo.” Raramente a pessoa deixa de ter tempo. Usualmente, essa expressão é o refúgio da pessoa ineficiente, incapaz. Todos fomos dotados com tempo suficiente para desempenhar integralmente a vontade de Deus, e cumprir Seus planos perfeitos para nossa vida. Disse o Dr. J. H. Jowett: “Penso que uma das frases hipócritas de nossos dias é aquela pela qual exprimimos nossa permanente falta de tempo. Repetimo-la tão frequentemente que, apenas pela repetição, nós nos enganamos a nós mesmos, e acabamos acreditando que não temos tempo. *Jamais os homens supremamente ocupados são os que não têm tempo.* O planejamento de seus dias é tão compacto e sistemático que, sempre que você exigir tempo deles, eles encontrarão brechas adicionais para outros serviços altruísticos. Confesso, como ministro, que os homens a quem procuro com maior esperança, para obter deles mais trabalho, são os homens mais ocupados.”

O problema real não é a necessidade de mais tempo, mas o uso melhor do tempo disponível. Encaremos honestamente o fato de que cada um de nós tem tanto tempo como qualquer outra pessoa, no mundo. O presidente da república tem vinte e quatro horas por dia para seu uso, e nós também. Os outros podem ter mais habilidade, influência, ou dinheiro do que nós, contudo, não têm mais tempo do que nós.

Como na parábola das minas (Luc. 19:12-27), em que cada servo recebeu a mesma importância em dinheiro, assim também cada um de nós recebeu a mesma quantia de tempo. Poucos, porém, usam-no tão sabiamente de modo a produzir um lucro decuplicado. É verdade que não temos todos as mesmas capacidades; este fato, porém, é reconhecido na parábola. O servo que possuía menos capacidade, mas demonstrou igual fidelidade, recebeu a mesma recompensa. Embora não possamos ser responsabilizados pela nossa capacidade, somos responsabilizados pelo emprego estratégico de nosso tempo.

Quando Paulo admoestou os crentes efésios a “remir o tempo”, ele estava insinuando que em certo sentido o tempo se torna nosso mediante compra. Há um preço a ser pago pelo uso mais digno do tempo. Inter-cambiamos tempo, no mercado da vida, com certas ocupações e atividades que poderão ser dignas, ou indignas, produtivas, ou improdutivas. Weymouth traduz assim a sentença: “comprai as oportunidades”, porque

tempo é oportunidade, e aqui jaz a importância de uma vida cuidadosamente planejada. "Se progredirmos na economia do tempo, estaremos aprendendo a viver. Se falharmos aqui, falhamos em tudo mais."

O tempo pode ser perdido, mas não pode ser recuperado. Não pode ser acumulado; deve ser gasto. Nem pode ser adiado. Se não for usado produtivamente, estará irrecuperavelmente perdido, como o indicam estas linhas gravadas num relógio solar:

A sombra de meus longos dedos
Divide o futuro e o passado;
 Diante dela jaz a hora não-nascida,
 Na escuridão, aquém de teus poderes;
Atrás dela, daquela linha que nunca retorna,
Está a hora que passou, que já não te pertence;
 Uma hora, apenas, tens em tuas mãos,
 O *agora* em que a sombra caminha.

AUTOR DESCONHECIDO

Em face deste fato inegável, o líder deve ser meticulosamente cuidadoso em sua seleção de prioridades. É preciso pesar diligentemente os valores comparativos das oportunidades e responsabilidades. Ele não pode dar-se ao luxo de dispendar tempo naquilo que é secundário, enquanto coisas de importância primordial clamam por atenção. É necessário, portanto, que o dia do líder seja cuidadosamente planejado. Se a ambição do líder é sobressair-se em excelência, ele deve selecionar e rejeitar, e depois concentrar-se nas coisas de absoluta importância. Uma prática salutar, e reveladora, é manter um registro fiel de como é gasta cada hora, numa semana normal de trabalho; depois, analisá-lo à luz das prioridades bíblicas. O resultado poderá ser espantoso, e até mesmo chocante, em termos de valores espirituais. Um resultado sobre o qual não haveria dúvida, seria o convencimento dessa pessoa de que tem muito mais tempo do que está usando produtivamente.

Após deixar de lado uma porção generosa de tempo, de oito horas, diariamente, para sono e descanso (e poucos, realmente, precisam de mais do que isto), de três horas para refeições e atividades sociais, dez horas para o trabalho e trânsito, em cinco dias da semana, ainda permanecem não menos de trinta e cinco horas semanais, não planejadas. Que acontece a elas? Como são investidos os dois dias extras, por semana? Toda a contribuição de uma pessoa para o reino de Deus poderá girar em torno de como essas horas cruciais são usadas. Eles determinarão se a vida da pessoa é medíocre ou extraordinária.

A intrépida missionária Mary Slessor, que posteriormente haveria de ser conhecida como "A Rainha Branca de Okoyong", era filha de um bêbado. Ela começou a trabalhar com a idade de onze anos, numa fábrica

de Dundee, das seis da manhã às seis da tarde. Entretanto, este esquema horrível não a impediu de educar-se para enfrentar sua notável carreira.

David Livingstone tinha de trabalhar numa tecelagem de algodão, em Dumbarton, onde nascera, das seis da manhã às oito da noite. Começou a trabalhar aos dez anos. Poderia ter sido desculpado, se ele assim preferisse, por não ter tempo para estudar. Contudo, ele usava suas horas de “lazer” com tanto propósito, que veio a dominar o latim, podendo ler Horácio e Virgílio com facilidade, antes dos dezesseis anos de idade. Ao atingir vinte e sete anos, após batalhas ingentes, havia aberto um caminho para cursar medicina e também teologia.

À luz destes desempenhos, e tendo diante de nós uma pilha de exemplos iguais a estes, temos pouquíssima base para alegar falta de tempo para desempenhar algo digno na vida.

O Senhor estabeleceu perfeito exemplo do uso estratégico do tempo, como em tudo mais. Ele se movimentou no mundo a passo medido, nunca afobado, embora sempre rodeado de multidão, e perseguido por turbas exigentes. Aos que vinham a Ele pedindo ajuda, deu a impressão de não ter nada mais importante a tratar do que os interesses dessas pessoas. O segredo de Sua serenidade estava em Sua certeza de que estava agindo de acordo com a vontade do Pai para Sua vida, isto é, de acordo com um plano que abrangia cada hora, e que previa cada contingência. Seu calendário havia sido programado e, através da comunhão com Seu Pai, Ele recebia, a cada dia, tanto as palavras que deveria pronunciar, como as obras que deveria realizar. “As palavras que eu vos digo não as digo por mim mesmo; mas, o Pai que permanece em mim, faz as suas obras” (Jo. 14:10).

A maior preocupação de Cristo era cumprir a obra que Lhe fora confiada, dentro das horas pré-estabelecidas. Ele se movimentava cômico de que havia um horário divino para cada evento de Sua vida. (Veja João 7:6; 12:23, 27; 13:1; 17:1). Nem mesmo Sua amada progenitora teve permissão para interferir em Seu horário, planejado pelo Pai. “Que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora”, foram Suas palavras instrutivas (João 2:4).

Nem mesmo as fortes amarras de Sua afeição por Marta e Maria, e a possibilidade de uma incompreensão, não podiam induzi-Lo a adiantar seu programa em dois dias (João 11:6,9). Ao rever Sua vida na terra, no final, com bastante objetividade Ele afirmou: “Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer” (João 17:4). Ele terminou a tarefa sem que qualquer pedaço dela ficasse danificada por pressa indevida, ou imperfeita, por falta de tempo. Ele achou que as vinte e quatro horas eram suficientes para completar toda a vontade de Deus.

Isto se reflete em Suas palavras corretivas a Seus discípulos: “Não são doze as horas do dia?” Sua pergunta sugere que Ele tinha confiança no

plano de Seu Pai, e a certeza de que tinha habilidade para terminar Seu trabalho dentro do tempo alocado. O Dr. J. Stuart Holden vê nas palavras do Senhor as implicações de que o tempo é curto, e de que há tempo suficiente. Há apenas doze horas no dia, mas há doze horas completas, num dia. Não é esta consciência que explica o poder seletivo do Senhor? Ele dispendeu Seu tempo fazendo as coisas que precisavam ser feitas. Nenhum tempo foi gasto em coisas que não fossem de vital importância. A força do caráter moral deriva e conserva-se mediante a recusa daquilo que não é importante.

Poderíamos, entretanto, tornar-nos vítimas do pânico se nos esquecêssemos do número de horas do dia. Temos doze horas completas para aprender as lições e cumprir as tarefas da vida. O Senhor nos garante que isto é suficiente.

Não desperdiçarei minha vida;
Não a desperdiçou o Mestre amado,
Mas, cada hora e toda energia
Empregou sempre para Deus.

AUTOR DESCONHECIDO

Visto à luz de uma época agitada, e sob pressão terrível, como a nossa, torna-se impressionante o fato de que nos evangelhos não há qualquer indicação de interrupções que perturbassem a serenidade do Filho de Deus. Poucas coisas seriam mais capazes de produzir agitação e tensão, numa pessoa ocupada, do que interrupções não esperadas e não desejadas. Para Ele, não havia coisas tais como interrupções em Sua vida planejada por Deus. Elas haviam sido previstas no plano de Seu Pai, e Ele podia, portanto, prosseguir, sem ser perturbado. É verdade que, às vezes, não havia nem tempo para comer, mas sempre havia tempo suficiente para Ele desempenhar tudo quanto Deus pretendia que Ele fizesse. Frequentemente, as pressões que sobrevêm ao líder espiritual são o resultado de ele ter assumido responsabilidades que Deus não lhe atribuiu e, portanto, Deus não lhe dará, e ele nem deve esperar, força extra exigida por aquelas pressões estranhas.

Um homem ocupado contou como conseguia dominar a situação criada pelas interrupções. “Até alguns anos atrás”, testificou ele, “eu sempre ficava aborrecido por causa das interrupções, o que, sem dúvida, era uma forma de egoísmo de minha parte. As pessoas costumavam entrar e dizer: ‘bem, é que eu tenho duas horas para matar, enquanto espero outro ônibus, e achei que podia vir vê-lo.’ Isto sempre me aborrecia. Então, o Senhor me convenceu de que Ele manda as pessoas até nós. Ele enviou Filipe para encontrar-se com o eunuco etíope. Enviou Barnabé a Saulo de Tarso. O mesmo princípio aplica-se hoje; Deus envia as pessoas até nós.

“Então, quando alguém entra, eu digo: ‘O Senhor Deus deve ter trazido você aqui. Vamos descobrir por que Ele o enviou. Vamos orar a respeito disso.’ Muito bem, isto resulta em duas coisas: coloca a entrevista num nível diferente, porque Deus foi trazido para dentro dela. E, em geral, encurta a entrevista. Se a pessoa sabe que você está procurando uma razão por que ela está ali, sob Deus, não tendo boa razão a pessoa logo vai embora, à procura de pastos mais verdes. Portanto, considere as interrupções como vindas da parte de Deus. Assim, elas entrarão em seu programa, porque Deus estava simplesmente replanejando seu programa do dia, para adaptá-lo ao programa dEle.” Para o crente alerta, as interrupções são apenas oportunidades inseridas pelo próprio Deus.

Todas elas enquadram-se na afirmação de Paulo de que Deus tem um plano para cada vida, de que todos fomos “criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas” (Ef. 2:10). Mediante oração e comunhão diárias, o líder deve descobrir os detalhes desse plano, e de acordo com ele planejar seu trabalho. Cada meia hora deve ter sua própria porção de utilidade.

Algumas grandes empresas seculares exigem de seus jovens executivos que submetam seus planos para a semana seguinte, até sexta-feira à tarde, por julgarem extremamente importante o cuidadoso planejamento do tempo. João Wesley e F. B. Meyer, homens que desenvolveram um incrível acervo de trabalho, e exerceram vasta influência em todo o mundo, costumavam dividir suas vidas em períodos de cinco minutos, e esforçavam-se para tornar cada período o mais construtivo possível. Poucos de nós poderíamos atingir isto, mas todos poderíamos beneficiar-nos enormemente por uma disciplina semelhante, mesmo que fosse menos ambiciosa. É incrível quanta leitura pode ser feita usando-se os minutos esparsos que, de outra forma, seriam perdidos. Se isto for questionado, que o leitor experimente usar os minutos esparsos da semana vindoura em leitura proveitosa.

Há um exemplo concreto da forma como o Dr. F. B. Meyer remia o tempo, ou comprava oportunidades, e que está registrado em sua biografia. “Se ele tivesse diante de si uma longa viagem de trem, ele se instalava em seu cantinho no vagão, abria sua maleta, que mais parecia uma espécie de papelaria em miniatura, e punha-se a trabalhar em algum artigo obscuro, inteiramente esquecido do ambiente ao redor. Frequentemente, em prolongadas convenções, e até mesmo durante reuniões de comissões, quando os assuntos não exigiam sua atenção total, ele abertamente tomava sua maleta e passava a responder cartas.” Outro homem que não esbanjava tempo era o Dr. W. E. Sangster. Seu filho escreveu a respeito dele:

Ele jamais perdia tempo. A diferença entre um minuto e dois minutos tinha uma consequência considerável para ele. Lá vem ele de seu escritório. “Rapaz, você não está fazendo nada! Tenho exatamente

vinte e dois minutos. Vamos dar uma volta. Podemos usar este tempo andando e falando. Vamos!” Em seguida, ele disparava de casa, numa velocidade tremenda, e normalmente eu tinha de correr para alcançá-lo. Então, ele falava dos assuntos do momento (cinco minutos), probabilidades de um time qualquer vir a levantar o campeonato estadual (dois minutos), a necessidade de um reavivamento (cinco minutos), a realidade do monstro de Loch Ness (dois minutos), a santidade de William Romaine (três minutos). A esta altura, já estávamos de volta em casa.

Poucas outras coisas tendem a escravizar um líder consciencioso mais do que o uso de seu tempo. É preciso encontrar-se uma forma equilibrada de medir-se as coisas. Se o líder não encontrar uma resposta satisfatória, trabalhará sob tensão desnecessária. Mesmo depois que tiver feito o máximo, dentro de suas possibilidades, para cumprir suas obrigações, ainda haverá inúmeros problemas a serem resolvidos. Nem todas as chamadas de ajuda são, necessariamente, chamadas vindas de Deus, visto que nem todas poderão ser atendidas. Se ele, com toda sinceridade, planeja seu dia na presença do Senhor, e desenvolve esse plano da melhor forma possível, pode e deve tranquilizar-se. Sua responsabilidade vai apenas até aqueles assuntos que estão dentro de seu controle. O resto ele pode deixar, confiantemente, com seu amoroso e competente Pai celeste.

A procrastinação, a ladra do tempo, é uma das armas mais poderosas do diabo, para defraudar o homem de sua herança eterna. É um hábito absolutamente fatal para a liderança espiritual efetiva. Sua sutileza e poder jazem no fato de que corresponde perfeitamente bem às nossas inclinações naturais, e relutância nata, contra as decisões importantes. A tomada de decisões e a implementação delas sempre envolve considerável esforço moral. Contudo, ao invés de tornar este esforço mais fácil, o passar do tempo exerce um efeito contrário: piora as coisas. Amanhã será mais difícil ainda tomar a decisão — e, na verdade, as circunstâncias poderão ter mudado tanto, que será demasiado tarde para que aquela decisão seja, agora, vantajosa. Não será mais fácil agarrar a urtiga mais tarde. Agarre-a já.

Faça-o agora é um princípio de ação que levou muitos homens ao sucesso mundano, não sendo menos importante na área das coisas espirituais. Um método bastante útil para vencer a tendência forte de procrastinar, isto é, adiar as coisas, é estabelecer datas finais para a leitura de um livro, para a redação daquela carta difícil, ou daquele artigo, para realizar aquela tarefa e, depois, esforçar-se ao máximo e recusar-se a adiá-las.

Uma pessoa que lia muito, e que era, também, muito ocupada, frequentemente ouvia esta pergunta de seus amigos: “como é que você arranja tempo para isso?” Ele sempre respondia: “eu não arranjo tempo: eu o tomo.”

13

O Líder e Seus Hábitos de Leitura

Quando vieres, traze . . . os livros, especialmente os pergaminhos.

2 TIMÓTEO 3:13

O hábito de ler torna o homem completo; o hábito de falar torna-o preparado; o hábito de escrever, um homem exato.

BACON

O conselho de Paulo a Timóteo “aplica-te à leitura”, sem dúvida referia-se à leitura pública das Escrituras do Velho Testamento. Sua admoestação, contudo, é muito apropriada para outros tipos de leitura também. Os livros que Paulo desejava fossem trazidos até ele, provavelmente eram trabalhos seletos — livros de história judaica, livros exegéticos e explicativos da Lei e dos Profetas e, talvez, alguns poetas pagãos dos quais tirava citações em seus sermões e cartas. Ele desejava dispendê-las suas últimas semanas ou meses da forma mais proveitosa possível, isto é, estudando seus preciosos livros. Ele foi um estudante até o fim.

Há uma história paralela sobre William Tyndale, durante seu aprisionamento, pouco antes de seu martírio em 1536. Ele escreveu ao governador pedindo-lhe que alguns itens lhe fossem enviados:

uma capa mais quente, uma vela, um pedaço de pano para remendar minhas polainas . . . Mas, acima de tudo, rogo e suplico sua clemência, para que haja urgência junto ao Procurador, para que tenha a bondade de permitir que eu receba minha Bíblia Hebraica, minha Gramática Hebraica e Dicionário de Hebraico, para que eu possa passar algum tempo estudando.

Tanto Paulo quanto Tyndale passaram seus últimos dias, antes do martírio, estudando seus pergaminhos.

Neste capítulo, presumimos que a maior preocupação e o interesse

máximo do líder espiritual jazem no desejo de dominar a Palavra de Deus, através do estudo diligente e da iluminação do Espírito Santo. Entretanto, nosso interesse imediato são os hábitos de leitura suplementar.

O homem que deseja crescer, espiritual e intelectualmente, estará sempre entre seus livros. O advogado que deseja ser bem sucedido em sua profissão deve manter-se atualizado, conhecendo os casos mais importantes e as mudanças da lei. O médico deve seguir as descobertas e mudanças constantes que ocorrem em seu campo de atividades. Assim também o líder espiritual deve dominar a Palavra de Deus, e seus princípios, e deve saber o que está acontecendo nas mentes daqueles que o procuram para orientação. A fim de atingir estes objetivos, deve, a par de seus contatos pessoais, dedicar-se à leitura seletiva. Hoje, o costume de ler literatura clássica, e literatura espiritual sólida, decresce seriamente. Numa era em que as pessoas têm mais tempo de ócio do que nunca, na história do mundo, muitos alegam não ter tempo para a leitura. Esta desculpa não cabe a um líder espiritual.

João Wesley tinha verdadeira paixão pela leitura, a maior parte da qual ele fazia enquanto cavalgava. Às vezes ele percorria 150 quilômetros, e freqüentemente 80 quilômetros, num dia, a cavalo. Ele lia com profundidade uma variada classe de assuntos. Tinha o hábito de viajar com um volume de ciências, ou de história, ou de medicina enfiado no bolsão da sela e, desta maneira, devorou milhares de livros. Três grandes livros dominaram a mente de Wesley, e seu coração, durante seus dias em Oxford, em seguida ao Novo Testamento Grego. "Foi mais ou menos nesta época que ele começou a estudar com afinco *A Imitação de Cristo*, *Viver e Morrer em Santidade* e *A Séria Chamada*. Estes três livros tornaram-se, de verdade, seus guias espirituais. Ele dizia aos jovens pregadores das sociedades wesleyanas que deviam ler ou deixar o ministério!

A determinação de dispendar no mínimo meia hora, todos os dias, lendo livros dignos, que representem alimento para a alma, e maior desenvolvimento mental e espiritual, será ricamente compensadora, àqueles que têm sido inclinados a limitar suas leituras a livros predigeridos, ou bem superficiais.

O Dr. A. W. Tozer escreveu uma série de artigos iluminadores sobre o assunto "Uso e Abuso de Livros", no periódico *The Alliance Weekly*, de onde extraímos o seguinte:

Por quê o crente de hoje acha que a leitura de grandes livros está além dele? Certamente os poderes intelectuais não diminuem, de uma geração para outra. Somos tão aptos como nossos pais, e nós também podemos nutrir qualquer ideal que pudessem, se estivermos suficientemente interessados em promover o esforço nesse sentido. A maior causa do declínio na qualidade da literatura evangélica não é de ordem intelectual, mas espiritual. Para que se possa apreciar um

grande livro religioso, é necessário um grau de consagração a Deus, e de desligamento do mundo, que pouquíssimos crentes modernos possuem. Os primitivos pais da igreja, os místicos, os puritanos, não são difíceis de entender; contudo, eles habitam altitudes em que o ar é seco e rarefeito, onde ninguém, senão aquele que ama a Deus, pode morar . . . Uma razão porque as pessoas são incapazes de compreender os grandes clássicos cristãos é que elas tentam compreender, sem qualquer intenção de obedecer.

POR QUE TEMOS DE LER?

“Leia a fim de alimentar os poços da inspiração”, era o conselho de Harold J. Ockenga, que levou consigo um punhado de livros, em sua lua de mel.

Eis o famoso conselho de Bacon, a respeito do hábito de ler: “Leia, não para contradizer, ou refutar; não para crer e dispensar provas; não para encontrar prosa e discurso, mas, para ponderar e considerar. Alguns livros devem ser testados, outros engolidos, e uns poucos, mastigados e digeridos.”

Outro autor emitiu a opinião de que se lemos apenas para estocar nossa mente, como se fora um armazém, ou porque gostamos de sentir-nos superiores, ou que nos considerem intelectuais, então a leitura é inútil, e até pior que inútil.

O líder espiritual deve ler para obter *avivamento espiritual* e proveito, e estes objetivos influenciarão fortemente sua seleção de livros para leitura. Há alguns autores cujos escritos nos desafiam o coração e a consciência, e mantêm-nos nas grandes altitudes. É preciso buscar a leitura que represente impulso e inspiração.

O líder espiritual deve ler tendo em vista o *estímulo mental*, e deveria manter à mão, dentre outros, alguns livros que o envolvam em ginástica mental — algo que exija dele o uso de seus poderes mentais, ao máximo, e o estimule para ter novos pensamentos e idéias.

Ele deve ler a fim de obter *cultivo de estilo* em sua pregação, seu ensino e seus escritos. Neste sentido, nada pode igualar a leitura daqueles mestres que aumentam nossos vocabulários, que nos ensinam a pensar, que nos instruem na arte da elocução incisiva e persuasiva. Ao falarmos em mestres da linguagem, recomendam-se alguns valores: Monteiro Lobato, pela originalidade; Machado de Assis, pela profundidade psicológica; Graciliano Ramos, pelo texto enxuto e frugal; Castro Alves, pela incandescência poética; Guilherme de Almeida, pela graça e candura líricas; Fernando Sabino, pelo fino senso de humor e imensa solidariedade humana.

Bacon dizia que “as histórias tornam o homem sábio; os poetas

tornam-no espirituoso; a matemática, sutil; a filosofia natural, profundo; a moral, grave; a lógica e a retórica, capaz de debater.”

O líder deve ler, também, com vistas a *adquirir informações*. Nunca houve, antes, uma variedade tão ampla de fontes de informações, ao alcance de todos os leitores, como hoje. A informação é assimilada principalmente através da leitura. Ele deve, pois, ler bastante, para manter-se atualizado em sua época, e deveria estar razoavelmente bem informado em seu próprio campo.

Ele deveria ler a fim de ter *comunhão com as grandes mentes*. É possível manter comunhão com os maiores e mais piedosos dos homens de todas as eras, através de seus escritos.

É impossível avaliar o poder benéfico de um simples livro. Em sua obra *Curiosidades da Literatura*, Benjamin Disraeli intitula assim um dos capítulos: “O Homem do Único Livro”, e nele dá uma porção de exemplos da extraordinária influência de um único livro sobre alguém. Ao ler as biografias de alguns grandes cristãos que Deus usou de maneira singular, no século passado, o autor observou consistência no fato de que um mesmo livro havia induzido crise nas vidas desses homens, produzindo uma revolução em seus ministérios. Este livro foi *Dissertações Sobre Reavivamentos Religiosos*, de Charles G. Finney.

Por outro lado, quem pode medir a força maligna de um único livro como o *Mein Kampf*, de Hitler? E quem seria capaz de medir a ruína espiritual produzida pelo livro *Honest to God*, do bispo Robinson?

O QUE LER

Se é verdade que um homem é conhecido pelos amigos que tem, não é menos verdade que seu caráter é refletido nos livros que lê, visto que são a expressão externa de sua sede e aspirações internas. O imenso número de livros, tanto seculares como religiosos, despejados das editoras hoje, torna obrigatória a escolha cuidadosa. Só leremos os melhores, os que serão os mais úteis para nós, no cumprimento de nossa missão. Em outras palavras, nossa leitura deveria ser comandada principalmente pelo que somos, pelo que fazemos, ou pretendemos fazer.

Um antigo escritor que usava o pseudônimo de Cladius Clear sugeriu que um amante de livros poderia dividir seus livros como classificaria as pessoas. A alguns ele atribuiria o termo “amores”, livros que ele levaria consigo se fosse exilado. Outros, mais numerosos que os da primeira classe, seriam denominados “amigos”. A grande maioria seria designada por “conhecidos”, que seriam os livros de pouca camaradagem, e aos quais ele se referiria apenas ocasionalmente.

Matthew Arnold era de opinião que o melhor da literatura existente poderia ser encontrado dentro das capas de quinhentos livros. Daniel

Webster preferia dominar o conteúdo de alguns poucos livros ao invés de ler indiscriminadamente. Ele argumentava que a leitura de alguns grandes escritores que representam o edifício da literatura permanente de uma língua, bem dominados, seria melhor do que ler superficialmente uma multiplicidade de obras efêmeras. Ele dizia que era para esses livros que ele se voltava, à procura do conhecimento real do coração humano, de suas aspirações e tragédias, esperanças e desapontamentos. Hobbes, o filósofo inglês, disse certa ocasião o seguinte: “tivesse eu lido tão poucos livros como as pessoas o fazem, eu saberia igualmente tão pouco.”

Samuel Brengle dizia o seguinte a respeito de suas preferências poéticas:

Gosto de poetas cujos escritos revelam grande caráter moral, e grande paixão — tais como Tennyson, e um pouco de Browning. Os trabalhos dos outros têm luz, mas eu prefiro chamas, ao invés de luz apenas. Shakespeare? Mente tão clara como um raio de luz — porém, sem paixão, luz sem calor. Shelley? Keats? Há um sentido em que foram poetas perfeitos. Contudo, não me comovem. Escrevem lindamente — mas apenas dispõem palavras. Há uma infinita diferença entre a beleza da santidade e a santidade da beleza. A primeira conduz ao caráter mais alto, mais sublime, mais piedoso; a outra, frequentemente, muito frequentemente — conduz a uma orgia de sensações.

Sir W. Robertson Nicoll, editor de *The British Weekly* durante muitos anos, achava que as biografias eram a mais atraente forma de leitura geral, porque transmitem personalidade. Não se pode ler sobre as vidas de grandes e consagrados homens e mulheres sem que se acenda a inspiração, e cresça a aspiração. As “vidas de grandes homens ainda nos lembram que podemos tomar nossa vida sublime.” Quem poderia medir a inspiração para a causa das missões produzida pelas grandes biografias de William Carey, Adoniram Judson, Hudson Taylor, Charles Studd, ou Albert Simpson?

Joseph W. Kemp, que exerceu um amplo ministério de pregação e ensino, fazia questão de ter sempre, consigo, uma boa biografia. Ransome W. Cooper afirma: “a leitura de boas biografias forma parte importante da educação de um cristão. Dá-lhe numerosas ilustrações para uso no trabalho. Ele aprende a avaliar o verdadeiro valor do caráter; a vislumbrar um objetivo de trabalho para sua própria vida; a decidir sobre a melhor forma de atingi-lo; que a autonegação é necessária para eliminar aspirações indignas; e estará sempre aprendendo as maneiras como Deus usa vidas dedicadas a fim de cumprir Seus próprios propósitos.”

Aquilo que satisfaz seus seguidores, não deveria satisfazer o líder, na questão dos livros que ele lê. Nem deveria contentar-se com ler apenas os

livros que podem ser lidos com facilidade, ou os livros de sua própria especialidade.

Muriel Ormrod aconselhava:

É melhor a gente sempre procurar realizar algo que esteja além de nós. “Deveríamos sempre planejar ler algo diferente — não apenas os escritores com quem concordamos, mas, também aqueles de quem discordamos, com quem estamos prontos a brigar. Não vamos, tampouco, condená-los, simplesmente porque não concordam conosco; o ponto de vista deles desafia-nos a examinar a verdade, e testar o modo de eles a verem em relação às Escrituras. Não comentemos nem critiquemos escritores de quem ouvimos falar, apenas, de “segunda mão”, ou mesmo “terceira mão”, sem dar-nos o trabalho de ler seu trabalho . . . Não tenhamos medo de novas idéias — e não nos deixemos levar por elas, tampouco.”

* * *

Um pouco de conhecimento é algo perigoso;
Beba muito, ou nem toque na Fonte de Piéria,
Ali, as correntes rasas intoxicam o cérebro,
Mas o beber abundante nos torna sóbrios outra vez.

ALEXANDER POPE

O líder, pois, deve imergir em livros que o equiparão melhor, para ter mais qualidade no serviço, na liderança que exerce no reino de Deus.

COMO LER

A leitura, num de seus sentidos, é definida como aprendizado a partir da matéria impressa ou escrita; isto não envolve apenas percorrer os símbolos da escrita, mas meditar nos pensamentos que exprimem. “É fácil ler. É muito mais difícil reter o fruto da leitura na mente. E afinal, que proveito tem nossa leitura, se a mesma não atinge este objetivo?”

Quando Southey, o poeta, estava contando a uma idosa senhora Quaker como ele aprendera gramática portuguesa enquanto se banhava, como aprendera outra coisa qualquer enquanto se vestia, e como respigava em outra área, enquanto tomava o café matinal, e assim por diante, enchendo completamente seu dia, ela lhe perguntou calmamente: “E quando é que o senhor pensa?” É possível ler sem pensar; contudo, não podemos tirar proveito do que lemos, a menos que pensemos na leitura. Charles H. Spurgeon assim aconselhava a seus estudantes:

Domine os livros que vocês têm. Leiam-nos completamente. Banhem-se neles até que eles os saturarem. Leiam, releiam, mastiguem e digiram esses livros. Que eles venham a fazer parte de vocês. Percorram o bom livro diversas vezes, e façam anotações e análises deles. O estudante descobrirá que sua constituição mental será mais afetada por um livro completamente dominado do que por vinte livros que ele tenha apenas “passado por cima”. Pouco saber e muito orgulho são frutos da leitura rápida. Alguns homens tornam-se incapacitados para pensar pelo fato de colocarem a meditação lá fora, para poderem ler mais. Em leitura, que o moto de vocês seja: “muito, não muitos.”

As seguintes regras de leitura são excelentes para torná-la mais significativa e com benefícios mais duradouros:

1. Leia pouco sobre aquilo que deve ser imediatamente esquecido, porque isto apenas ajuda a formar o hábito de esquecer. Exercite a mesma discriminação ao escolher livros e ao escolher amigos.
2. Leia com caderno e lápis na mão. A menos que a memória seja incommumente vigorosa e retentora, leitura prolongada será pura perda de tempo. Desenvolva um sistema de anotações, e será assombroso descobrir o quanto esta prática ajuda a memória.
3. Vá coligindo um “caderno de apontamentos”, no qual você anotará tudo quanto for extraordinário, interessante e digno de ser registrado permanentemente. Seus próprios comentários e críticas podem ser acrescentados. Desta forma, preservar-se-á um acúmulo insubstituível de material, que será catalogado para uso futuro.
4. Verifique tanto quanto possível dados históricos, científicos e de outras naturezas, e não permita que alguma palavra se perca, mas saiba bem seu significado.
5. Que a leitura seja variada, visto que a mente facilmente começa a andar em sulcos viciados. A variedade não só descansa a mente como também o corpo.
6. As leituras deveriam ser relacionadas entre si, sempre que possível: história com poesia, biografia com novelas históricas. Em outras palavras, quando se lê a história da Independência, leiam-se as biografias de Tiradentes, e de D. Pedro I.

Canon Yates dá um conselho a respeito de leitura que seria bem proveitoso a quem pudesse segui-lo. A alguns, todavia, as pressões da idade espacial poderiam fazer de tal conselho um caso de perfeccionismo.

Yates sugere que cada livro digno de leitura deveria ser lido três vezes. A primeira leitura deveria ser rápida e contínua. A mente subconsciente começaria, então, a trabalhar, ligando-a àquilo que você já conhece sobre o assunto. Em seguida, tome tempo para pensar nas contribuições que

o livro trouxe ao seu conhecimento. A segunda leitura deveria ser cuidadosa, lenta e detalhada, à medida que você medita sobre cada novo ponto, e toma notas para uso posterior. Depois de um intervalo, a terceira leitura deveria ser rápida e contínua, fazendo-se breve análise, por escrito, numa página no verso do livro, com referências a assuntos e ilustrações e as páginas onde se encontram.

Um ministro do pequeno presbitério de Lumsden, na Escócia, reuniu ao seu redor não menos que dezessete mil volumes, no meio dos quais ele passeava, satisfeito. Entretanto, seu filho disse, a respeito do pai e seus livros: “embora ele gastasse muito tempo, e sentisse muitas dores, no preparo de seus sermões, ele não soube abrir um canal entre suas leituras e seus sermões.”

Aqui está um perigo contra o qual o ministro deve precaver-se. Idealmente, um livro é um canal através do qual as idéias podem fluir de uma mente para outra. O ministro de Lumsden conseguiu abrir um canal que ligava suas leituras à sua própria vida espiritual, contudo, sua congregação não recebeu os benefícios que poderia ter recebido, como resultado das longas leituras de seu ministro. Deve, pois, o líder, abrir um canal entre aquilo que ele lê e aquilo que ele diz, ou escreve, de modo que os outros possam colher os benefícios de seus estudos.

Um ministro que trabalha no interior da Austrália, conhecido do autor, é grande amante de livros. Bem cedo em seu ministério, ele decidiu que teria como alvo o desenvolvimento de uma congregação bíblica e teologicamente sadia. Ele foi bem sucedido em transmitir aos membros de sua igreja seu grande amor pelos livros, e apresentou-lhes, gradualmente, obras espirituais de valor e profundidade crescentes. Como resultado, naquele distrito há um bom número de fazendeiros que acumularam bibliotecas que envergonhariam um ministro do evangelho. Se os ministros tivessem isto como objetivo, muitos conseguiriam comunicar sua apreciação por livros espirituais às suas congregações, guiando-as no sentido de fazerem leituras seletivas.

14

Melhorando o Potencial de Liderança

*Se Deus lhes deu capacidade administrativa e os fez responsáveis pelo trabalho dos outros, tomem esse encargo com seriedade.**

ROMANOS 12:8

Todos os cristãos têm a obrigação de serem o melhor que puderem, para Deus. Se o potencial de liderança do cristão pode melhorar, ele deve melhorá-lo. Visto que ninguém sabe o que o futuro nos trará, devemos preparar-nos de todas as maneiras possíveis, para as oportunidades de serviço que possam surgir.

Nem todos os crentes são chamados, ou qualificados, para posições de grande liderança; contudo, todos são líderes na medida em que exerçam influência sobre os outros. Todos nós podemos, se o quisermos, aumentar nosso potencial de liderança.

O primeiro passo na consecução deste objetivo é descobrir e corrigir fraquezas na área da liderança, e cultivar nossos pontos fortes. Várias razões têm sido apresentadas para explicar a prevalência da liderança medíocre no serviço cristão. Se estudarmos as seguintes causas sugeridas, que explicariam essa mediocridade, poderemos descobrir algumas áreas a serem melhoradas e fortalecidas.

Será que nos falta um objetivo claramente definido, que nos galvanizará e estimulará, que desafiará nossa fé e unificará as atividades da nossa vida? Seremos, porventura, tímidos na fé, hesitantes em tomar providências, no interesse do reino, que envolvam riscos? Preferimos, usualmente, ir em frente só em total segurança? Temos nós um zelo

* "A Bíblia Viva", Ed. Mundo Cristão.

efervescente, ou um entusiasmo morno? É o líder entusiasmado que desenvolve seguidores entusiastas.

Temos sido relutantes em “agarrar a urtiga” da situação difícil, e tratar corajosamente do assunto? Adiamos as coisas, na vã esperança de que o problema desaparecerá? Raramente isto acontece. É o líder medíocre que adia decisões difíceis, e entrevistas ou cartas problemáticas. A demora não resolve nada, mas ao contrário, complica o problema. Será que nós sacrificamos a profundidade, por amor à extensão, espalhando-nos em fina camada, para obter apenas resultados superficiais?

ESFORCE-SE PARA LIDERAR

Romanos 12 significa muito para o líder. Já no primeiro versículo há um tempo aoristo de consagração: “. . . que apresenteis vossos corpos (de uma vez por todas) por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus.” Esta admoestação global é seguida por trinta e seis verbos que especificam os resultados que advirão da obediência àquele primeiro verbo. Dois destes verbos são especialmente relevantes para nosso tema.

O primeiro é: “Se Deus lhes deu capacidade administrativa e os fez responsáveis pelo trabalho dos outros, *tomem esse encargo com seriedade.*” Ou, “o que preside (faça-o) com *diligência*”, segundo a Versão Revista e Atualizada. (Grifo do autor). Aqui temos uma admoestação para que assumamos nossa liderança e suas responsabilidades com intensidade e zelo. Não há lugar para a preguiça, ou auto-indulgência. É preciso dedicarmo-nos à liderança, colocar tudo que temos nela. Estamos fazendo isto?

Há *intensidade* em nossa liderança? Esta era uma das características de nosso Mestre. Quando Seus discípulos O viram inflamado de ira santa e justa indignação contra a profanação da Casa de Seu Pai, perturbando um ritmo de séculos, “lembraram-se os seus discípulos do que está escrito: ‘o zelo da tua casa me consumirá.’” (Jo. 2:17). Tão intenso era o zelo com que Ele cuidava de Sua tarefa outorgada por Deus, que Seus amigos diziam: “Está fora de Si” (Marcos 3:21), enquanto Seus inimigos O acusavam, dizendo: “Tens demônio” (Jo. 7:20).

Intensidade e zelo semelhantes marcaram o ministério do apóstolo Paulo, em todos os estágios de sua vida. Adolph Deissman assim escreveu dele: “O relâmpago da estrada de Damasco encontrou bastante material inflamável na alma do jovem perseguidor. Vemos as chamas agigantadas, e sentimos que a luz que então surgiu não perdeu jamais seu brilho em Paulo, o velho.” Deveríamos cobiçar esta contínua intensidade, à medida que envelhecemos, mas isto não é automático. As chamas tendem sempre a morrer, transformando-se em cinzas frias. É preciso abastecer o fogo, constantemente, com novas cargas de combustível.

Antes de sua conversão, o zelo chamejante, mas errado, de Paulo, conduziu-o a terríveis atos de crueldade, pelos quais ele jamais se perdoou. “Persegui a igreja de Cristo”, lamentava-se ele. Contudo, aquele mesmo zelo, transformado pelo Espírito Santo, apossou-se de sua nova vida, e o conduziu a desempenhos incríveis, no interesse da igreja que ele havia procurado destruir.

Visto estar constantemente cheio do Espírito, sua mente estava inflamada com a verdade divina, seu coração iluminado pelo amor de Deus, sua vontade ardendo com a paixão da glória de Deus. Não é de admirar-se que as pessoas estivessem dispostas a segui-lo até a morte. Ele se esforçava constantemente para liderar. Ele o fazia com intensidade e zelo, e este espírito contagiava aqueles que se uniam a ele na obra.

SEDE FERVOROSOS

O segundo verbo no presente, de Romanos 12, está no versículo 11. “No zelo não sejais remissos: *sede fervorosos* de espírito”, ou como diz A Bíblia Viva: “Não sejam nunca preguiçosos no trabalho, porém sirvam *fervorosamente* ao Senhor.” (grifo do autor).

Uma coisa é descobrir áreas de fraquezas, outra, bem diferente, é remediá-las. Neste versículo encontramos a *dinâmica do serviço zeloso consistente*: “sede fervorosos de espírito”. Para muitos que estão em posição de liderança, não é difícil demais tornar-se fervorosos, em ocasiões especiais. Muitos conheceram épocas de exaltação espiritual, de coração abrasado, de comunhão especial com Deus, de frutificação mais do que comum na obra divina; contudo, o problema é como permanecer assim! Este versículo nos apresenta a sedutora possibilidade de sermos mantidos “fervorosos de espírito”. Implica em que não há nenhuma necessidade de “arrefecer-nos”, isto é, esfriar-nos, porque o Espírito Santo é a grande usina de aquecimento central em nossas vidas.

O personagem denominado Cristão, na história de Bunyan, descobriu este segredo quando visitou a casa de Intérprete (outro personagem). Ficou perplexo ao verificar que as chamas aumentavam, embora alguém despejasse água sobre elas. Ele entendeu o mistério ao descobrir que alguém, atrás, despejava óleo. Será que descobrimos o segredo?

Em Sua clássica dissertação a respeito da oração, Jesus fez uma promessa importante: “Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?” (Luc. 11:13). Este versículo contém um problema de interpretação para aqueles que, corretamente, acreditam que ao confiar em Cristo, para a salvação, a pessoa recebe o Espírito Santo. “... se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele.” (Rom. 8:9).

Contudo, se todos os crentes já têm o Espírito Santo, qual é a razão

por que se deve pedi-LO? A resposta está na gramática do versículo. No Novo Testamento a frase “Espírito Santo” ocorre oitenta e oito vezes. Porém, no original grego, em apenas cinquenta e quatro vezes encontra-se, também, o artigo definido “o”. Nas remanescentes trinta e quatro vezes, não existe o artigo “o” — é simplesmente “Espírito Santo”. É o caso de Lucas 11:13. A interpretação de H. B. Swete é que quando aparece o artigo definido, a referência é feita ao *Espírito Santo como Pessoa*. Todavia, quando não há o artigo definido, as referências não são à Pessoa, mas às *operações do Espírito Santo*.

Isto abre um largo leque de possibilidades. Jesus estava assegurando a Seus discípulos que eles poderiam pedir qualquer operação do Espírito, de que precisassem, a fim de desempenhar seus serviços no Corpo de Cristo, e o Pai lhes concederia. Estamos nos apropriando dessa maravilhosa provisão? De que é que precisamos: de amor, de poder, de coragem, ou de sabedoria? “*Quanto mais o Pai celestial dará (aquela operação do) Espírito Santo àqueles que Lho pedirem?*” (grifo do autor). Foi neste mesmo sentido que Jesus lhes disse: “Pedi, e dar-se-vos-á” (Luc. 11:9).

COMO MELHORAR A LIDERANÇA

Hudson Taylor, fundador da Missão Para o Interior da China, era um homem astuto, embora simples. Tinha o dom de dizer coisas tremendamente significativas de maneira enganosamente simples. Uma de suas assertivas englobava sua filosofia sobre a responsabilidade do líder, e sua receita para melhorar o desempenho do líder. O estudo cuidadoso de sua declaração, e a aplicação de seus princípios melhorará enormemente o potencial de liderança.

Numa carta escrita em Hong Kong, em 1879, para o Sr. B. Broomhall, que era, então, o secretário da missão, o Sr. Taylor disse o seguinte:

A coisa mais importante a ser feita é:

1. Melhorar o caráter da obra
2. Aprofundar a piedade, a devoção e o sucesso dos obreiros
3. Remover as pedras de tropeço, se possível
4. Lubrificar as engrenagens secas
5. Consertar o que estiver defeituoso
6. Suplementar, tanto quanto possível, aquilo que estiver em falta

Não é coisa fácil de fazer-se, quando não há suficientes homens capazes, ou ainda sendo formados. Que eu possa ser usado por Deus, pelo menos em alguma medida, para que estas coisas aconteçam, é minha esperança.

Esta declaração simples revela uma visão aguda das responsabilidades

da liderança. Uma análise iluminará seis importantes áreas de que precisamos cuidar:

- *Administração.* “Melhorar o caráter do trabalho”. É dever do líder descobrir que departamentos da obra estão funcionando abaixo do ponto ótimo, e remediar os desarranjos. Isto pode significar que se tenha de elaborar novas, ou melhores descrições de cargos, ou certificar-se de que as linhas de comunicação estão limpas.

- *Nível Espiritual.* “Aprofundar a piedade, a devoção e o sucesso dos obreiros”. O nível da igreja, da missão, ou de outro grupo, em grande parte será um reflexo do nível de seus líderes. A água não sobe acima de sua fonte. O interesse primordial, pois, dos líderes nas posições mais altas, deveria ser a saúde espiritual do grupo de liderança geral. Também é importante que haja satisfação no trabalho. Se os líderes puderem mostrar a seus colegas a maneira de experimentar maior sucesso, o senso de desempenho se refletirá na qualidade do trabalho.

- *Moral do grupo.* “Remover as pedras de tropeço”. Moral é a atmosfera que leva o grupo a trabalhar em união, como um time, com um mínimo de fricção. Quando assuntos que exigem atenção são negligenciados, permitindo-se que flutuem à deriva, o moral do grupo cai, afetando-se o desempenho. Se a pedra de tropeço é um fator que pode ser corrigido, isto deveria ser feito imediatamente. Se se trata de uma pessoa, este delinqüente deveria receber tratamento tão logo os fatos estejam esclarecidos, e que caiam as fagulhas! Naturalmente, a pessoa ou o grupo envolvido deveria ser tratado com consideração e amor; porém, a obra de Deus não deveria ser sacrificada simplesmente por amor à paz.

- *Relacionamentos pessoais.* “Lubrificar as engrenagens secas.” Não se poderia enfatizar demais a importância de manter-se um relacionamento interpessoal bastante caloroso. As pessoas são mais importantes do que a administração. Alguns amam a administração, outros amam as pessoas. Os líderes são os que amam as pessoas. Ao lidar com pessoas, óleo é bem melhor do que ácido.

- *Resolução de Problemas.* “Consertar o que estiver defeituoso.” Uma das principais funções da liderança é descobrir, ou providenciar, soluções para os intrincados problemas operacionais. É fácil criar problemas, mas difícil solucioná-los. O líder deve enfrentar os problemas de modo realístico, e fazer seguimento de perto, até que se chegue a uma solução satisfatória.

- *Planejamento Criativo.* “Suplementar, tanto quanto possível, aquilo que estiver em falta.” É bem mais fácil criticar planos submetidos do que criar planos mais satisfatórios. O líder não deve apenas ver claramente o objetivo a ser alcançado, mas, também, planejar estratégias e táticas imaginativas mediante as quais esse objetivo será atingido. Esta é uma área em que os recursos são sempre insuficientes.

Outra forma de melhorar o potencial de liderança é mediante a recusa a submeter-se ao que tem sido chamado de “liderança dos fundos”. A verdadeira liderança é a que vem de cima para baixo, não dos fundos para cima. Foi a liderança dos fundos que conduziu Israel de volta para o deserto.

Muitas igrejas e organizações cristãs estão paralisadas porque os líderes, ao invés de provar liderança forte, submetem-se a uma forma de chantagem vinda da retaguarda. Nenhum foco dissidente, ou elemento reacionário, deveria ter permissão para determinar a política do grupo, quando o consenso dos líderes espirituais indica uma direção oposta.

15

O Custo da Liderança

*Podeis vós beber o cálice que eu bebo, ou
receber o batismo com que eu sou batizado?*

MARCOS 10:38

Se alguém não estiver preparado para pagar um alto preço, maior do que seus contemporâneos e colegas estejam dispostos a pagar, não deverá aspirar à liderança no trabalho de Deus. A verdadeira liderança exige custo elevado, a ser cobrado do líder e, quanto mais eficiente a liderança, maior o custo.

Quinton Hogg, fundador do Instituto Politécnico de Londres, investiu nesse empreendimento grande fortuna. Quando lhe perguntaram quanto havia custado a construção de tão grande instituição, Hogg replicou: “Não muito, simplesmente o sangue de uma pessoa.” Este é o custo de todas as grandes realizações, o qual não é pago de uma vez, à vista. É pago em prestações, de acordo com um plano de pagamentos que prevê uma prestação a cada novo dia. Novas cobranças são feitas constantemente, e se o pagamento cessar, a liderança desvanece. Este fato foi ensinado pelo Senhor quando Ele nos explicou que não poderíamos salvar aos outros e a nós mesmos, ao mesmo tempo.

Assim escreveu Samuel Brengle:

O poder espiritual é o derramamento de vida espiritual. Como toda forma de vida, desde o musgo e o líquen na parede, até o arcanjo, diante do trono divino, a vida espiritual provém de Deus. Portanto, aqueles que aspiram à liderança devem pagar o preço, e procurá-la em Deus.

AUTO-SACRIFÍCIO

O auto-sacrifício é parte do preço que deve ser pago diariamente. Ergue-se uma cruz no caminho da liderança espiritual, cruz em que o líder consentirá ser pregado. As exigências dos céus são absolutas. “Cristo deu a Sua vida por nós e devemos dar a nossa vida pelos irmãos”. (1 João 3:16). A maneira pela qual permitimos, ou não, que a cruz de Cristo trabalhe em nós, será a medida pela qual a vida ressurreta de Cristo se manifestará através de nós. “A morte trabalha em mim, mas a vida em vós.” Fugir da cruz é fugir da liderança.

“Quem quiser ser o primeiro entre vós, será servo de todos, pois o próprio Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e *dar a sua vida* em resgate por muitos.” (Marcos 10:44-45, grifo do autor). Todos os heróis da fé imortalizados em Hebreus 11 foram chamados tanto para o sacrifício quanto para o serviço. As pessoas marcadas por Deus para posições de influência em Seu trabalho caracterizam-se pela prontidão para renunciar preferências pessoais, e para sacrificar desejos legítimos e naturais, por amor ao Reino. Bruce Barton menciona um anúncio pertinente, num posto de gasolina: “Rastaremos debaixo de seu carro mais vezes, e ficaremos mais sujos do que qualquer dos nossos concorrentes.” Não seria este o posto de serviços que você preferiria?

O Dr. Samuel M. Swemer chama a atenção para o extraordinário fato de que a única coisa que Jesus fez questão de mostrar após Sua ressurreição foram Suas cicatrizes. Seus discípulos não O reconheceram, nem à Sua mensagem, no caminho de Emaús. Não O reconheceram enquanto Ele não partiu o pão porque, provavelmente, viram as cicatrizes, e ficaram sensibilizados. Quando Ele surgiu no meio de Seus discípulos desanimados, no Cenáculo, após a ressurreição, “mostrou-lhes as mãos e os pés” (Lucas 24:40).

As cicatrizes são as marcas autênticas do discipulado fiel e da liderança espiritual. Foi dito o seguinte a respeito de um líder: “Ele pertencia àquela classe de mártires primitivos, cuja alma apaixonada transformou o corpo físico num holocausto.” Nada comove mais as pessoas do que as marcas dos pregos e da espada. São testes de sinceridade que ninguém ousa desafiar, como bem o sabia Paulo. “Quanto ao mais, ninguém me moleste; porque eu trago no corpo as marcas de Jesus”. (Gál. 6:17)

Não tens cicatrizes?

Nenhuma cicatriz escondida, no pé, na mão, ou no lado?

Ouço-as sendo cantadas, pela terra,

Ouço-as saudando a brilhante estrela da manhã

Não tens cicatrizes?

Não tens ferimentos?

Contudo, fui ferido pelos arqueiros.
Encostaram-me numa árvore, para morrer,
E rasgado por bestas vorazes, que me rodearam,
Desfaleti:

Não tens ferimentos?

Nenhum ferimento? Nenhuma cicatriz?

Sim, seja o servo como seu senhor;
Os pés que me seguem são traspassados.

Contudo, os teus estão íntegros.

Teria seguido até bem longe

Aquele que não tem ferimentos?

Nenhuma cicatriz?

AMY WILSON CARMICHAEL

Paulo estava disposto a pagar o preço, e levar as cicatrizes autênticas inerentes à liderança. Isto é comprovado num parágrafo autobiográfico, em uma de suas cartas:

Em tudo somos atribulados, porém, não angustiados; perplexos, porém, não desanimados; perseguidos, porém, não desamparados; abatidos, porém não destruídos; levando sempre no corpo o morrer de Jesus para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo. Porque nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal.

2 CORÍNTIOS 4:8-11

SOLIDÃO

Uma afirmação controversial de Nietzsche era que a vida sempre fica mais dura ao aproximar-se do ápice: o frio aumenta, aumentam as responsabilidades.

Por causa de sua própria natureza, o destino do líder é o de um solitário. Ele sempre deve estar à frente de seus seguidores. Embora seja o mais amável dos homens, há áreas de sua vida em que ele deve estar preparado para caminhar sozinho. Este fato abateu-se dolorosamente sobre Dixon E. Hoste, quando Hudson Taylor declinou da direção da Missão para o Interior da China e indicou Hoste como seu sucessor. Após a entrevista, durante a qual a nomeação foi feita, o novo líder sentiu o peso das novas responsabilidades sobre seus ombros, e disse. "E agora, não tenho ninguém, ninguém a não ser Deus!" Em sua jornada na direção do

topo, deixou para trás todos os seus contemporâneos, e permaneceu sozinho no monte, com seu Deus.

A natureza humana anseia por companhia, sendo perfeitamente natural desejar-se compartilhar com outros os pesados encargos de responsabilidades e cuidados. Frequentemente é traumatizante ter-se de tomar decisões de grande importância, que afetam as vidas de companheiros queridos no trabalho, e ter-se de tomá-las sozinho. É um dos preços mais caros a serem pagos, mas deve ser pago. Moisés pagou o preço de sua liderança — sozinho no monte, e sozinho na planície, sofrendo a solidão esmagadora da incompreensão, da crítica e da impugnação de motivos. Os tempos não mudaram!

Os profetas eram homens solitários. Enoque andou sozinho numa sociedade decadente, enquanto proclamava o julgamento próximo, sendo compensado pela presença de Deus. Quem poderia ter experimentado os espinhos da solidão mais do que Jonas, quando proclamou a mensagem do julgamento iminente, que só poderia ser evitado mediante arrependimento imediato, a uma cidade pagã de milhões de almas? O pregador mais solitário hoje é o homem a quem foi confiada uma mensagem profética que está à frente de sua época, mensagem que se atravessa diante das condições prevalecentes na ocasião.

Paulo, o apóstolo que gostava da companhia das pessoas, era um homem solitário que experimentou até o fundo, a amargura da incompreensão da parte de seus contemporâneos, a falsidade de seus inimigos, a deserção de convertidos e de amigos. Como é pungente sua palavra a Timóteo: “Estás ciente de que todos os da Ásia me abandonaram; dentre eles cito Figelo e Hermógenes” (2 Tim. 1:15).

“A maioria das grandes almas do mundo tem sido solitária”, escreveu A. W. Tozer. “Parece que a solidão é o preço que um santo deve pagar pela sua santidade.” O líder deve ser uma pessoa que acolhe bem a amizade e o apoio de todos quantos possam oferecer-lhe tais dádivas, contudo, tem recursos interiores suficientes para permanecer sozinho, até mesmo em face de violenta oposição, no desempenho de suas responsabilidades. Deve estar preparado para não ter ninguém a seu lado “a não ser Deus.”

Para a frente, sem o apoio de irmã, ou filha,

Sim, sem o ombro de um pai, ou de um filho,

A sós em terra, a sós na água,

Prossigo, paciente, até que meu trabalho termine.

F. W. H. MEYERS

FADIGA

“O mundo é governado por homens cansados.” Embora esta assertiva

possa ser discutida, quanto à sua validade, há um bocado de realidade na afirmação. As exigências sempre crescentes impostas ao líder drenam seus recursos nervosos, e exaurem os físicos mais robustos. Ele sabe, todavia, onde retemperar-se. Paulo estava familiarizado com o segredo. "Por isso não desanimamos: pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo o nosso homem interior se renova de dia em dia." (2 Cor. 4:16). O ministério de Jesus o cansava, por isso Ele descansou junto ao poço (Jo 4:6). Quando a mulher necessitada tocou a orla de seu manto, pela fé, Jesus percebeu que poder, força nervosa, havia saído dele (Mar. 5:30). Nenhum bem duradouro pode ser feito sem que haja dispêndio de poder, e de energia nervosa.

A pessoa interessada em seu próprio bem-estar não tem o calibre exigido de um líder. Se ela não estiver disposta a levantar-se mais cedo, ir dormir mais tarde do que os demais, trabalhar mais duramente, e estudar mais diligentemente do que seus contemporâneos, tal pessoa não fará grande impressão sobre sua geração. Se não estiver disposta a pagar o preço da fadiga, pela sua liderança, será sempre medíocre, a menos que se trate de pessoa de vigor físico incomum. Se for sábia, contudo, a pessoa aproveitará cada oportunidade legítima, para recuperação e recreação, ou limitará sua própria utilidade no ministério.

Ao escrever para a Sociedade Missionária Eclesiástica, Douglas M. Thornton mencionou o seguinte:

Mas eu estou cansado! Só estou escrevendo porque estou cansado demais para trabalhar agora, e cansado demais para dormir . . . Estou envelhecendo prematuramente, é o que me dizem, e os médicos dizem que não vou longe, se a pressão não cessar um pouco. Minha esposa está mais cansada do que eu. Ela precisa de repouso completo . . . Oh, se a igreja em casa percebesse metade das oportunidades de hoje! Será que ninguém ouve o chamado? Por favor, faça o possível para ajudar-nos.

Aqui estavam líderes missionários dispostos a pagar o preço da fadiga, a fim de agarrar as oportunidades que passavam velozes, em sua época.

Quando Robert Murray McCheyne, o jovem e santo ministro escocês, jazia morrendo, à idade de vinte e nove anos, ele se voltou para um amigo sentado a seu lado e disse: "Deus me deu uma mensagem para entregar a um cavalo para cavalgar. Bolas, matei o cavalo e agora não posso entregar a mensagem!" Não existe virtude alguma em açoitar um cavalo cansado, até que morra.

CRÍTICA

"Não existe nada mais capaz de matar a eficiência, a capacidade e

a iniciativa de um líder, nada mais destrutivo que a crítica . . . Seu efeito destruidor não pode ser subestimado. Tende a embaraçar, a atrapalhar o processo de raciocínio da pessoa. Estraçalha seu auto-respeito, destrói sua autoconfiança, sua habilidade de lidar com suas responsabilidades.”

Nenhum líder está isento de crítica, e sua humildade nunca será melhor vista do que pela maneira como aceita e reage às críticas.

Fred Mitchell disse o seguinte, numa carta a um jovem ministro:

Folgo em saber que você está extraindo todas as bênçãos concernentes à crítica atirada contra você por _____, pois, nesse caso, até mesmo o amargo ataque dele redundará em doçura. Uma declaração que tem sido de grande ajuda para minha esposa, e para mim mesmo, é a seguinte: “Não importa o que nos acontece, mas nossa reação àquilo que nos acontece é de importância vital.” Acho que você deverá aguardar mais e mais críticas, porque à medida que as responsabilidades aumentam, isto se torna inevitável. Faz com que a pessoa ande humildemente com Deus, e tome as decisões que sejam de Sua vontade.

Samuel Brengle, cuja genuína santidade era notória, havia sido submetido a uma crítica mordaz. Ao invés de replicar na mesma moeda, ou tentar justificar-se, ele respondeu: “Agradeço de coração a sua desconpostura. Acho que eu a merecia. Será que você, meu companheiro, se lembrará de mim em suas orações?” Em outra ocasião, foi feito um ataque devastador à sua vida espiritual. A resposta dele foi: “Agradeço sua crítica à minha vida. Ela me induziu a um auto-exame, à sondagem de meu coração, e à oração, o que sempre me leva a um senso mais profundo de minha total dependência de Jesus Cristo, para santidade de coração, e para uma comunhão mais doce com Ele.”

Com tal atitude, a crítica se transforma de maldição em bênção, de perda em lucro.

REJEIÇÃO

O líder que mantém altos padrões espirituais poderá, às vezes, ver-se acompanhando o Mestre pelo caminho da rejeição, porque “Ele veio para os seus, e os seus não o receberam.” Nem sempre acontece isto, mas tem sido a experiência de muitos.

O Dr. J. Gregory Mantle conta-nos de um colega de ministério cuja congregação se recusava, persistentemente, a aceitar suas mensagens. Ele desejava conduzir seu rebanho às campinas verdejantes, e às águas tranqüilas, contudo, as ovelhas não estavam dispostas a serem conduzidas. O coro mantinha práticas impiedosas, e isto foi a gota d’água.

A situação se tornou intolerável, e o pastor convidou o coro a renunciar. Os membros do coral não apenas renunciaram mas, também persuadiram os crentes a não cantarem no domingo seguinte. Como resultado, quando se anunciava um hino para ser cantado, só o pastor cantava, enquanto a congregação se deliciava com a derrota pastoral. Este estado de coisas prosseguiu durante algum tempo, ficando o ministro grandemente perplexo, diante do curso dos acontecimentos.

Ele estava a ponto de explodir, quando Deus lhe falou. Um dia, sentado num banco, numa praça, viu um pedaço de jornal rasgado, no chão. Aquele retalho de papel trazia uma mensagem que se encaixava perfeitamente em suas necessidades. Dizia a mensagem:

“Ninguém se torna totalmente aceito enquanto, em primeiro lugar, não tiver sido totalmente rejeitado.”

Ele não precisava de mais nada, agora. Havia sido totalmente rejeitado, por amor de Cristo, e seu reconhecimento deste fato foi o início de um ministério muitíssimo frutífero. Embora totalmente rejeitado pelos homens, havia sido totalmente aceito por Deus.

Quando, em resposta a um claro chamado de Deus, o Dr. A. B. Simpson renunciou seu pastorado, ele aprendeu o que significa ser “destituído, desprezado e abandonado.” Renunciou a um salário de 5.000 dólares, à posição de pastor líder na maior cidade dos Estados Unidos, e a qualquer pedido de ajuda à sua denominação para um trabalho ainda não testado. Ele estava numa grande cidade sem seguidores, sem organização, sem recursos financeiros, com uma família grande dependendo dele, e seus amigos e colegas de ministério mais íntimos prevendo o fracasso. Ele foi tão completamente incompreendido até mesmo por aqueles de quem poderia esperar simpatia, que certa vez disse que freqüentemente olhava para as pedras que pavimentavam as ruas, procurando nelas a simpatia que lhe era negada por toda parte.

“O caminho áspero da rejeição total foi palmilhado sem queixas, e com alegria. Ele sabia que ... estava atravessando fogo e água ... que aquele era o caminho apontado por Deus, para o lugar das riquezas.”

E o Dr. Simpson foi levado a um lugar de riquezas. Quando ele morreu, deixou cinco escolas para treinamento de missionários, centenas de missionários em dezesseis países, e um grande número de congregações, nos Estados Unidos e no Canadá, os quais exerceram uma influência espiritual que foi além de sua expressão numérica.

“Freqüentemente a multidão não reconhece um líder senão após sua partida e, em seguida, edifica um monumento para ele, com as pedras com que o apedrejaram em vida.”

PRESSÃO E PERPLEXIDADE

Aqueles que nunca se viram numa posição de liderança poderiam pensar que uma experiência maior, e uma comunhão mais longa com Deus, resultariam em maior facilidade para discernir-se a vontade de Deus, em situações perplexas. Contudo, o contrário é que é a verdade, com frequência. Deus trata o líder como se este fora um adulto maduro, deixando as coisas cada vez mais ao seu discernimento espiritual, dando cada vez menos evidências tangíveis e sensíveis, de Sua direção, em relação aos tempos passados. Esta perplexidade adiciona-se às inevitáveis pressões que acompanham qualquer cargo de responsabilidade.

Num de seus raros momentos de abertura, D. E. Hoste confidenciou a um amigo:

Pressão! Ela muda de estágio para estágio, e continua, apertando sem medida . . . Vai mudando a cada período da vida. Os mais duros anos de minha vida foram 1904-1906, que foram terríveis! Fiquei semi-morto! A gente conseguiu dar um jeito, desde então. Mas outros problemas se desenvolveram. Quando a gente se alivia num lado, novos problemas surgem no outro lado.

Cada vez mais eu percebo que à medida que prosseguimos na vida cristã, o Senhor não quer conceder-nos o senso de Sua presença, nem de Sua ajuda. Foi aqui que Hudson Taylor me ajudou bastante, outra vez. Falávamos sobre orientação. Ele disse que quando jovem, as coisas eram definidas tão mais claramente, e tão rapidamente! “Contudo”, disse ele, “agora, depois de tanto tempo, após Deus ter-me usado mais e mais, pareço um homem caminhando pela neblina densa. Não sei o que fazer.”

Entretanto, quando chegava o momento de agir, Deus sempre correspondia à confiança de Seu servo.

CUSTO PARA OS OUTROS

Há sempre um custo muito real que deve ser pago por outras pessoas além daquela a quem se confiou a liderança. Outras pessoas são, na verdade, as que muitas vezes têm de pagar o custo mais pesado. Quando Fred Mitchell, um colega muito querido do autor, foi convidado para tornar-se o direito inglês da Missão para o Interior da China, ele percebeu que havia um preço a ser pago, não apenas por si mesmo, mas também por aqueles que lhe eram mais caros.

Assim escreveu ele:

Minhas mãos já estavam cheias, e eu não desejava mais trabalho. Já vivi o suficiente, e já arqueei com suficientes responsabilidades, para saber que elas não devem ser procuradas, porque, usualmente, são desempenhadas a um alto custo.

Mais tarde, escreveu o seguinte a um de seus filhos:

Tenho tido inúmeros pesares de coração, e uma das maiores tristezas que ainda permanece é não ter sido capaz de dar-me à sua mãe, e a vocês, crianças, um pouco mais. A seara é grande e poucos os trabalhadores, o que significa que tem havido muitos chamados para mim. Não justifico minha negligência... mas, qualquer sacrifício feito por você, por amor de nosso Senhor Jesus Cristo, não ficará sem recompensa.

REAÇÃO A OPINIÕES CONTRÁRIAS

Paulo estabeleceu um valioso padrão, a este respeito. Era sua ambição assegurar o favor de Deus, não o dos homens. "Porventura procuro eu agora o favor dos homens, ou o de Deus? ou procuro agradecer a homens?" (Gál. 1:10).

As opiniões contrárias dos homens não o perturbavam, de modo nenhum. "Todavia, a mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós, ou por tribunal humano... pois, quem me julga é o Senhor" (1 Cor. 4:3-4). O juiz de Paulo não era o mundo. Ele podia menosprezar a mera opinião humana, porque seu coração não estava dividido, mas repousava integralmente em Deus (Col. 3:22). Contudo, a indiferença para com a opinião dos homens pode ser algo desastroso se não estiver ligada ao temor de Deus. Esta independência, entretanto, pode ser um atributo valioso para o homem disciplinado, cujo objetivo é a glória de Deus. Para Paulo, a voz dos homens soava fraca, porque seu ouvido estava sintonizado com a voz mais alta da apreciação de Deus. Ele não temia o julgamento dos homens, porque estava cômico de que permanecia diante de um tribunal superior (2 Cor. 8:21).

16

As Responsabilidades da Liderança

Além das cousas exteriores, há o que pesa sobre mim diariamente, a preocupação com todas as igrejas.

2 CORÍNTIOS 11:28

Servir era a definição de Jesus para liderança, e ela é verdadeira, quer se trate de coisas seculares, ou das sagradas. Lord Montgomery disse que sua experiência de guerra o levou a crer que os oficiais comandantes devem funcionar como servos das tropas, e que um bom oficial de comando deve servir a seus superiores e às suas tropas, sendo ele próprio anônimo.

Em seu livro *Training of the Twelve* o Dr. A. B. Bruce escreveu o seguinte: “Em outros reinos, governam aqueles cujo privilégio é serem servidos. No reino de Deus, governam aqueles para quem o privilégio consiste em servir.” O Dr. John A. MacKay, de Princeton, dizia que a imagem do servo é a imagem essencial da religião cristã. O Filho de Deus tornou-se o servo de Deus a fim de cumprir a missão de Deus. Esta mesma imagem provê o padrão e a norma pelos quais os cristãos, individualmente, as sociedades missionárias e as igrejas cristãs podem aprender como cumprir sua missão dada por Deus.

O verdadeiro líder considera o bem-estar dos outros como sendo prioridade número um, acima de seu conforto e prestígio pessoais. Manifesta simpatia e interesse por aqueles que estão sob sua liderança, quanto a seus problemas, dificuldades e cuidados, simpatia que fortifica e estimula, não que amolece e enfraquece. Ele sempre dirigirá a confiança deles ao Senhor. Vê em cada emergência uma nova oportunidade para ser útil. É digno de nota que quando Deus escolheu um líder para seguir os passos do grandioso Moisés, Ele escolheu Josué, homem que havia provado ser um servo fiel (Êx. 33:11).

Numa palestra em que deu alguns dos segredos da liderança excepcionalmente bem sucedida de Hudson Taylor, seu sucessor, D. E. Hoste, disse o seguinte:

Outro segredo de sua influência entre nós estava em sua grande simpatia, e consideração sincera pelo bem-estar e conforto daqueles que estavam ao seu redor. O alto padrão de auto-sacrifício e de trabalho, que ele sempre manteve na vida, nunca privou-o de ternura e simpatia para com aqueles que não eram capazes de ir tão longe quanto ele próprio, em relação àquele padrão. Manifestava grande ternura e paciência com respeito às falhas e erros de seus irmãos e, por isso, era capaz, em muitos casos, de ajudá-los a atingir planos mais elevados de devoção.

Disciplinar é outra responsabilidade do líder que é onerosa e muitas vezes indesejável. Em qualquer igreja ou sociedade religiosa há a necessidade de manter-se uma disciplina piedosa e amorosa, se desejar-se manter os padrões divinos, especialmente no que concerne à sanidade da fé, da moral e da conduta cristã.

Paulo estipula o espírito que se requer daqueles que deverão exercer disciplina. "Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois *espirituais*, corrigi-o, com o espírito de brandura; e guarda-te para que não sejas também tentado" (Gál. 6.1, grifo do autor). O requisito fundamental em qualquer atitude disciplinar é o *amor*. "Adverti-o como irmão" (2 Tes. 3:15). "Pelo que vos rogo que confirmeis para com ele o vosso amor" (2 Cor. 2:8). A pessoa que enfrentou honestamente suas próprias fraquezas e defeitos está melhor qualificada para lidar com as faltas alheias de maneira amorosa, mas firme. O espírito de humildade conseguirá muito mais do que o espírito de crítica, ou de censura.

Ao lidar com um assunto que aparentemente exigirá alguma medida disciplinar, cinco pontos deverão ser mantidos em mente: (1) Tal medida só deverá ser tomada após um processo completo e imparcial; (2) deverá ser tomada só se for para o bem geral da obra e do indivíduo; (3) deverá sempre revestir-se do espírito de amor genuíno, e conduzida com a maior consideração; (4) deverá sempre resultar em ajuda espiritual, e objetivar a restauração do ofensor, e (5) só deveria ser tomada após muita oração.

Guiar é uma terceira responsabilidade. O líder espiritual deve saber para onde está indo, e à semelhança do pastor de ovelhas, vai sempre à frente do rebanho. Este foi o método do Supremo Pastor. "Depois de fazer sair todas as que lhe pertencem, vai adiante delas, e elas o seguem porque lhe reconhecem a voz" (Jo. 10:4). "O líder ideal", disse A. W. Tozer, "é aquele que ouve a voz de Deus, e vai acenando, à medida que a voz o chama, e a seus liderados." Paulo entregou este desafio aos cristãos de Corinto: "Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo" (1

Cor. 11:1). Ele sabia a quem estava seguindo e aonde estava indo, estando, portanto, apto para desafiá-los a segui-lo.

Contudo, guiar pessoas que, embora piedosas, tenham opiniões fortes, de si mesmas, nem sempre é uma tarefa fácil. O líder não deverá impor impiedosamente sua vontade. D. E. Hoste enfatizou este fato:

Numa missão como a nossa, os que orientam os assuntos devem estar preparados para conviver com caprichos e oposições, e serem capazes de desistir de ações, que embora intrinsecamente sadias e benéficas, não foram aprovadas por algumas das pessoas afetadas diretamente. Hudson Taylor foi obrigado, muitas e muitas vezes, a modificar inteiramente, ou a deixar de lado, projetos sadios e úteis, que haviam enfrentado violenta oposição, e criariam maiores males do que os que adviriam, e que poderiam ser mitigados, ou removidos, mediante as mudanças nos projetos. Posteriormente, em resposta a orações de paciente persistência, muitos desses projetos foram executados.

Iniciar empreendimentos é uma função importante do ofício do líder. Alguns têm mais dons para conservar os bens, do que para iniciar novas obras; mais talentos para estabelecer a ordem, do que para gerar ardor. O verdadeiro líder deve ter espírito de aventura, tanto quanto visão. Deve ter espírito de iniciativa, ao invés de apenas espírito de conservação. A maioria das pessoas prefere andar em total segurança, contudo, Paulo não estava sempre em segurança. Constantemente ele assumia riscos calculados, com muito cuidado e muita oração.

O líder deve iniciar planos de progresso, ou ser capaz de reconhecer os planos dos outros. Deve permanecer na vanguarda, e prover orientação e senso de direção aos que seguem atrás. Não espera que as coisas aconteçam, mas faz com que aconteçam. Tem iniciativa, e está sempre procurando métodos melhores. Está disposto a testar novas idéias.

Robert Louis Stevenson denunciou a atitude de segurança, cuidado e prudência como sendo “um fungo funesto.” Hudson Taylor desprezava a segurança. As tremendas providências que tomava pela fé, com constante regularidade, eram denunciadas como ações insensatas. Contudo, isto não o detinha e, hoje, a história está ao seu lado, provando que ele estava certo. As maiores vitórias na história da igreja, e das missões, têm sido o resultado de algum líder que, em comunhão com Deus, assumiu riscos calculados e corajosos.

O excesso de cuidados resulta em muito mais fracassos do que a audaz implementação de novas idéias. Um amigo do autor, que desempenhou com muita distinção um cargo importante, com alcance global no mundo cristão, recentemente observou que, ao fazer uma análise de sua vida, ficou surpreso ao descobrir que a maior parte de seus fracassos ocorreu porque ele não fora suficientemente audacioso. “As fronteiras do reino de Deus

jamais foram alargadas por homens e mulheres demasiado cuidadosos”, disse a Sra. H. W. K. Mowll.

O líder não pode dar-se ao luxo de ignorar o conselho prudente de homens cuidadosos ao seu redor. Eles freqüentemente o livrarão de erros desnecessários. Entretanto, deve estar alerta para impedir que o excesso de cuidado lhe corte a iniciativa, quando ele sentir que sua visão provém de Deus. Tampouco deve permitir que os prudentes ao seu redor o detenham nos passos audaciosos de fé, para os quais Deus o está chamando, e também àqueles homens cuidadosos.

Assumir responsabilidade e executá-la de bom grado é marca característica do líder. Se ele não estiver preparado para isto, está desqualificado para o cargo. Aquele que foge dos envolvimento mais onerosos e difíceis, inerentes à sua posição, limita sua influência na medida de sua fuga.

Josué demonstrou qualidade de liderança ao aceitar, sem hesitação, a tremenda responsabilidade de seguir os passos do grande líder Moisés. Josué tinha muito mais razão para alegar inaptidão, do que Moisés; contudo, não repetiu o pecado de seu líder. Pelo contrário, aceitou prontamente a responsabilidade e entregou-se à tarefa.

Quando Elias foi trasladado, Eliseu assumiu sem hesitação as responsabilidades do cargo profético que seu mestre deixou vago. Aceitou a autoridade que lhe foi conferida, ao cair do manto sobre si, e tornou-se um líder de direito. Em cada caso, o fator determinante foi a certeza do chamado divino. Concedida esta certeza, ninguém precisa hesitar em assumir as responsabilidades atribuídas por Deus.

É sempre inspirador poder dar-se uma olhada no interior das vidas de grandes homens de Deus, e conhecer alguns dos elementos que contribuíram para sua eficiência espiritual.

No livro *Life of Robert E. Speer* estão registradas as regras pelas quais o arcebispo Benson, homem sobrecarregado de pesadas responsabilidades, conduzia sua vida. São regras desafiadoras, além de reveladoras. Embora ele pertencesse a uma época diferente, muitas de suas regras são de importância permanente, merecendo nossa aceitação.

- Não ser tardio em começar o principal trabalho do dia.
- Não murmurar contra o excesso de trabalho, ou escassez de tempo, mas aproveitar muito bem todo o tempo disponível.
- Não lamentar quando a correspondência é trazida, nem mesmo um pequeno murmúrio.
- Não fazer os deveres assumidos parecerem maiores, dando a impressão de sofrer sob os mesmos, mas tratá-los todos como portas para a liberdade e para a alegria.
- Não chamar a atenção para o trabalho acumulado, nem para experiências triviais.
- Antes de censurar alguém, obter de Deus amor genuíno por essa

pessoa. Certifique-se de que você sabe e permite todas as concessões que podem ser feitas. De outra forma, suas censuras poderão ser bastante ineficientes, tolas, ou talvez provocadoras, embora tenham sido feitas com as melhores intenções.

- Ah! Como faz bem à paz estar silencioso a respeito do próximo, não crer em tudo sem que haja discernimento, não sair por aí falando coisas!
- Não procurar louvor, gratidão, respeito, ou consideração da parte de superiores, ou de iguais em idade, ou em obras realizadas.
- Não sentir-se frustrado quando seu conselho, ou opinião, não forem solicitados, ou forem deixados de lado.
- Nunca permitir-se a si mesmo ser colocado em contraste favorável com outrem.
- Não ansiar para que a conversa gire a seu respeito.
- Não procurar favor, nem compaixão; merecer, mas não pedir ternura.
- Suportar a culpa, ao invés de compartilhá-la ou transmiti-la.
- Quando for dado crédito a outrem, por seu plano ou seu desempenho, não ficar perturbado, mas dar graças.

17

Testes Minuciosos da Liderança

Pôs Deus Abraão à prova.

GÊNESIS 22:1

A seguir, foi Jesus levado pelo Espírito, ao deserto, para ser tentado pelo Diabo.

MATEUS 4:1

Há testes para liderança, bem como testes de liderança.

“Pôs Deus Abraão à prova” é história expressando um princípio eterno. Para todos quantos foi confiada a autoridade espiritual, obviamente virão provas reveladoras.

TRANSIGÊNCIA

Transigência é o desvio parcial de um princípio, a fim de chegar-se a um acordo. Quando consentimos em que o padrão seja rebaixado, isto significa um passo atrás. Quase sempre chega-se a tal ponto mediante a transigência. Frequentemente envolve empobrecimento de padrões.

A polêmica épica de Moisés contra o Faraó constitui um exemplo clássico da tentação progressiva para a transigência. Quando o Faraó percebeu o propósito inflexível de Moisés, de retirar Israel do Egito, para adorar ao Senhor, usou de todos os ardis para frustrá-lo. “Adorem a Deus, se é isto que vocês querem”, foi a primeira sugestão, “porém, não há necessidade de deixar o Egito para isso. Adorem a Deus onde vocês estão.” A contrapartida modernista seria: “Não negligenciem a religião. Mas, não há necessidade de fanatismo, e de romper completamente com o mundo.”

Quando sua investida falhou, Faraó sugeriu outra coisa: “Se vocês precisam sair do Egito para adorar, não há necessidade de ir muito longe.

Vão apenas para fora dos limites.” “Religião é coisa boa e necessária, mas você não foi chamado para ser um fanático. Fique tão perto do mundo quanto possível.”

A proposta seguinte de Faraó capitalizou a afeição natural. “Deixe saírem os homens para adorar, mas não há necessidade de as mulheres e crianças acompanhá-los.” “Rompa com o mundo você, se você precisa romper, contudo, não seja tão extremista a ponto de interferir com o progresso mundano de sua família, fazendo com que ela se conforme com seus padrões vitorianos.”

A tentativa final do Faraó foi um apelo à ambição e ao amor às coisas materiais. “Vão, se vocês precisam ir, mas deixem seu gado e seus rebanhos aqui no Egito, enquanto vão adorar.” “Não deixem que suas legítimas convicções religiosas entrem em conflito com seus interesses comerciais e suas atividades profissionais.”

Com visão espiritual muito clara, Moisés olhou através de cada sugestão faraônica, e sua resposta foi decisiva, e bem definida: “Nem uma unha ficará” (Êx. 8:25, 28; 10:11, 24, 26). Assim, Moisés passou com honras, pelo primeiro teste de sua aptidão como líder.

AMBIÇÃO

Como todos os grandes líderes, Moisés foi peneirado no teste da ambição. Quando, durante sua ausência no Monte Sinai, estando a sós com Deus, Israel se voltou para a idolatria, a ira santa do Senhor se acendeu. “Com pestilência o ferirei, e o deserdarei; e farei de ti povo maior e mais forte do que este” (Núm. 14:12). Já o queixume crônico de Israel, e a descrença, teriam sido uma provação muito grande para Moisés, que teria sido desculpado se tivesse vislumbrado naquela proposta divina um alívio para seu fardo, e uma oportunidade maravilhosa para autopromoção.

Visto que era o próprio Deus quem lançava a sugestão, o teste era mais abrangente. Nunca o altruísmo e a nobreza de caráter de Moisés foram mais claramente vistos do que em sua reação à mensagem de Deus. Seu interesse era exclusivamente a glória de Deus e o bem estar do povo. Nem por um momento ele pensou em deixar que o auto-enaltecimento criasse raízes em sua mente superior. Apegou-se a Deus, audaz e tenazmente; por sua intercessão, o julgamento sobre a nação apóstata foi desviado.

SITUAÇÕES IMPOSSÍVEIS

“De que maneira ele enfrenta situações impossíveis?” era uma das perguntas-teste de John R. Mott, para testar o calibre da liderança das

peessoas. Sua prática era encorajar os líderes a enfrentar tarefas impossíveis, ao invés de fáceis, porque isto exigiria todas as forças, ensinar-lhes-ia algo sobre dependência dos outros, e os levaria a Deus. “Há muito tempo parei de ocupar-me pessoalmente com coisinhas que poderiam ser feitas por outros”, disse ele. O verdadeiro líder está em plena forma nas circunstâncias mais duras.

Não seria exagero nenhum afirmar que jamais, na história humana, os líderes têm sido confrontados com tal concentração de crises e situações impossíveis não resolvidas como em nossos dias. Por conseguinte, se quiserem sobreviver, deverão ser capazes de vencer as dificuldades, e considerá-las como rotina.

Moisés enfrentou o teste do impossível, quando Israel chegou ao Mar Vermelho. De um lado erguia-se o maciço intransponível de Baal-Zefom, e do outro, o intransponível deserto arenoso. À frente deles, estendia-se o intransponível Mar Vermelho, e atrás deles, o invencível exército de Faraó. Ele se viu fechado, com uma horda amedrontada e reclamante, num beco sem saída. Naquela experiência inesperada, e desesperadora, o moral da nação desceu abaixo de zero. “É porque não há sepulturas no Egito que você nos tirou de lá, para que morramos no deserto?” reclamavam eles. Contudo, Moisés, o homem de fé, permaneceu firme com Deus. Sua ordem do dia soou como pura fantasia para os desmoralizados israelitas; mas, na verdade, foi uma soberba demonstração de liderança.

“Não temais”, gritou ele, quando havia muita razão para temor.

“Aquietai-vos!” quando Faraó os estava cercando rapidamente, dominando-os, de modo que permanecer quietos significaria morte.

“Vede o livramento do Senhor,” o qual parecia estar muitíssimo longe (Êx. 14:11-13).

Nesta sublime declaração de fé, Moisés passou no teste da situação impossível com nota máxima, e foi gloriosamente justificado por Deus. Sua previsão ardente tornou-se realidade: “Os egípcios, que hoje vedes, nunca mais os tornareis a ver.” Eles viram a salvação de Deus e a total destruição de seus inimigos. A estimulante lição é que Deus gosta de “encurrular” as pessoas, para Si mesmo e, em seguida, em resposta à sua confiança, mostrar Seu poder e graça ao realizar o impossível.

Na evangelização do interior da China, Hudson Taylor frequentemente se viu face a face com situações semelhantes. Como resultado de suas experiências, costumava dizer que havia três fases na maioria das grandes tarefas empreendidas para Deus — a impossível, a difícil e a *feita*.

Você chegou ao Mar Vermelho de sua vida,

Onde, a despeito de tudo quanto você fizer,

Não há saída, não há fuga,

Não há outro caminho, senão ir em frente?

Então, confie no Senhor com fé serena,

Até que se vá a noite do seu temor;
Ele enviará o vento, separará as águas,
Ao lhe dizer: "prossiga."
A mão d'Ele o guiará por todo o caminho —
Todo —
Antes de as muralhas de água rolarem,
Nenhum inimigo o alcançará, nenhuma onda,
Nenhum mar poderoso poderá afogá-lo;
Podem as ondas perseguidoras encrespar-se,
E sua espuma a seus pés deter-se;
Contudo, sobre seu leito você andará
De pés enxutos,
Pela senda que o Senhor abrirá.
Na vigília da madrugada, sob a nuvem,
Você não verá ninguém, senão o Senhor,
Guiando-o desde o mar,
Até a terra que você ainda não conhece;
Passarão seus temores, como seus inimigos
Passaram;
Você não terá mais medo;
Você cantará louvores a Ele, num lugar melhor,
Um lugar feito pelas Suas mãos.

ANNIE JOHNSON FLINT

FRACASSO

Se tivéssemos acesso ao interior dos corações de muitas pessoas, a quem julgamos estar cavalgando a crista das ondas do sucesso, certamente teríamos grandes surpresas. Alexander Maclaren, o pregador maravilhoso, após pregar a uma grande congregação, foi embora tomado por um senso de fracasso. "Não deverei mais falar numa ocasião como esta", exclamou, enquanto a congregação foi embora cheia de bênçãos e de inspiração. Deve-se fazer desconto para a ressonância decorrente do arco retesado demais. Não se pode, tampouco, ignorar os ataques sutis do adversário, que jamais dorme.

A maneira pela qual o líder enfrenta seus próprios fracassos tem um efeito significativo em seu ministério futuro. Uma pessoa teria sido justificada se concluisse que o fracasso de Pedro, na antecâmara do julgamento, houvesse fechado para sempre a porta da liderança, no reino de Cristo, para o apóstolo negador. Ao invés disso, a profundidade de seu arrependimento, e a realidade de seu amor por Cristo reabriram a porta

da oportunidade para uma área ainda mais larga de serviço. “Onde abundou o pecado, superabundou a graça.”

Um estudo dos personagens bíblicos revela que a maioria daqueles que fizeram a história, era constituída de homens que fracassaram em algum ponto, alguns deles de modo drástico; entretanto, recusaram-se a continuar prostrados no pó. O próprio fracasso e arrependimento lhes asseguraram um conceito bem mais amplo sobre a graça de Deus. Aprenderam a conhecer o Deus da segunda oportunidade, para os filhos que falharam — como também o Deus da terceira oportunidade.

O historiador Froude escreveu: “O valor de um homem deve ser medido por sua vida, não pelo seu fracasso sob uma prova singular e peculiar. O apóstolo Pedro, embora previamente advertido, negou a seu Mestre três vezes, diante do primeiro alarme de perigo. Entretanto, aquele Mestre, que conhecia a natureza do apóstolo, quanto à sua força e à sua enfermidade, escolheu-o.”

O líder bem sucedido é aquele que aprendeu que nenhum fracasso precisa ser ponto final, e age de acordo com esta crença, quer a falha tenha sido sua, ou de outrem. Deve aprender a ser realista e estar preparado para entender que ele não pode estar certo sempre. Não existe o líder perfeito ou infalível.

CIÚME

É de se esperar que a liderança seja, às vezes, desafiada por rivais ambiciosos ou ciumentos. Até mesmo Moisés passou por esta experiência, quando sua influência tornou-se grande. Uma arma comum do adversário é a deslealdade.

O primeiro desafio à liderança de Moisés surgiu — e isto é bastante trágico — da parte de seus amados irmão e irmã. Eles não se lembraram de que, não fosse a abnegada obediência de Moisés à chamada divina, eles ainda estariam gemendo sob a chibata do feitor egípcio.

Por essa época, Miriã era uma mulher de meia-idade, cuja experiência com Deus deveria ter-lhe ensinado a respeito da maldade e da feiúra do ciúme. Parece que ela havia instigado uma campanha de murmuração contra Moisés, usando o casamento dele com uma mulher etíope, como desculpa para desafiar sua autoridade. O ódio racial não é fenômeno moderno. Ela ressentiu-se do fato de ser suplantada por uma estrangeira e conseguiu arrastar o fraco Aarão para a rebelião.

Está bem claro que Miriã e Aarão não estavam contentes em assumir o segundo lugar, em relação a Moisés e, sob instigação de Satanás, tentaram derrubá-lo de sua influente posição. O ciúme deles estava piedosamente encoberto por um zelo simulado para com Deus. “Porventura tem falado o Senhor somente por Moisés? Não tem falado também por nós?” Recu-

saram-se a reconhecer o direito de Moisés ser o único a falar ao povo em nome de Deus.

A reação de Moisés foi exemplar. Embora profundamente ferido, não disse nada para defender-se, visto que seu maior interesse era a glória de Deus, não seu próprio prestígio. Foi aqui, neste incidente, que se revelou sua singular humildade. “Era o varão Moisés mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a terra” (Núm. 12:3). Entretanto, embora ele mantivesse um silêncio digno, Deus não permitiria tal desafio à autoridade de Seu servo.

Visto ter sido uma ofensa pública, deveria ser julgada e punida publicamente. “Eis que Miriã achou-se leprosa, branca como neve,” diz o registro sagrado. A drástica punição da parte de Deus indicou quão grave Ele julgou o pecado de tocar no ungido do Senhor, embora ele fosse frágil e falível. Mais uma vez brilha a grandeza de Moisés. Sua única ação foi interceder por sua irmã — intercessão que Deus respondeu graciosamente.

É simples a lição para o líder. O homem que estiver no lugar indicado por Deus não precisa tentar defender-se, quando desafiado por rivais ciumentosos. A censura do Senhor a Miriã confirma totalmente que o líder está a salvo, nas mãos de seu Protetor celestial. “Como, pois, não temestes falar contra o meu servo, contra Moisés?” (12:8).

O segundo desafio veio de Coré e seus aliados, os quais sofriam de um ciúme irracional contra Moisés e Aarão. Por que apenas eles gozariam dos privilégios da liderança? Não havia outros igualmente merecedores e qualificados, estando eles mesmos incluídos? Seriam Moisés e Aarão os únicos apropriados para mediar entre Deus e os homens? “Basta”, disseram, “pois, que toda a congregação é santa, cada um deles é santo, e o Senhor está no meio deles; por que, pois, vos exaltais sobre a congregação do Senhor?” (Núm. 16:3).

Embora Moisés outra vez se recusasse a defender-se, Deus interveio enviando justo julgamento para os dissidentes ciumentosos. Sobreveio temor ao povo, e o prestígio de Moisés cresceu mais do que nunca.

Deus tem ciúmes dos líderes a quem ele chamou e nomeou. Ele os honra, protege e defende, e alivia-os da necessidade de lutar por qualquer de seus direitos.

18

A Arte de Delegar

Escolheu Moisés homens capazes, de todo o Israel, e os constituiu por cabeças sobre o povo . . . estes julgaram o povo em todo o tempo; a causa grave trouxeram a Moisés.

ÊXODO 18:25-26

Uma definição de liderança é “a habilidade de reconhecer as habilidades especiais e as limitações dos outros, combinada com a capacidade de colocar cada pessoa no trabalho em que ela renderá o melhor possível.” Aquele que for bem sucedido em conseguir que as coisas sejam feitas através dos outros está exercendo o melhor tipo de liderança. O astuto juiz de homens, Dwight L. Moody disse, certa vez, que ele preferia colocar mil homens a trabalhar do que fazer o trabalho de mil homens. A habilidade de escolher pessoas a quem possa delegar autoridade com segurança, e em seguida delegar mesmo, é a maior característica do verdadeiro líder. O Diretor Geral da Missão para o Interior da China, D. E. Hoste, disse: “A capacidade de apreciar os dons da grande variedade de tipos de obreiros e, em seguida, ajudá-los ao longo das características de suas próprias personalidades e trabalhos, é a principal qualidade de supervisão numa missão como a nossa.”

Esta capacidade evitará que o líder passe pela frustrante experiência de tentar adaptar pinos quadrados em buracos redondos.

A delegação de responsabilidade, com a autoridade proporcional para tornar possível que tal responsabilidade seja cumprida, não é sempre coisa apreciável pela pessoa que gosta de exercer plena autoridade por si mesma. Tem prazer em conceder a responsabilidade, mas reluta em deixar as rédeas do poder escapulirem de suas mãos. Isto não é justo para com o subordinado, e certamente não dará resultados satisfatórios, ou eficientes. Tal atitude tende a ser interpretada como falta de confiança, o que não

induz ao melhor tipo de cooperação, nem captará as maiores forças da pessoa em treinamento para liderança. É bem possível que a pessoa não faça o trabalho tão bem como seu superior, mas a experiência comprova que isto não acontece sempre. Se se lhe der oportunidade, o jovem poderá fazer a tarefa ainda melhor, porque tem melhores condições de sentir o pulso da vida contemporânea. De qualquer maneira, como é que ele obterá experiência, senão mediante delegação total de responsabilidade e de autoridade?

“A medida do sucesso de um líder é o grau em que é capaz de delegar trabalhos.” Tem-se dito corretamente que a atividade de uma pessoa não pode desenvolver-se, e tornar-se maior do que a maior carga que uma pessoa pode carregar. Alguns líderes sentem-se ameaçados por subordinados brilhantes e, por isso, relutam em delegar-lhes autoridade.

A pessoa em cargo de liderança, que não sabe delegar, está constantemente envolvida num emaranhado de pequenos detalhes que não apenas o sobrecarregam, mas desviam-no de suas responsabilidades primordiais. Além disso, ela não consegue libertar o potencial de liderança de seus subordinados. A insistência em fazer-se as coisas por si mesmo, porque serão feitas melhor, não apenas é uma política míope, como pode ser presunção, ou evidência de um conceito não provado. O líder meticuloso na observação de prioridades tem sua eficiência grandemente aumentada.

Desde que a delegação tenha sido efetuada, o líder deve manifestar confiança máxima em seus colegas. Dizia-se do Dr. A. B. Simpson, fundador da Aliança Cristã e Missionária, que ele confiava nas pessoas encarregadas das diferentes instituições, e deixava-as livres para exercerem seus próprios dons.

Se elas não fossem bem sucedidas, ele achava que isto era reflexo de sua própria liderança, porquanto era ele quem tinha selecionado tais pessoas para as posições. Os subordinados poderiam ter absoluta certeza do apoio de seu líder em qualquer decisão que achassem que deveriam tomar, não importando o resultado, desde que agissem dentro de seus limites de autoridade. Isto pressupõe que as áreas de responsabilidade tenham sido claramente definidas, e registradas por escrito, de tal maneira que não haja más interpretações. Muitas situações desagradáveis ocorrem por causa da ausência de tais precauções.

Escrevendo a respeito de seu trabalho ao lado do Dr. John R. Mott, Paul Super afirmou:

Uma de minhas maiores fontes de recursos, durante estes últimos dez anos na Polônia, é a certeza de seu apoio. Meu maior orgulho é sua confiança em mim. É claro que uma das minhas maiores motivações é ser digno de seu apoio, e manter-me na medida de suas expectativas a meu respeito.

A mais notável ilustração bíblica do importante princípio da delegação de responsabilidade e de autoridade é o conselho de Jetro a seu genro Moisés, conforme registro de Êxodo 18:1-27.

Israel havia saído do Egito como horda desorganizada de escravos. Por esta época, desenvolvia-se novo espírito nacional, e o povo estava tornando-se uma nação organizada. Os intoleráveis fardos administrativos que esse desenvolvimento impunha sobre Moisés fizeram cintilar o excelente conselho de Jetro. Desde a manhã até a noite, ele via Moisés ouvindo e aconselhando a respeito dos intermináveis problemas surgidos naquelas novas condições. Moisés estava encarregado de funções legislativas e judiciárias, e suas decisões eram aceitas pelo povo como oráculo de Deus.

Jetro viu que Moisés não poderia suportar a pressão indefinidamente, e apresentou duas fortes razões a favor da delegação de algumas de suas responsabilidades. Primeiro, “sem dúvida desfalecerás . . . isto é pesado demais para ti; tu só não o podes fazer.” (v. 18). Há limites ao desgaste físico e nervoso, não sendo conveniente ultrapassá-los. Em segundo lugar, o método atual era demorado demais, e as pessoas estavam insatisfeitas, por não estarem recebendo a atenção almejada. Distribuindo-se responsabilidades, as decisões legais se acelerariam, e as pessoas iriam embora satisfeitas (v. 23).

Jetro propôs, então, uma providência de duplo alcance. Moisés continuaria a agir como representante de Deus, ensinando princípios espirituais, e exercendo suas funções legisladoras. Deveria levar os casos difíceis a Deus (versos 16, 19-20). As funções judiciais que até então vinha exercendo, ele delegaria a líderes legais, competentes, os quais aliviariam seu fardo intolerável. O conselho foi sábio, porque se Moisés houvesse sucumbido pela pressão de seu cargo, não teria deixado atrás de si ninguém experimentado, e treinado no exercício da autoridade e no manuseio de responsabilidades. Quando não se cuida do trabalho de Deus com tais precauções, a ruína é certa — muitos projetos que prometiam arruinaram-se assim.

Vários benefícios foram colhidos por Moisés pela aceitação do conselho de Jetro. Ele pode concentrar-se nos aspectos mais elevados, e nas maiores responsabilidades de seu cargo. Descobriu os talentos latentes e insuspeitos de muitos de seus subordinados. Tais homens talentosos, que poderiam ter-se tornado seus críticos, se ele prosseguisse mantendo tudo em suas próprias mãos, desenvolveram-se sob o peso de seus cargos, e tornaram-se, assim, seus fiéis aliados. Quaisquer deslealdades incipientes foram abortadas mediante a aceleração dos processos legais. Moisés também cuidou de prover liderança efetiva para a nação após sua morte.

Jetro encorajou seu genro ao expor um princípio espiritual de importância permanente. “Se isto fizeres, e assim Deus te mandar, poderás então suportar” (Êx. 18:23). Ele submeteu seu conselho à direção última de Deus. O princípio é que Deus assume total responsabilidade para

capacitar Seu homem a cumprir todas as tarefas para as quais Ele o nomeou. Há algumas tarefas que chamamos a nós mesmos, que outros podem executar melhor do que nós; por isso, devemos abrir mão delas. Contudo, mesmo que os outros as fizessem de modo pior do que nós, deveríamos abrir mão delas — um teste bastante severo para o perfeccionista! Moisés, sem dúvida, poderia realizar as tarefas melhor do que os setenta homens que ele selecionou; contudo, houvesse ele persistido na velha prática e logo se tornaria apenas numa lembrança.

Os padrões de seleção sugeridos por Jetro, para escolha de ajudantes para Moisés, evidenciaram verdadeiro discernimento espiritual. Deveriam ser homens de *habilidade*, porque a tarefa deles seria exigente; homens de *piedade*, que temessem a Deus e respeitassem seus companheiros; homens de *honra*, que odiassem a cobiça e não fossem suscetíveis de suborno.

Dentre outras lições para líderes, tiradas deste incidente, há as seguintes: É erro assumir mais deveres do que podemos desincumbir adequadamente e satisfatoriamente. Não há virtude em fazer mais do que nossa genuína porção do trabalho. É bom reconhecer e aceitar nossas próprias limitações. Nossos Jetros freqüentemente podem discernir mais claramente do que nós o alto custo pelo qual nossa liderança vem sendo exercida, e seremos sábios se ouvirmos suas admoestações. Se quebrarmos uma lei natural, mesmo que a serviço de Deus, não estaremos isentos das penalidades. É fácil assumir responsabilidades, sob pressão, da parte de homens, ao invés de pela direção de Deus. Deus não aceita responsabilidade por tais atividades extracurriculares.

Um dos testes mais ácidos da liderança missionária é a disposição para delegar responsabilidades a líderes nacionais que vão surgindo, no momento em que evidenciam suficiente maturidade espiritual e, em seguida, permanecer ao lado, pronto para ajudar, enquanto ganham experiência, da mesma maneira como o fez o missionário: por tentativa e erro. Tal entrega de responsabilidades cumpre a importante função de descobrir, treinar e usar os talentos latentes dos companheiros nacionais. Nos primeiros estágios, é necessário que se esteja alerta; contudo, deve-se recorrer à interferência apenas quando há absoluta necessidade. A certeza de que estamos sendo vigiados destrói nossa autoconfiança.

Quando o Dr. W. E. Sangster foi nomeado secretário geral do Departamento de Missões Locais, da Igreja Metodista da Inglaterra, ele providenciou a distribuição de trabalho entre os membros de seu departamento, atribuindo a cada um suas devidas responsabilidades, e desistiu de qualquer supervisão. Tendo confiado plenamente em seus companheiros, delegou poderes e nunca lamentou isso. Dizia-se dele o seguinte: “Talvez sua grande visão de liderança fosse o conhecimento da importância da delegação, e da escolha cuidadosa de seus assistentes. Sempre foi um mestre nesta arte.”

Ao escrever a respeito do líder de uma grande sociedade missionária, um membro da diretoria comentou assim: “Ele possuía o grande dom da liderança: nunca interferia com aqueles que trabalhavam sob suas ordens. Cada um deveria fazer seu próprio trabalho.” Outro membro escreveu o seguinte: “Ele sabia o que as pessoas podiam fazer, e providenciava para que o fizessem, deixando-as livres para aproveitar ao máximo suas oportunidades, e investigando apenas quando as coisas saíam erradas.”

19

Substituição de Líderes

Moisés, meu servo, é morto; dispõe-te, agora, passa este Jordão, tu e todo este povo . . . como fui com Moisés, assim serei contigo.

JOSUÉ 1:2,5

Quando se desenvolve um movimento ao redor de uma personalidade dominante, o verdadeiro teste da qualidade de sua liderança é a maneira pela qual a obra sobrevive à crise da remoção desse líder. Este fato foi tacitamente reconhecido por Gamaliel, ao aconselhar seus colegas fariseus: “Dai de mão a estes homens, deixai-os; porque se este conselho ou esta obra vem de homens, perecerá; mas, se é de Deus, não podereis destruí-los” (At. 5:38-39). Um trabalho que se originou em Deus e foi conduzido por princípios espirituais, sobreviverá ao choque da mudança de liderança; na verdade, provavelmente crescerá melhor como resultado da mudança.

É possível manter uma solicitude não-santa por Deus e Sua obra. A morte de um de Seus obreiros não O toma de surpresa, e não O provocará a tomar ação de emergência. Embora possamos ser tomados de surpresa, despreparados, e ficarmos atordoados pela remoção, não precisamos temer nem tremer pela Arca de Deus. Haveremos de ter em mente que há fatores na liderança cristã que estão ausentes na liderança mundana. Na verdade, é Deus e não os homens Quem prepara e seleciona aqueles que hão de assumir posições de liderança em Seu reino (Mar. 10:40). Nenhuma obra que Ele iniciou ficará desprovida, até que Seu propósito através dela tenha sido atingido.

Costuma-se dizer que todo grande movimento é atirado em crise quando morre seu fundador. Embora isto possa ser verdadeiro, nem sempre a crise é fatal. Quando o primeiro secretário da Junta Americana de Missões morreu, Lyman Beecher disse que ele se inclinava a desesperar-

se quanto ao futuro da obra nas missões estrangeiras. Contudo, outra pessoa assumiu o trabalho tão admiravelmente bem que, à sua morte, a mesma tentação surgiu. Finalmente, quando o terceiro secretário provou ser igual a seus predecessores, o Dr. Beecher começou a achar que os recursos de Deus seriam perfeitamente suficientes para tomar conta da Junta e seus interesses. Quando ele próprio foi colocado de lado, alguns lamentaram que isso seria uma perda irreparável à temperança, à ortodoxia, e às missões estrangeiras. Entretanto, todas estas causas encontraram novos líderes segundo o programa e a maneira determinados por Deus. O fato é que nenhum homem, não importando o quão talentoso e devotado seja, é indispensável ao reino de Deus.

Deus está continuamente trabalhando, não percebido pelos homens, preparando aqueles a quem escolheu para a liderança. Ao surgir a crise, Ele coloca habilmente aquele a quem nomeou na posição que Ele determinou. É verdade que nem sempre a substituição em certa posição é imediatamente reconhecida pelos interessados; mas o tempo o revelará.

As maiores dádivas de Deus para Israel foram homens como Moisés, Davi e Isafas, não a terra prometida, porque as maiores bênçãos d'Ele sempre são homens. Seu maior presente à igreja foram os doze homens a quem Ele treinou para a liderança.

Não é difícil pintar o desânimo, e até mesmo desespero, que assomou a nação, quando chegou a época de a mão firme e capaz de Moisés ser retirada do leme. Durante quatro décadas a vida nacional toda havia girado em torno dele. Foi para ele que se haviam voltado, na procura de solução para seus problemas e acerto de suas disputas. Fora ele quem interpretara a vontade de Deus para eles. Eles poderiam ser perdoados por sentirem que Moisés era insubstituível. É verdade que havia os setenta que serviam sob Moisés; mas não havia outro Moisés no horizonte. O fato de sua morte ocorrer exatamente no momento em que estavam para entrar em Canaã, adicionava maior agudeza à crise. Achavam difícil acreditar que Deus tinha em reserva um homem adequado para enfrentar a emergência. Mas Deus estivera, há muito, preparando Josué. A crise foi suficiente para trazê-lo ao palco dos acontecimentos.

Esta situação constantemente acontece na história, e cada geração deve reaprender a mesma lição, por si mesma. A perda de um líder extraordinário sempre desperta as mesmas dúvidas e temores. “Que acontecerá ao Metodismo quando João Wesley morrer?” “Que acontecerá ao Exército da Salvação quando William Booth morrer?” “Que acontecerá quando nosso pastor for removido?”

Os caminhos da glória não conduzem senão à sepultura; contudo, novas glórias serão reveladas. O maior dos líderes inevitavelmente será removido pela morte, ou outra causa, e o senso de perda variará com o calibre de sua liderança. Em retrospecto, porém, usualmente se verifica que a tragédia aparente apenas transformou-se numa grande bênção para a obra.

Somente após sua remoção é que se revelam inteiramente o caráter e as realizações do líder. Foi só após sua morte que Israel conseguiu ver a grandeza de Moisés, em sua verdadeira perspectiva. “A ênfase da morte aperfeiçoa as lições da vida.”

Por outro lado, a remoção de um líder corta-o, reduzindo-o ao tamanho certo, em relação à obra de Deus. Não importa quão grandes sejam suas realizações, ele não é insubstituível. Chega a hora em que sua contribuição especial não é a necessidade do momento. O líder mais talentoso tem limitações que se tornam aparentes somente depois que os dons complementares de seu sucessor façam com que a obra se desenvolva de forma que o líder anterior não conseguiria atingir. Frequentemente acontece que um homem de menores capacidades, com dons diferentes, pode desenvolver uma obra mais eficientemente do que o predecessor, que a iniciou. Talvez Moisés não fosse capaz de liderar a conquista e divisão de Canaã tão aptamente e com a mesma aceitação de Josué.

A remoção de um líder forte e dominador abre a porta para o surgimento e desenvolvimento de novos líderes. Frequentemente se descobre que uma pessoa que foi um simples subordinado, desenvolve qualidades inteiramente insuspeitadas, quando o peso da responsabilidade é atirado sobre ele. Forças latentes e capacidades jamais imaginadas são despertadas. Josué não se tornaria jamais o grande líder que subseqüentemente provou ser, se tivesse permanecido para sempre como “servo de Moisés.”

A mudança de liderança também provê oportunidade para a demonstração da versatilidade de Deus, em adaptar os meios aos fins em vista. Seus recursos, para qualquer obra que Ele inicia, são inexauríveis. Se uma pessoa que possui grandes dons não os coloca à disposição de Deus, de maneira nenhuma Deus se sente derrotado. Ele tomará uma pessoa com menos dons, os quais estão totalmente disponíveis para Ele, e os suplementará com Seu imenso poder. Este pensamento está implícito na declaração intrigante de Paulo aos brilhantes coríntios: “Irmãos, reparaí, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento; pelo contrário, Deus escolheu as cousas loucas do mundo para envergonhar os sábios, e escolheu as cousas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as cousas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus.” (1 Cor. 1:26-29).

Não é que Deus não desejasse usar os poderes dós nobremente talentosos, mas, poucos deles estão dispostos, como Paulo, a colocar esses talentos, sem reservas, à disposição de Deus. Quando tais pessoas renunciavam sua confiança em seu próprio poder e sabedoria, e dependem só de Deus, não há limites para as maneiras como Ele as usará para Sua glória.

Perto do fim da vida do Dr. A. B. Simpson, homem de grandes talen-

tos, fundador da Aliança Cristã e Missionária, um proeminente ministro de Nova Iorque sugeriu, numa das grandes convenções, promovidas pelo Dr. Simpson, que visto não haver ninguém tão qualificado para prosseguir na liderança da organização, que se levantasse uma grande soma de dinheiro a fim de assegurar-se a perpetuação da obra. O Dr. Simpson não disse nada e não fez nada. Ele acreditava, corretamente, que se o trabalho era de Deus, nada poderia derrubá-lo; se não fosse de Deus, sua perpetuação não serviria a nenhum bom propósito.

Como ele se alegrava, nos últimos meses de sua vida, quando já não exercia qualquer função de liderança na Aliança, ao receber relatórios que falavam das ofertas missionárias, enormemente aumentadas, e do maravilhoso progresso no campo estrangeiro! O ano seguinte ao de sua morte foi o mais próspero da história da sociedade. Nenhum outro tributo maior poderia ser pago à qualidade de sua liderança.

Há um Líder que se mantém no cargo em perpetuidade, para o Qual não há substituição. É fato notável que nenhum de Seus discípulos fez algum movimento para indicar um deles para tomar Seu lugar, após a ascensão, evidência tácita de que Ele ainda era o Líder vivo. A Igreja, às vezes, perde o senso vívido de Sua presença, contudo, jamais se ouviu o grito de pânico de um exército sem líder. Ele sempre demonstrou que as tristezas e perigos de Sua Igreja jazem profundamente em Seu coração.

“Dizemos ao Senhor francamente”, disse Martinho Lutero, “que se Ele quiser Sua igreja, Ele terá, então, de cuidar dela, mantê-la e defendê-la, visto que nós não podemos sustentá-la nem protegê-la; e, se pudéssemos, nós nos tornaríamos os asnos mais orgulhosos debaixo dos céus.”

Visto que temos um Líder que conduz Sua obra no poder de uma vida sem fim, sendo o mesmo ontem, hoje, e para sempre, as mudanças na liderança humana não precisam nos desanimar.

20

A Reprodução de Líderes

E o que de minha parte ouviste, através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros.

2 TIMÓTEO 2:2

Nestas palavras, Paulo enfatiza a responsabilidade do líder espiritual de reproduzir-se e multiplicar-se. Se ele quiser desincumbir-se completamente de sua tarefa, há de dedicar tempo para treinar jovens que venham a sucedê-lo, ou substituí-lo. A estatura espiritual de Barnabé é vista na ausência total de ciúmes, quando seu brilhante protegido, Paulo, ultrapassou-o e tornou-se o membro dominante da equipe. Segue-se que o líder deve dar a seus subordinados campo suficiente para o exercício e desenvolvimento de seu potencial.

Segundo John R. Mott, os líderes devem multiplicar-se mediante o desenvolvimento de jovens, dando-lhes oportunidade de exercício, e oportunidade para desenvolverem seus dons. A fim de que se atinja tudo isto, dever-se-ia colocar sobre eles encargos pesados de responsabilidades, incluindo oportunidades para demonstrar iniciativa e capacidade de decisão. Deveriam receber reconhecimento e crédito generoso pelos resultados obtidos. O principal é que se confie neles. Os erros são o preço inevitável do treinamento de líderes.

Recentemente, numa conferência de missionários, um líder nacional foi convidado para expressar francamente, do ponto de vista asiático, o que ele considerava ser o papel do missionário no mundo de hoje. Entre outras coisas, disse ele o seguinte: "O missionário de hoje, no Oriente, deveria cessar de ser uma pessoa que faz tudo, e tornar-se uma pessoa que treina outros." Embora isto não seja, obviamente, a verdade, em todas as

situações do campo missionário, lança luz sobre uma das grandes necessidades da estratégia missionária atual.

A tarefa de treinar líderes em potencial é delicada, e requer muita habilidade. O líder sábio não fará propaganda dos fins que tem em vista. O bispo Stephen Neill apela para sua vasta experiência, e aponta alguns dos perigos de uma abordagem errada a esse aspecto vital do trabalho cristão: "Se nos propusermos a produzir uma raça de líderes, o que na verdade conseguiremos será, provavelmente, uma raça de intelectuais descontentes, ambiciosos e tensos. Dizer a um homem que ele foi chamado para ser um líder é o modo mais rápido de levá-lo à ruína espiritual, visto que no mundo cristão a ambição é o veneno mais mortífero do que qualquer outro pecado e, se a pessoa se entregar a ela, ficará inútil para o ministério. A coisa mais importante, hoje, é a qualidade espiritual, ao invés da intelectual, nos cristãos nacionais que forem chamados para arcar com responsabilidades nas igrejas mais novas."

O bispo Leslie Newbigin vai até mesmo mais longe, e questiona até onde o conceito de liderança é algo que se deva encorajar nos jovens. É muito difícil usá-lo sem cair-se nos enganos da liderança mundana. A necessidade não é tanto de líderes, mas de santos e de servos, e a menos que tal fato seja mantido constantemente como pano de fundo, a idéia de treinar líderes torna-se sumamente perigosa. O padrão de treinamento cristão para liderança deve, ainda, ser aquele dado pelo Senhor, em Seu treinamento dos doze.

Talvez o trabalho mais estratégico e frutífero do missionário, no mundo contemporâneo, é ajudar os líderes de amanhã desenvolverem seu potencial espiritual. É tarefa que exige estudo cuidadoso, planejamento sábio, paciência infinita e amor cristão genuíno. Não é tarefa que se deixe ao acaso. O Senhor devotou a maior parte de Seu ministério de três anos moldando os caracteres e disciplinando os espíritos de Seus discípulos. Nesse trabalho essencial o objetivo não era o tempo. Paulo palmilhou o caminho de Seu Senhor treinando jovens que prometiam, como Timóteo e Tito.

O método de Paulo de preparar Timóteo para a responsabilidade de pastorear a erudita igreja de Éfeso é bastante instrutivo. Timóteo teria cerca de vinte anos de idade, quando se iniciou sua tutoria. Havia sido educado numa atmosfera feminina. A tendência para a efeminação provavelmente acentuou-se pela sua saúde precária. Sua timidez inata requeria, também, a devida correção. O registro indica que ele precisava de mais ferro em sua constituição. Havia uma tendência para a inconstância no trabalho, e para tolerar demais, e ser parcial para com as pessoas importantes. Seria petulante e irritadiço com os oponentes. Tendia a confiar numa velha experiência, ao invés de reviver sua chama quase apagada. Contudo, Paulo tinha aspirações muito altas e exigentes para o jovem, e não lhe poupou experiências duras, nem o acobertou contra as provações

que endureceriam sua fibra e lhe confeririam virilidade. Ele não hesitou em atribuir-lhe tarefas que estavam acima de suas forças. De que outra forma poderia um jovem desenvolver capacidade maior, senão mediante a dedicação a tarefas que o desafiariam até o extremo de suas possibilidades?

As viagens ao lado de Paulo colocariam Timóteo em contato com homens de todo tipo, homens de estatura, cujas personalidades e realizações acenderiam nele uma ambição santa. Com seu tutor, ele aprenderia como enfrentar triunfantemente as crises que pareciam rotineiras na vida e ministério de Paulo. Gozou ele o privilégio de ouvir a pregação paulina, e também de pregar. Recebeu a incumbência de estabelecer o grupo de cristãos de Tessalônica, e confirmá-los na fé. Não deixou de estar à altura da confiança nele depositada. Os padrões exigentes de Paulo, suas elevadas expectativas e pesadas solicitações fizeram com que se extraísse o melhor e o máximo de Timóteo, salvando-o, provavelmente, da mediocridade.

O Dr. Paul S. Rees conta-nos de uma viagem que fez, na Bolívia, na companhia do Rev. Samuel Escobar. “Ele estava lendo um livro”, disse o Dr. Rees, “que obviamente achava muito interessante. Depois de alguns resmungos baixos de excitação, ele despertou minha curiosidade. O livro intitulava-se *Dedication and Leadership Techniques*. O autor era um inglês chamado Douglas Hyde, que durante vinte anos fora membro organizador, agitador e ativo do partido comunista. Em 1948, converteu-se, renunciou ao marxismo, e se tornou um cristão católico romano praticante.

Certamente uma das mais fascinantes histórias desse livro — uma história relacionada com seus anos no comunismo — envolve outro jovem que veio até Douglas Hyde e pediu-lhe que fizesse dele um líder. “Achei,” disse Hyde, “que eu nunca, antes, tinha visto alguém que parecesse menos um líder, em toda minha vida. O sujeito era baixinho, grotescamente gordo, com uma cara enorme, mole, larga e chata . . . um olho torto,” e falava “gaguejando que era uma tristeza.” Que aconteceu? Bem, ao invés de mandá-lo embora como candidato sem qualquer esperança, Hyde lhe deu uma oportunidade — oportunidade de estudar, de aprender, de testar sua dedicação, de abrandar sua gagueira. Por fim, ele se tornou um dos líderes num dos sindicatos mais infiltrados de comunistas da Inglaterra.

O líder que está atento poderá descobrir qualidades latentes de liderança em pessoas que estão longe de serem simpáticas.

Deixando-se de lado a discussão dos méritos de seu movimento, Frank Buchman, fundador do Rearmamento Moral, tinha muito jeito para liderança. Dizia ele que, se não tivesse treinado os outros para fazerem bem melhor as coisas que ele próprio vinha fazendo, teria falhado. Durante muitos anos ele trabalhou no sentido de tornar-se perfeitamente dispensável e, em fazendo isto, diferiu de muitos outros líderes.

Nos campos missionários, nenhum trabalho é mais importante do que este, porque o desenvolvimento da nova igreja dependerá do calibre espiritual e do treinamento dos cristãos nacionais. Passado o estágio inicial, pioneiro, em qualquer campo, esta nova fase do trabalho deveria ter absoluta prioridade. A multiplicação de si mesmo nas vidas dos jovens promissores entre os quais trabalha, deveria ser um dos principais objetivos do missionário.

Ao treinar-se jovens missionários para a liderança, deve-se prover flexibilidade para o caso de um missionário incomum, ou excepcional. Deus tem Seus "irregulares", muitos dos quais têm dado uma grande contribuição à evangelização do mundo. Quem poderia ter colocado Charles T. Studd em algum tipo de molde? Homens e mulheres assim não podem ser medidos por padrões ordinários, ou obrigados a conformar-se com padrões e modelos fixos.

Um destes missionários foi Douglas Thornton, que deixou marca indelével em seu trabalho entre os maometanos no Oriente Médio. Era um homem de talentos raros. Mesmo quando recruta inexperiente, cru, ele não hesitava em expressar pontos de vista que, para seus superiores, pareciam radicais e impraticáveis. Assim escreveu seu biógrafo:

Não causa surpresa saber-se que ele se sentiu constrangido a escrever, à sua sociedade, uma carta em que expunha seus pontos de vista quanto ao passado, ao presente e ao futuro do trabalho no Egito. Não era um precedente que os jovens missionários, depois de três meses e meio no campo, seriam encorajados a imitar. Nesta ocasião, também, muitas pessoas balançaram suas cabeças. Contudo, Thornton era um homem excepcional. O passar do tempo provou que valia a pena estudar seus pontos de vista, e até mesmo suas efusivas manifestações. Nunca foi seguro ignorar suas palavras. A maioria dos novatos reservaria suas observações para uma época de maior maturidade. Entretanto, quando chega o homem excepcional, duas coisas precisam ser observadas — o homem precisa aprender a fazer suas observações de maneira correta, de modo a atrair seus superiores; seus chefes precisam aprender a extrair de alguém que talvez seja capaz e eficiente, a despeito da falta de conhecimento local, idéias e informações com que se beneficiarão enormemente, por serem espontâneas e de primeira mão. Estas duas coisas constituem lições difíceis.

Falta dizer que o treinamento de líderes não pode ser feito mediante o emprego das técnicas de produção em massa. Requer instrução paciente e cuidadosa, orientação pessoal acompanhada de muita oração, ao indivíduo, durante bastante tempo. "Os discípulos não se fazem por atacado. São feitos um por um, porque alguém tomou as dores para disciplinar, instruir, iluminar, alimentar e treinar um jovem."

Quando alguém é realmente marcado por Deus para liderança, Ele providenciará tudo para que ele receba as disciplinas necessárias para tornar-se eficiente.

Quando Deus deseja treinar um homem,
Eletrizar um homem,
Capacitar um homem;
Quando Deus deseja amoldar um homem,
Desabrochar sua parte mais nobre;
Quando Ele anseia com todo Seu coração
Criar um homem tão grande, tão audaz,
Que o mundo ficará estupefato,
Observai Seus métodos, vede Seus caminhos!
Ele impiedosamente aperfeiçoa
Aquele a quem soberanamente elege!
Vede como Ele o martela, como o fere,
E com golpes poderosos o converte
Em pedaços tentativos de barro que
Só Deus compreende;
O coração torturado do homem chora,
Enquanto ergue mãos suplicantes!
O Senhor verga, mas jamais quebra,
Na busca do bem de Seu filho;
Vede como Ele usa aquele a quem escolheu,
E com propósito o funde;
Cada ato induz aquele homem
A descobrir o esplendor de Deus —
Pois Deus sabe o que faz!

AUTOR DESCONHECIDO

21

Os Perigos Peculiares da Liderança

Tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado.

1 CORÍNTIOS 9:27

Embora haja riscos ocupacionais em todas as profissões, os perigos do líder espiritual são especialmente sutis. Ele não está, absolutamente, imune às tentações da carne; contudo, os perigos mais graves, contra os quais convém resguardar-se, são os que jazem no reino do espírito. Ele deve se lembrar que “Satã Sem Descanso”, o inimigo incansável, tirará vantagem de cada centímetro de chão que lhe for concedido, em qualquer área da vida.

ORGULHO

O simples fato de alguém ter sido elevado à posição de líder, com a proeminência que lhe confere isto, tende a engendrar um orgulho e uma autocongratulação secreta que, se não forem podados, o desqualificarão para a continuidade de serviço no reino, porque “abominável é ao Senhor todo arrogante de coração” (Prov. 16:5). Que palavras fortes e iluminadoras, estas! Nada é mais detestável para Deus do que o orgulho. O primeiro pecado, o fundamental, em essência, é o que objetiva a entronização do eu no lugar de Deus. Foi este pecado que transformou o querubim ungido, guardião do trono de Deus, no abominável inimigo infernal, e que o levou a ser expulso do céu.

Das milhares de formas que este pecado assume, nenhuma é mais abominável do que o orgulho espiritual. Ser orgulhoso dos dons que Deus

concedeu, ou da posição a que Seu amor e graça nos elevou, é esquecer-nos de que a graça é uma dádiva, e que tudo quanto temos nos foi dado.

O orgulho é um pecado de cuja presença a vítima tem pouquíssima consciência. Há, entretanto, três testes por meio dos quais pode-se descobrir imediatamente se sucumbimos ou não às suas lisonjas.

O teste da inveja. Como reagimos quando outra pessoa foi selecionada para a posição que esperávamos, ou para o cargo que cobiçávamos? Quando alguém é promovido e somos esquecidos? Quando alguém nos ultrapassa em dons e realizações?

O teste da sinceridade. Em nossos momentos de honesta autocrítica, diremos muitas coisas sobre nós mesmos, e teremos falado a verdade. Contudo, como é que nos sentimos quando outros, especialmente nossos rivais, dizem exatamente as mesmas coisas a nosso respeito?

O teste da crítica. A crítica levanta hostilidade e ressentimento em nosso coração, levando-nos imediatamente à autojustificação? Apressamo-nos a criticar o crítico?

Se formos honestos, quando medirmos a nós mesmos, comparando nossa vida com a do Senhor Jesus, que Se humilhou até a morte numa cruz, não restaria nada senão ficarmos espantados com nossa falsa aparência de bijuteria barata, com nossa baixeza, com nossa vileza de coração. Ao vislumbrarmos nosso orgulho com suas cores reais, nosso grito seria:

Exclua-se a vanglória, derrube-se o orgulho;
Sou apenas um pecador salvo pela graça.

JAMES M. GRAY

EGOÍSMO

O egoísmo é uma das manifestações repulsivas do orgulho. É a prática de pensar e falar muito de si mesmo; é o hábito de magnificar as realizações da pessoa, ou sua importância. Leva a pessoa a considerar todas as coisas em relação a si mesma, ao invés de em relação a Deus, e ao bem-estar de Seu povo. O líder que durante muito tempo tem sido admirado e cortejado por seus seguidores, corre o grande risco de sucumbir diante deste perigo.

Quando Robert Louis Stevenson chegou a Samoa, foi convidado pelo diretor do Instituto de Malua, que treinava pastores nativos, para fazer uma palestra aos estudantes. Ele aceitou de boa vontade. Seu discurso baseou-se na história do profeta velado do maometismo. Esse profeta, luz brilhante dentre os mestres de seu povo, usava um véu sobre a face porque,

dizia ele, a glória de seu rosto era tão grande que ninguém podia suportar a luz.

Com o passar dos tempos, o véu envelheceu e começou a espedaçar-se. Foi quando o povo descobriu que ele era apenas um velhinho feio, que tentava esconder sua própria feiúra. Stevenson prosseguiu, enfatizando a necessidade de total sinceridade, baseado em que, não importando quão elevadas sejam as verdades ensinadas pelo pregador, e por mais que ele se esforce para esconder habilmente suas falhas de caráter, chegará o dia em que o véu cairá, e o homem será visto pelas pessoas como ele realmente é. Será visto, quer sob o véu esteja a face horrenda do egoísmo, ou a glória transfigurada do caráter semelhante a Cristo.

Um bom teste sobre a elevação e queda do egoísmo é a observação de como você ouve os louvores dirigidos a outros homens de sua posição. Se você não puder ouvir louvores a seus rivais, sem um desejo de entregar-se à detração, ou fazer uma tentativa de menosprezar seus trabalhos, tenha certeza de que existe um impulso egoísta, não mortificado, em sua natureza, que ainda precisa ser levada sob a graça de Deus.

INVEJA

A inveja é parente próximo do orgulho. A pessoa invejosa tem apreensão e suspeitas contra seus rivais. Esta tentação sobreveio a Moisés mediante a tocante lealdade de seus próprios colegas. “Eldade e Medade profetizam no arraial.” Disse, então, Josué, a seu mestre: “Moisés, meu senhor, proíbe-lho” (Núm. 11:28). Estes dois, dentre aqueles homens a quem Moisés havia nomeado assistentes, haviam começado a profetizar. Seus seguidores leais ficaram enciumados, favoráveis a Moisés, não concordando com a usurpação das prerrogativas proféticas, e com o desafio ao prestígio do líder. Contudo, inveja e ciúme não encontraram campo para desenvolvimento, na natureza generosa do homem que costumava falar com Deus face a face. Tais assuntos poderiam ser deixados, com maior segurança, nas mãos do Deus que o havia chamado.

“Tens tu ciúmes por mim?” foi a resposta tranqüila de Moisés. “Oxalá todo o povo do Senhor fosse profeta.” O líder que tem ciúmes da glória de Deus não precisa interessar-se pelo seu próprio prestígio e prerrogativas. Tudo está nas mãos do Senhor.

POPULARIDADE

O culto da personalidade não está confinado ao comunismo. Existia nos dias de Paulo, na igreja de Corinto, e existe na Igreja, hoje. Sempre haverá aquelas almas simplórias que darão indevida deferência a seus líderes espirituais, e que tendem a exaltar um acima de outro.

Tal prática era prevalecente em Corinto, e motivou Paulo a escrever. "Quando, pois, alguém diz: Eu sou de Paulo; e outro: Eu, de Apolo; não é evidente que andais segundo os homens? Quem é Apolo? E quem é Paulo? Servos, por meio de quem crestes, e isto conforme o Senhor concedeu a cada um. Eu plantei, Apolo regou; mas, o crescimento veio de Deus . . . porque de Deus somos cooperadores." (1 Cor. 3:4-6, 9).

Uma deferência exagerada aos líderes da igreja é marca de imaturidade espiritual e de carnalidade. A aceitação de lisonjas tão servis da parte do líder é evidência destas mesmas fraquezas. Paulo ficou chocado, e repudiou a lisonja vigorosamente. Não é errado ser amado por aqueles a quem alguém resolveu servir; contudo, sempre há o perigo de a devoção desviar-se do Mestre para o servo. Os líderes espirituais merecem apreço: "Agora, vos rogamos, irmãos, que acateis com apreço os que trabalham entre vós, e os que vos presidem no Senhor e vos admoestam . . . por causa do trabalho que realizam." (1 Tess. 5:12-13). Esta estima, contudo, não deve degenerar em adulação.

O líder mais bem sucedido é aquele que desvia o afeto de seus seguidores para Cristo, ao invés de para si mesmo. Ele pode, corretamente, obter encorajamento pelo fato de seu trabalho estar sendo frutífero e apreciado; contudo, deve fugir escrupulosamente de ser idolatrado.

Que líder ou pregador não deseja ser popular entre seu povo? Obviamente, não há virtude alguma na impopularidade. Entretanto, a popularidade pode ser comprada a um preço demasiado elevado. Jesus deixou isto claríssimo, quando ensinou: "Ai de vós, quando os homens falarem bem de vós." E expressou uma verdade complementar ao afirmar: "Bem-aventurados sois quando os homens vos odiarem, e quando vos expulsarem da sua companhia, vos injuriarem e rejeitarem o vosso nome como indigno, por causa do Filho do homem." (Luc. 6:22).

Disse o bispo Stephen Neil, numa palestra a estudantes de teologia: "A popularidade é o maior perigo espiritual imaginável, porque conduz facilmente ao orgulho espiritual, o qual afoga os homens na perdição. É sintoma a ser observado com ansiedade, porque mui freqüentemente a popularidade tem sido comprada pelo alto preço da transigência com o mundo."

Os perigos da popularidade e do sucesso estiveram constantemente diante de Spurgeon, em seu ministério singular.

O sucesso expõe o homem à pressão das pessoas e, assim, tenta-o

a agarrar-se a seus ganhos, por meio de métodos e práticas carnais, fazendo com que ele seja governado inteiramente pelas exigências ditatoriais da expansão incessante. O sucesso poderá subir à minha cabeça, e o fará, a menos que eu me lembre de que é Deus quem desempenha o trabalho, de que Ele pode continuar a executá-lo sem minha ajuda, e de que Ele será capaz de prosseguir por outros meios, quando me tiver reduzido às minhas verdadeiras proporções.

Aonde quer que fosse, a popularidade de George Whitefield era imensa. Entretanto, ele chegou a ficar cansado de sua popularidade, e frequentemente invejava o homem que podia entrar num restaurante para saborear sua refeição sem que alguém notasse sua presença. Nem sempre, porém, ele pensou assim. Nos primórdios de sua carreira ele dizia que era morte, para ele, ser desprezado; e pior do que a morte, o pensamento de que pudesse ser objeto de risadas. “Porém, já vi popularidade demais, a ponto de estar enjoado”, declarou.

A alguém que o advertiu sobre tomar cuidado com os perigos da popularidade, ele replicou: “Agradeço-lhe de coração. Que Deus o recompense por preocupar-se com minha alma. Quanto ao que meus inimigos dizem contra mim, eu sei coisas piores sobre mim mesmo, do que as que eles dizem.”

INFALIBILIDADE

Espiritualidade não significa infalibilidade. O fato de uma pessoa ser morada do Espírito Santo e procurar ser conduzida pelo Espírito, sem dúvida significará que essa pessoa estará menos apta a cometer erros do que aqueles que não têm o Espírito. Contudo, visto que essa pessoa ainda está na carne, ela não é infalível. Até mesmo os apóstolos chamados por Deus, cheios do Espírito, cometeram erros que exigiram correção divina.

O líder que conhece Deus, e provavelmente O conhece melhor do que seus companheiros, corre o perigo de cair, inconscientemente, neste erro sutil. Visto que seu julgamento em geral tem sido mais acurado do que o deles; visto que ele tem orado mais, meditado mais, e lutado mais com os problemas, mais intensamente do que eles; é difícil para o líder admitir a possibilidade de errar, e aceitar o julgamento de seus companheiros. Ele deve ser um homem de convicção, e estar preparado para lutar por aquilo em que ele acredita; todavia, isto é diferente de a pessoa assumir infalibilidade virtual. A disposição para aceitar a possibilidade de erro de julgamento, e aceitar, também, o julgamento vindo de seus irmãos, aumenta e não diminui a influência do líder. A infalibilidade resulta em perda de confiança. É estranho que tal atitude possa coexistir com genuína humildade em outras áreas da vida do líder, mas é pura verdade.

INDISPENSABILIDADE

Muitos líderes que têm exercido vasta influência, sucumbem diante da tentação de pensar que são indispensáveis e que, nos melhores interesses do trabalho, não deveriam renunciar. Agarram-se à autoridade, muito tempo depois do momento em que esta deveria ter sido passada a pessoas mais jovens. Em nenhuma outra esfera esta tendência desastrosa é mais prevalente do que no trabalho cristão. O progresso da obra é detido durante anos, por homens bem intencionados, mas envelhecidos, que se recusam a desocupar o cargo, e insistem em segurar as rédeas diretivas em suas mãos trêmulas. O autor encontrou um excelente cristão de quase noventa anos de idade, que ainda era o superintendente da Escola Dominical de uma igreja da cidade. Isto acontecia, não porque não houvesse gente nova à disposição. Parecia que os oficiais da igreja não tinham coragem suficiente para resolver a questão realisticamente. Infelizmente, há pessoas bem intencionadas que encorajam tais homens a alimentar o mito de sua indispensabilidade, mas à medida que vamos envelhecendo, tornamo-nos progressivamente inabilitados para avaliar nossa própria contribuição com objetividade.

O missionário que se fez indispensável à igreja que ajudou a formar, prestou-lhe um desserviço. Desde os primeiros dias deveria ter sido seu objetivo calculado, permanecer nos fundos, e cultivar em seus membros uma dependência real do Senhor, e treinar homens espirituais que, tão cedo quanto possível, pudessem assumir completa responsabilidade pelo trabalho.

EXALTAÇÃO E DEPRESSÃO

Em todo trabalho para Deus há, inevitavelmente, épocas de desencorajamento e frustração, tanto quanto épocas de exaltação e realização. O líder corre o perigo de tornar-se indevidamente deprimido pela frustração, e indevidamente exaltado pela realização. Nem sempre é fácil descobrir o meio termo entre um estado e outro.

Os setenta discípulos voltaram de sua missão bastante exaltados com seu sucesso. Jesus imediatamente podou-lhes tal reação carnal, embora natural. "Alegrai-vos, não porque os espíritos se vos submetem, e, sim, porque os vossos nomes estão arrolados nos céus." (Luc. 10:20).

Após o drama do Carmelo, Elias experimentou depressão tão profunda que desejou morrer. O Senhor corrigiu suas reações mórbidas de autopiedade de maneira muito prosaica. Ele não se aproximou de seu profeta exausto com uma sonda ou bisturi espirituais. Ao invés disso, determinou-lhe dois longos sonos, e duas refeições. Só depois é que Ele começou a lidar com o problema espiritual mais profundo. Eis aqui uma

lição de valor permanente. Ele pode mostrar a Elias que não havia base real para seu desencorajamento. Ainda havia sete mil de seus compatriotas que não dobraram seus joelhos a Baal. Ao fugir, ele privou a nação da liderança de que ela necessitava desesperadamente.

Reconhecer que nossos ideais quanto à obra de Deus não serão todos realizados é ser realista. Todos os ídolos queridos têm pés de barro. As pessoas em quem nos apoiamos revelam-se canas partidas. Até mesmo a liderança que foi profundamente sacrificial às vezes será desafiada. Contudo, o líder espiritualmente maduro saberá como discernir a verdadeira origem de sua depressão e desencorajamento, e tratará essa causa de forma acertada.

A maioria das pessoas que conheceram o Dr. F. B. Meyer não hesitaria em descrevê-lo como um otimista convicto, sempre enxergando o lado brilhante das coisas, sempre esperançoso, sempre vigoroso, sempre confiante do triunfo final do bem sobre o mal. E tais pessoas estariam certas. Ele de fato era agradavelmente esperançoso e inspirativo. Contudo, ele era um homem demasiado perspicaz, que pensava muito, um grande estudante da humanidade, sendo ele próprio imensamente humano, chegando a ser vencido, de vez em quando, por visões pessimistas da vida. Ocasionalmente ele descia às profundezas do desespero humano. Ele havia visto, muito freqüente e claramente o lado avesso da vida, e isto o levava a entristecer-se e a ficar pessimista, de vez em quando.

Era um homem de tais sentimentos, contudo, nunca permaneceu naquelas profundezas.

Por haver depressões de outro tipo, como C. H. Spurgeon o testificou em sua palestra “Os Acessos de Desânimo do Ministro”:

Antes de qualquer grande realização, alguma depressão é muito comum . . . Esta foi minha experiência quando me tornei pastor em Londres. Meu sucesso me aterrou, e o pensamento de uma carreira que parecia desabrochar, longe de animar-me, lançou-me na mais profunda depressão, dentro da qual murmurei minha *miserere*, não encontrando lugar para nenhuma *gloria in excelsis*. Quem era eu para continuar a liderar tão grande multidão? Eu me retiraria para a obscuridade de minha vida, ou emigraria para a América, para encontrar um ninho solitário na floresta onde eu seria suficiente quanto às coisas que seriam exigidas de mim. Exatamente quando a cortina começava a subir para o trabalho de minha vida, eu temia o que poderia ser-me revelado. Espero não ter sido um homem sem fé, apenas mui medroso, e cheio de um senso de minha inadequação . . . Esta depressão sobre-

vém sempre que o Senhor está preparando uma bênção maior para o meu ministério.

Há ocasiões quando tudo vai bem. Atingem-se os alvos, os esforços planejados são coroados de sucesso, o Espírito se move, almas são salvas e os santos são abençoados. Nestes tempos o líder amadurecido sabe em qual testa colocará a coroa de realizações. Quando Robert Murray McCheyne experimentava épocas de bênçãos em seu ministério, ao voltar para casa, após o culto, ele se ajoelhava e, simbolicamente, colocava a coroa de sucesso na cabeça do Senhor, a Quem ele sabia que ela pertencia. Essa prática o ajudava a salvar-se do perigo de arrogar-se a glória que pertencia a Deus, e a mais ninguém.

Samuel Chadwick resumiu a sábia atitude para enfrentar esse perigo, com estas palavras enigmáticas: "Se vitorioso, não cante de galo; se derrotado, não esconda a cabeça."

PROFETA OU LÍDER

Às vezes, há um conflito entre dois ministérios, para os quais um homem é bem adequado. Por exemplo, um pregador que possua excelentes dons de liderança poderá chegar a uma posição, em sua igreja, ou instituição eclesiástica, que o compeliará a escolher um dentre dois papéis: o do líder popular, ou o do profeta impopular.

Este dilema foi retratado pelo Dr. A. C. Dixon, pastor da Igreja Moody, de Chicago e, depois, do Tabernáculo de Spurgeon, em Londres:

Todo pregador deve ser primariamente um profeta de Deus, que prega da maneira como Deus lhe ordena, não importando os resultados. Quando ele se conscientiza de que é um líder em sua própria igreja, ou denominação, atingiu uma crise em seu ministério. Precisa, então, escolher uma dentre duas coisas: será profeta de Deus ou líder de homens. Se ele procurar ser tanto profeta como líder, será, provavelmente, um fracasso nas duas áreas. Se ele decidir manter sua liderança a todo custo, poderá facilmente cair no nível do político que manobra os barbantes, a fim de ganhar ou manter uma posição. Se ele decidir que será um profeta, apenas enquanto e na extensão em que não perderá sua liderança, ele se tornará um diplomata, e deixará totalmente de ser profeta.

Naturalmente, não existe uma divisão assim tão clara, entre as duas funções, como o Dr. Dixon sugere, sendo que uma não exclui, necessariamente, a outra. Porém, pode desenvolver-se uma situação em que o pastor

precisará escolher entre um ministério espiritual, e uma liderança que impediria o exercício pleno daquele ministério. Aqui jaz o perigo.

O Dr. Reuben A. Torrey, a quem Deus usou na passagem do século para levar o reavivamento à metade do mundo, enfrentou esta escolha. O Dr. Dixon escreveu a respeito dele o seguinte:

Os milhares que ouviram o Dr. Torrey conhecem o homem e sua mensagem. Ele ama a Bíblia e, crendo ser ela a Palavra de Deus infalível, prega-a com o fervor chamejante de convicção. Nunca transige. *Ele escolheu ser um profeta de Deus, ao invés de um mero líder de homens*, sendo este o segredo do seu poder para com Deus e os homens.

DESQUALIFICAÇÃO

Nem mesmo o brilhante registro de sacrifícios e de sucessos ilimitados no serviço de Cristo poderiam aquietar no coração de Paulo o temor sadio de que, após ter pregado a outros, ele poderia tornar-se desqualificado (1 Cor. 9:27). Para ele, tal temor era um desafio e uma advertência sempre presentes, como deveria acontecer a todos quantos receberam responsabilidades espirituais. As grandes realizações e a vasta experiência não geraram em Paulo uma presunção complacente nem o levaram a considerar-se imune a um horrendo anticlimax à sua vida de serviço sacrificial.

A palavra que se traduz por “ficar de lado”, ou “reprovado” é usada para metais, e se refere àquele que, tendo sido testado, não passa no teste. Sugere que algo foi rejeitado após ter sido testado, porque não atingiu os padrões exigidos. Do contexto se deduz claramente que Paulo tem em vista ser rejeitado no momento de receber o prêmio, e não ser desqualificado de modo a não participar da corrida. Deixará de ganhar se não atender a todas as regras do jogo.

Parece que Paulo se vê num papel duplo. Não apenas é competidor, mas também o arauto dos jogos. Era função do arauto anunciar as regras do jogo e convocar os competidores. A palavra *pregar* é derivada do verbo *anunciar como arauto*. O temor de Paulo era que, depois de funcionar como arauto que conclamava outros para entrar na corrida, ele próprio falharia, ao ser testado pelos mesmos padrões. Em tal caso, sua exaltada posição como arauto serviria apenas para agravar a discutível desgraça.

É digno de nota que a falha que ele tem em mente relaciona-se com o corpo e, para resguardar-se contra este perigo, praticava rigorosa auto-disciplina. Charles Hodge afirma que, nas Escrituras, o corpo “como sede e órgão do pecado, é o termo para indicar toda nossa natureza pecaminosa. Paulo não se esforçava apenas para subjugar sua natureza sensual, mas a todas as más tendências de seu coração.”

O remédio para este perigo sempre presente, segundo Paulo, jazia não apenas no reino da doutrina, ou da ética, mas no reino físico. A palavra temperado, no original, significa moderação por subjugação própria — nada de ascetismo, de um lado, nem auto-indulgência, de outro. Ele não permitia que seu corpo se tornasse senhor, fosse através do apetite, fosse por indulgência e relaxo. A cláusula “reduzo à escravidão” retrata o general vencedor, conduzindo para sua pátria aqueles a quem ele conquistou na guerra, em marcha triunfal, os quais agora são seus escravos. A. S. Way traduz apropriadamente esta passagem assim: “subjugo minha natureza animalesca, e trato-a como meu escravo, não como meu senhor.”

22

Neemias, Líder Exemplar

Lembra-te de mim, Deus meu, para o meu bem.

NEEMIAS 13:31

Na vida de Neemias encontra-se um dos mais extraordinários exemplos bíblicos de liderança inspiradora e autoritativa. Há épocas em que seus métodos parecem vigorosos demais, porém, ele foi usado por Deus para realizar reformas espetaculares na vida da nação, num tempo incrivelmente curto. Analisando-se sua personalidade e métodos, verifica-se que os métodos que ele adotou foram eficientes apenas por causa da qualidade de seu caráter.

O CARÁTER DE NEEMIAS

A primeira impressão que se recebe ao ler sua história é que Neemias foi um homem de *oração*. Sua primeira reação ao ouvir da triste situação de Jerusalém foi voltar-se para Deus em oração, o que evidencia que ele não era um estranho diante do trono da graça. O registro sagrado está todo salpicado de orações curtas e espontâneas. Para Neemias, oração não era apenas um exercício para determinadas ocasiões, mas uma parte vital do trabalho e da vida diária (1:4, 6; 2:4; 4:4, 9; 5:19; 6:24; 13:14, 22, 29).

Ele demonstrava *coragem* face a grandes perigos. “Homem como eu fugiria? e quem há, como eu, que entre no templo para que viva? De maneira nenhuma entrarei” (6:11). Esta demonstração de firmeza e de falta de medo foi importante para aumentar o moral de um povo desencorajado.

Ele manifestou *interesse genuíno* pelo bem-estar do povo, um interesse tão óbvio que até seus adversários o comentaram. “E muito lhes desagradou que alguém viesse a procurar o bem dos filhos de Israel” (2:10). Seu interesse achou expressão no jejum, nas orações e nas lágrimas (1:4-6). Neemias identificou-se com seu povo, não apenas em suas tristezas, mas também em seus pecados: “faço confissão pelos pecados dos filhos de Israel, que *temos* cometido contra ti, pois eu e a casa de meu pai *temos* pecado” (1:6, grifo do autor).

Neemias demonstrou ter *visão*. Tendo conseguido a atenção favorável do rei, pediu cartas para os governadores através de cujos territórios deveria o povo passar. Mas seus pensamentos foram mais adiante, para a tarefa que o aguardava em Jerusalém, e ele pediu também cartas para o guarda das florestas do rei, de modo que pudesse obter a madeira necessária “para as vigas das portas da cidadela do templo, para os muros da cidade . . .” (2:8). Ele planejava as coisas com muito cuidado.

Havia uma corrente de precaução sadia, percorrendo todas as atividades aventurescas de Neemias. Ao chegar a Jerusalém, não embarcou precipitadamente no trabalho. “Cheguei a Jerusalém, onde estive três dias” (2:11). Só depois deste lapso de tempo, durante o qual estivera avaliando cuidadosamente a situação, é que ele agiu. E mesmo então, sua prudência inata levou-o a manter silêncio a respeito dos propósitos de sua vinda. Até mesmo o reconhecimento das ruínas da cidade foi feito sob a capa da noite escura.

Neemias foi essencialmente um homem de *decisão firme*. Não adulava quando devia decidir. Não havia lugar para a procrastinação em sua natureza enérgica.

Possuía muita *empatia*. Estava disposto a ouvir com muita simpatia os problemas e reclamações do povo, e tomava providências para sanar a situação (4:10-12; 5:1-5). (Certo líder fez a seguinte observação a respeito de um subordinado: “Eu não iria permitir que ele chorasse no meu ombro!” Mas, é para isso que existe o ombro do líder!)

As decisões e ações de Neemias se caracterizaram por *estrita imparcialidade*. Ele jamais fez discriminação de pessoas. Os nobres e os dirigentes recebiam censura quando merecidas, tanto quanto o povo comum. “Repreendi os nobres e magistrados . . . convoquei contra eles um grande ajuntamento” (5:7). Sua abordagem dos problemas não excluía um *realismo sadio*. “Nós oramos ao nosso Deus . . . e pusemos guarda contra eles, de dia e de noite” (4:9).

Ao *aceitar responsabilidades*, Neemias não fugiu às mais pesadas implicações que isto acarreta, mas estava preparado para cumprir suas obrigações, apesar de todas as dificuldades, até a consecução com sucesso dos objetivos finais.

Neemias emerge como um homem vigoroso na administração, calmo nas crises, intemorato no perigo, corajoso nas decisões, completo na

organização, desinteressado na liderança, perseverante em face da oposição, resolutivo diante de ameaças, vigilante contra as intrigas — um líder que obteve e conservou plena confiança da parte de seus seguidores.

OS MÉTODOS DE NEEMIAS

Ergueu o moral de seus companheiros. É uma das mais importantes funções do líder responsável. Ele conseguiu isto estimulando-lhes a fé, e dirigindo seus pensamentos para longe da grandeza de seus problemas imediatos, e para bem perto da grandeza e fidelidade de Deus. Espalhadas por todo o registro sagrado há certezas como estas:

“O Deus dos céus é quem nos dará bom êxito” (2:20).

“A alegria do Senhor é a vossa força.” (8:10).

Fé gera fé. O pessimismo gera descrença. É responsabilidade primordial do líder espiritual alimentar a fé de seus companheiros.

Ele era generoso na apreciação e no encorajamento. Neemias lidou com um povo desencorajado e desmoralizado. Seu primeiro objetivo foi reacender a esperança e, depois, assegurar a cooperação. Ele conseguiu isto, em parte, ao recontar fatos sobre a boa mão de Deus, que estivera sobre ele, e também ao compartilhar com o povo sua visão, e sua total confiança em Deus. “E lhes declarei como a boa mão do meu Deus estivera comigo, e também as palavras que o rei me falara. Então, disseram: Disponhamo-nos, e edifiquemos. E fortaleceram as mãos para a boa obra” (2:18).

As falhas e os fracassos devem ser corrigidos com fidelidade, mas, o que importa é a maneira como isto é feito. Parece que Neemias conseguia fazer isto de modo a inspirar o povo a melhorar mais e mais. Mais do que isso, sua disciplina fiel e firme ganhou-lhe a confiança e estabeleceu ainda mais sua autoridade junto ao povo.

Ele tratava imediatamente das causas potenciais das fraquezas. Dois casos típicos estão registrados.

O povo estava *desencorajado por cansaço e obstrução*. (4:10-16). O povo estava completamente exausto; detritos acumulados impediam o progresso da obra, os adversários o intimidavam. Que táticas empregou Neemias? Dirigiu os pensamentos do povo para Deus. Providenciou que estivessem adequadamente armados. Reagrupou-os e posicionou-os estrategicamente. Fortificou os laços familiares. Ordenou que metade trabalhasse e a outra metade defendesse e descansasse. A coragem voltou ao povo quando este percebeu que seu líder dava atenção, e respostas, a seus problemas.

No segundo caso, o povo estava *desiludido por causa da ambição e usura* da parte de seus irmãos ricos (5:1-5). Suas terras estavam hipotecadas; alguns de seus filhos haviam sido vendidos como escravos. “Não está em nosso poder evitá-lo; pois os nossos campos e as nossas vinhas já são de outros”. Nada destrói o moral do povo mais do que ver o bem-estar dos filhos afetado adversamente.

Outra vez, as táticas empregadas por Neemias estão cheias de instruções para nós. Ele ouviu atentamente as reclamações, e simpatizou-se com eles em seu dilema. Admoestou e envergonhou os nobres pela sua dureza de coração, ao exigir pesada usura de seus irmãos (5:7). Contrastou as ações deles com seu próprio altruísmo (5:14). Apelou para que houvesse imediata restituição (5:11). Era tão grande sua ascendência espiritual que eles replicaram: “Restituir-lhes-emos, e nada lhes pediremos; faremos assim como dizes” (5:12).

Neemias restaurou a autoridade da Palavra de Deus (8:1-8). As reformas que ele instituiu teriam sido de breve duração, e até mesmo impossíveis, não fora esta restauração. Ele impôs vigorosamente os padrões da Palavra de Deus, a qual emprestou autoridade espiritual às suas ações.

Ele ordenou a restauração da Festa dos Tabernáculos, que não era observada desde os dias de Josué (8:14). Como o povo cansado recebeu bem aqueles feriados e festividades de uma semana! A leitura das Escrituras levou ao arrependimento e à confissão dos pecados da parte do povo e dos sacerdotes (9:3-5). Eliminaram do templo os móveis sacrílegos de Tobias (13:4-9). Restauraram-se os vasos sagrados (13:9), e os dízimos passaram a ser trazidos outra vez para a casa do tesouro (13:5). Reestabeleceu-se o dia de descanso (13:15), proibiu-se o casamento misto com os filhos das nações circunvizinhas (13:23-25), e efetuou-se a separação deles (13:30).

Ele era hábil na organização. Antes de traçar planos detalhados, ele conduziu uma pesquisa detalhada, e fez uma avaliação objetiva da situação (2:11-16). Levantou, também, a disponibilidade de mão-de-obra. Não negligenciou o desagradável trabalho burocrático. A cada grupo foi confiada uma área de responsabilidade, claramente definida. Reconheceu adequadamente o trabalho dos líderes subalternos, mencionando-os por nome, e o lugar onde cada um trabalhou. Receberam a certeza de que não eram meros parafusos numa máquina. Praticou sábia delegação de responsabilidades: “Eu nomeei Hanani, meu irmão, e a Hananias, maioral do castelo sobre Jerusalém” (7:2). Assim, ele estava dando a outros homens capazes a oportunidade de desenvolverem seu potencial de liderança. Tinha altos padrões para os subordinados escolhidos (7:2) — fidelidade, “ele era homem fiel”, e piedade incomum, “temente a Deus, mais do que muitos outros.”.

Sua liderança foi demonstrada em sua *atitude para com a oposição organizada*, que assumiu forma variegada: insulto, insinuações, infiltração, intimidação e intriga. Exigia-se orientação sábia e resoluta para que

houvesse direção firme e constante em meio àquelas torrentes agitadas.

Mais uma vez o recurso primário foi a oração. “Porém nós oramos ao nosso Deus” (4:9). Ele às vezes simplesmente ignorava os adversários, quando isso não apresentava riscos. Impediu firmemente que eles alterassem a rota de sua tarefa central, mais ao mesmo tempo tomou todas as medidas precautórias (4:16). Mais importante do que tudo, ele nunca se desviou de sua fé firme no Senhor (4:20).

O teste da liderança espiritual é se ela resulta na consecução bem sucedida de seus objetivos. No caso de Neemias isto não fica em dúvida. O registro nos diz:

“Acabou-se, pois, o muro” (6:15).

Prezado leitor,

Sua opinião acerca deste livro é muito importante. Escreva-nos. Peça também nosso catálogo. Você o receberá gratuitamente. Nosso endereço:

EDITORA MUNDO CRISTÃO
Caixa Postal 21.257, 04698-970 – São Paulo, SP

Os Editores

Caro leitor

Desejamos que este livro tenha correspondido
a suas expectativas.

Para continuar a atendê-lo sempre melhor,
compartilhe suas impressões de leitura desta
obra escrevendo para:
opinioao-do-leitor@mundocristao.com.br

Cadastre-se para receber nossos
informativos no *site*:
www.mundocristao.com.br

Acesse nosso *blog*:
www.mundocristao.com.br/blog



Editora Mundo Cristão
Rua Antonio Carlos Tacconi, 79
04810-020 — São Paulo, SP